

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23309

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 23 AGOSTO 90 70\$00

Embaixador em Bagdad, ao DL, sobre a sorte dos portugueses

Se saírem saem poucos

Numa reunião, há dois dias, com o embaixador de Portugal em Bagdad, Mesquita de Brito, as autoridades iraquianas afirmaram que só alguns, poucos, portugueses receberão autorização para sair do país e que os outros estão à mercê da evolução das posições de Portugal no conflito do Golfo.

Esta posição do Governo do Iraque contraria anteriores posições assumidas perante o embaixador português. Um «mal-entendido» estará na origem da inesperada mudança. Segundo o embaixador português, «os iraquianos descobriram que leram em algum lugar que Portugal estava a mandar um navio para o Golfo, o que não corresponde à verdade, e agora só deixam sair uma pequena percentagem dos portugueses».

Págs. 2 e 6



□ Cavaco e a Oposição concordam em que não temos condições para mandar tropas para o Golfo, mas os partidos criticam as «hesitações do Governo» □ Vamos comprar mais petróleo a Angola □ Jordânia fecha as portas aos refugiados



Rodoviária: só há controlo em caso de acidente

Após o desastre perto de Viseu, os serviços «expresso» da Rodoviária Nacional polarizaram as atenções. O inquérito instaurado revelou excesso de velocidade e o motorista foi considerado culpado. Mas as condições de trabalho exigem diariamente que se ultrapassem os limites de segurança, e a empresa admite que os tacógrafos só são lidos em casos de anomalias... como um acidente.

Págs. 14 e 15



**RDA acaba
a 3 de Outubro**
Pág. 9

**PCP propõe
fim
da portagem
na ponte**
Pág. 7

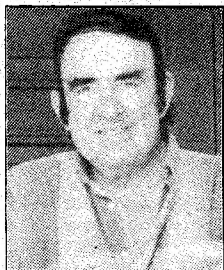
**Canis
de recurso
esgotam
capacidade**
Pág. 17

**Jazz
irresistível
na Gulbenkian**
Pág. 18

**Hoje:
Suplemento
Literário**



PORTE
PAGO



Sousa Veloso afastado da R.T.P.

O «TV Rural», o programa mais antigo da RTP (31 anos), abandonará os ecrãs a partir do dia 15 de Setembro, com a entrada em vigor da nova grelha de programas, afirmou ao DL o seu autor e apresentador, engenheiro Sousa Veloso.

«Para mim foi uma grande surpresa, quando há dois dias Luís Andrade me informou que o director de Programas tinha decidido suspender o TV Rural», disse o engenheiro agrónomo, acrescentando que não lhe foi dada qualquer justificação para o facto. Amanhã despede-se dos telespectadores, no programa «Às Dez».

Sousa Veloso adiantou que o seu programa será substituído por um outro, da responsabilidade de Abraão Veloso, um engenheiro electrotécnico do Porto.

O autor do «TV Rural» foi convidado a ficar ligado à produção do novo programa, mas afirmou estar «moralmente impossibilitado de o fazer».

Pág. 13



Rui Pacheco

Um teimoso na auto-estrada Um residente de Matarraque, na área da Parede, cujo quintal com arrecadação tem de ser arrasado para construção da auto-estrada de Cascais, levou à comparência, no local, de um forte destacamento da GNR, que não teve de intervir. O referido locatário, um dos dezoito afectados pelos trabalhos, está a negociar com a empresa construtora para uma das duas soluções: ou não tocarem no quintal ou demolirem-lhe todo o prédio, com a devida expropriação. O acordo é esperado para esta tarde.

Enquanto o Iraque se recusa a abrir as portas de saída aos reféns, a Jordânia trancou-as aos refugiados que procuram no reino hachemita uma forma de escaparem à cada vez mais certa guerra aberta. Nos corredores da sede das Nações Unidas, adiam-se as grandes resoluções, como a transformação de um embargo num bloqueio legalizado pelo Conselho de Segurança. Nestas páginas e nas que se seguem, os dramas humanos e os dados políticos e militares vêm a par com as consequências económicas da crise no Golfo

GRANDE ANGULAR

URSS «bloqueia» o bloqueio da ONU

A URSS é neste momento o país que está a impedir a decisão do Conselho de Segurança da ONU sobre a adopção de um bloqueio naval ao Iraque, por acreditar ser ainda possível uma solução pacífica para a crise. Os outros quatro membros permanentes do Conselho ou são favoráveis, caso dos EUA, Grã-Bretanha e França, ou não irão opor o seu direito de veto, caso da China. A resolução do Conselho tornou-se ainda mais importante depois de George Bush ter ontem dado a entender que só o total isolamento internacional do Iraque impedirá o confronto armado no Golfo onde «não excui» uma acção ofensiva dos EUA.

Na mesma ocasião, o Presidente norte-americano convocou os reservistas, atitude que tinha sido tomado pela última vez em 1968, quando da guerra do Vietname.

Os cinco membros permanentes têm tido reuniões constantes para tentar encontrar uma posição comum, no género das que permitiram a unanimidade nas anteriores resoluções condenando a invasão do Kuwait, não reconhecendo a sua anexação pelo Iraque, impondo sanções obrigatórias a Bagdad e exigindo

aos iraquianos a autorização para deixar sair os estrangeiros. A China, mesmo não se sabendo se está disposta a participar no bloqueio, deixou ontem claro ao ministro kuwaitiano dos Negócios Estrangeiros, que efectuou uma visita a Pequim, que não usará o seu direito de veto, sendo a abstenção a opção mais provável.

A URSS, segundo o seu embaixador na ONU, Valentin Lozinskiy, «deseja reactivar o Comité de Estado

Maior das Nações Unidas», instância militar que vai decidir se há razões para usar a força no embargo ao Iraque. Essas razões seriam o desrespeito ao embargo por parte de Estados membros da organização. Depois do Líbano ter declarado perante o Conselho que não permitiria a atracagem de navios iraquianos nos seus portos, resta agora saber qual a decisão do rei Hussein da Jordânia, já que o porto de Aqaba continua a ser o principal ponto de abas-

tecimento dos iraquianos.

A Jordânia e a Bulgária pediram uma reunião do Conselho para que os compense das perdas que possam sofrer com o fim do comércio com o Iraque. Esta manhã o Conselho decidiu atribuir ajuda económica à Jordânia, país bastante dependente do petróleo iraquiano e que tem em Bagdad o principal cliente das suas exportações.

Nos corredores do edifício-sede das Nações Unidas, em Nova Iorque,

especulava-se sobre a possibilidade desta reunião ser seguida por uma outra que, a pedido dos EUA, discutisse a questão do bloqueio. Por outro lado, a Jordânia não tem agora nenhuma desculpa para não pôr em prática as sanções da ONU e fechar Aqaba aos iraquianos.

Iniciativa diplomática do rei Hussein

O rei Hussein anunciou ontem em conferência de Imprensa mais uma iniciativa diplomática que o levará às capitais dos países da região. A Jordânia vem assim juntar-se ao Japão e à URSS como os países que, neste momento, ainda acreditam que há hipóteses de uma solução diplomática para a crise.

Esta madrugada, a situação dos estrangeiros que querem abandonar o Iraque, muitos deles originários do Kuwait, piorou com a decisão da Jordânia de encerrar as suas fronteiras com o Iraque até conseguir o repatriamento dos cerca de 130 mil refugiados que procuraram o país desde o início do conflito. Amanhã não ter capacidade para receber os refugiados, que chegam às dezenas de milhar todos os dias.

Quanto aos cidadãos

ocidentais que Saddam Hussein diz ter intenção de usar com «escudo humano», a sua situação permanece inalterada, tendo, no entanto, sido anunciado ontem oficialmente que alguns cidadãos franceses, japoneses, suecos, finlandeses, suíços, austríacos e portugueses, seriam autorizados a sair como «gesto de boa vontade». Há grande desconfiança quanto a estas promessas de Bagdad que, segundo os estrangeiros residentes no Iraque, lhes diz para seguirem para a fronteira jordana mas que quando lá chegam não são autorizados a passar, tendo que fazer o caminho de volta.

Ontem, um porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros confirmou que há ainda 193 assistentes militares do seu país a cumprirem funções no Iraque. «Eles estão apenas encarregues de instruir os iraquianos sobre o manuseamento dos armamentos de fabrico soviético, cumprindo contratos que variam entre um mês até dois anos», declarou o porta-voz, acrescentando que «não vê motivos para que isso seja considerado um desrespeito às sanções da ONU».

Redacção «DL»/Lusa/AFP



Refugiados egípcios voltam para casa a bordo de um barco no porto jordano de Aqaba. A Jordânia decidiu esta madrugada fechar a fronteira com o Iraque para impedir que cheguem mais pessoas

A crise dia após dia

1 de Agosto

Em Jidá, na Arábia Saudita, as delegações do Iraque e do Kuwait interrompem as negociações sobre a resolução de disputas fronteiriças e quotas de petróleo, que estavam a realizar sob a égide do Presidente egípcio Hosni Mubarak. No mesmo dia fecham as fronteiras entre os dois países e as fotografias de satélites-espiões norte-americanos confirmam que os iraquianos estão a concentrar tropas na região.

2 de Agosto

Eram 00.00 horas em Lisboa (02.00 horas no local) quando cerca de 130 mil soldados iraquianos, apoiados por blindados, invadem o Kuwait a pretexto de um pedido de auxílio de «jovens revolucionários» que teriam derrubado o Governo kuwaitiano. Ao nascer do sol já controlavam a capital, obrigando o emir Jaber Al-Ahmed Al-Sabah a fugir de helicóptero para a Arábia Saudita. O Conselho de Segurança da ONU condena, por unanimidade, a invasão. George Bush ordena o envio do porta-aviões «Independence», estacionado no Oceano Índico, para o Golfo Pérsico.

3 de Agosto

Os EUA e a URSS, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, emitem uma declaração conjunta condenando a acção de Saddam Hussein. As tropas iraquianas tomam conta do sul do Kuwait, região onde se encontra a maior parte da riqueza petrolífera. Quase todos os países ocidentais congelam os bens iraquianos e kuwaitianos. Intensa movimentação diplomática. Os países árabes procuram uma solução própria.

4 de Agosto

Continuam as consultas diplomáticas, enquanto os EUA se preparam para a intervenção militar. A CEE estabelece um embargo às importações originárias do Iraque e proíbe venda de armas.

5 de Agosto

George Bush e os seus principais conselheiros fazem uma reunião maratona, enquanto o secretário da Defesa, Dick

Cheney, se encontra com rei Fahd da Arábia Saudita tentando convencê-lo a autorizar o envio de tropas. O Iraque concentra tropas na fronteira saudita, embora anuncie a retirada do Kuwait.

6 de Agosto

O rei Fahd autoriza o envio de tropas norte-americanas, dando início à operação «Escudo do Deserto». Chegam à Turquia caças norte-americanos F-111. O Conselho de Segurança da ONU aprova uma resolução impondo sanções obrigatórias contra o Iraque.

7 de Agosto

Partem para a Arábia Saudita diversos caças F-15. Confirma-se que Bagdad está a reter cidadãos ocidentais.

8 de Agosto

Cinco mil soldados norte-americanos desembarcam na Arábia Saudita e o porta-aviões «Eisenhower» atravessa o Canal do Suez. Em Bagdad anuncia-se a «união política» com o Kuwait. Bush faz discurso anunciando que a operação «Escudo do Deserto» é de carácter defensivo. Começam as «48 horas decisivas» onde se teme que Saddam Hussein mande invadir a Arábia Saudita antes que cheguem mais tropas norte-americanas.

9 de Agosto

A Grã-Bretanha anuncia que participará na força multinacional liderada pelos EUA. A cimeira da Liga Árabe inicia-se no Cairo. Bagdad ameaça utilizar armas químicas contra norte-americanos e Bush afirma que responderá com armamento «não convencional».

10 de Agosto

A Liga Árabe aprova, por maioria, o envio de uma força árabe para a fronteira saudita e condena a invasão do Kuwait. Continuam a chegar tropas dos EUA à Arábia Saudita. Passam as «48 horas decisivas».

12 de Agosto

Saddam Hussein faz uma proposta: retirará do Kuwait se Israel sair dos territórios ocupados, a Síria do Líbano e os EUA do Golfo. Todos recusam.

13 de Agosto

Manifestações de apoio a Saddam Hussein na Jordânia e nos territórios ocupados por Israel. Iraquianos matam britânico que tentava passar a fronteira com a Arábia Saudita. Responsáveis militares dos EUA dizem que os seus navios abrirão fogo sobre quem tentar furar o embargo. Perez de Cuellar afirma que só ONU pode declarar bloqueio.

15 de Agosto

Saddam Hussein aceita condições do Irão e acaba com guerra de oito anos.

16 de Agosto

O rei Hussein da Jordânia encontra-se com Bush mas não aceita fechar o porto de Aqaba aos navios iraquianos.

17 de Agosto

Os EUA anunciam oficialmente a «intercepção» de navios no Golfo e Cuellar volta a afirmar que só a ONU pode decretar bloqueio. A Grã-Bretanha segue posição norte-americana, enquanto a URSS e os países ocidentais, sobretudo a França, mostram reticências.

18 de Agosto

Bagdad anuncia que cidadãos ocidentais serão usados como «escudo humano». EUA mandam tropas para os Emiratos Árabes Unidos.

20 de Agosto

Conselho de Segurança da ONU não se entende sobre bloqueio ao Iraque. Saddam Hussein propõe troca de reféns pelo fim do embargo e retirada norte-americana. Bagdad dá três dias às embaixadas no Kuwait para fecharem as portas. UEO condena o Iraque.

21 de Agosto

Bush recusa qualquer diálogo com o Iraque. A França adere à «intercepção» no Golfo.

22 de Agosto

Bush convoca os reservistas. O rei Hussein anuncia uma viagem por diversos países árabes para, mais uma vez, tentar uma solução pacífica.

Redacção «DL»



Debaixo do Sol escaldante da Arábia Saudita, soldados norte-americanos experimentam os equipamentos destinados a lutar contra armas químicas

Míssil ar-ar prende brasileiros

Trinta dos trezentos brasileiros retidos no Iraque pelas autoridades do país são engenheiros e trabalham na construção de um míssil ar-ar, no âmbito de um projecto mantido em segredo até que o «Jornal do Brasil» revelou que os militares de Bagdad desejam contar com um transportador com capacidade para levar doze quilos de explosivos até um alvo situado, no máximo, a cinco quilómetros de distância. Enquanto os iraquianos alegam, através do seu embaixador Tawkg Al-Muktar, que os trabalhadores estrangeiros devem permanecer no país até ao cumprimento integral dos seus contratos, o porta-voz do Itamarati, ministério brasileiro dos Negócios Estrangeiros, José Vicente Pimentel, manifestou-se favorável ao regresso dos seus compatriotas, sobretudo dos que trabalham em projectos como este, susceptíveis de criar melindres vários à posição externa das autoridades de Brasília.

Há três dias, o «Jornal do Brasil» tinha denunciado a estreita colaboração entre os governos do tempo da ditadura militar e o regime iraquiano, acusando todos de «intencões megalómanas» como a da posse de armas nucleares, até aos finais dos Anos 70.

O brigadeiro brasileiro Hugo Piva, responsável pelo programa espacial do regime dos generais, dirige agora a firma Hop, responsável pelo recrutamento dos técnicos aludidos e seu envio para o Iraque.

Redacção «DL»/Lusa

Embaixador de Portugal em Bagdad ao DL

Mal-entendido impede saída de portugueses

Um «mal-entendido» estará na origem da inesperada recusa do Governo iraquiano em deixar sair os portugueses, após ter prometido o contrário, declarou ontem ao «DL», em contacto telefónico, o embaixador de Portugal em Bagdad, Mesquita de Brito. Segundo o diplomata, «os iraquianos descobriram ou leram em algum lugar que Portugal estava a mandar um navio para o Golfo Pérsico, o que não corresponde à verdade, e agora só deixam sair uma pequena percentagem dos portugueses».

Por «motivos de segurança» o embaixador não quis adiantar qual o número exacto de portugueses que se encontram no Iraque e no Kuwait. Após o Governo iraquiano lhe ter dito que os portugueses (assim como os finlandeses, suíços, austríacos e suecos) não teriam problemas em deixar o país, Mesquita de Brito teve uma reunião há dois dias com os mesmos responsáveis, tendo-lhe sido dadas «muito menos garantias». Agora, Bagdad diz que só alguns poucos portugueses receberão autorização para sair e que os outros estão à mercê da evolução da posição de Portugal no conflito.

A situação destes portugueses será parecida com a de outros cidadãos de países ocidentais, sobretudo norte-americanos, britânicos e franceses, os quais, afirma Mesquita de Brito, «sentem-se encurralados, sem verem hipóteses de sair do Iraque».

O embaixador regressou ao seu posto na segunda-feira, depois de ter esperado quatro dias em Londres por um voo para Aman, na Jordânia. Teve então «a sorte de conseguir lugar num avião da Iraqui Airways», o que o poupou de uma estafante viagem de automóvel. Sobre as suas condições de trabalho na missão portuguesa, Mesquita de Brito afirmou-nos que elas correspondem «ao mínimo necessário», mas que «há grandes dificuldades de comunicação».

Encontrando-se há cerca de ano e meio em Bagdad, o embaixador português disse que a cidade «está numa situação não muito diferente» daquela que se vivia antes da invasão do Kuwait, notando-se apenas um reforço militar nos sítios centrais. No entanto, Mesquita de Brito disse-nos que há «um autêntico êxodo de kuwaitianos» que se dir-

igem a Bagdad para obterem vistos nas embaixadas que lhes permitam abandonar o país.

Portugueses na Arábia Saudita

Melhor sorte do que os portugueses que se encontram no Iraque e no Kuwait têm os que estão na Arábia Saudita. Segundo garantiu ontem ao «DL», também em contacto telefónico, o embaixador de Portugal em Riade, Mattos Parreira, «todos os portugueses que desejavam sair da Arábia Saudita já o fizeram». Segundo o diplomata, há ainda 85 portugueses na Arábia Saudita que «não mostraram vontade de abandonar o país por acharem que a sua segurança não está em risco».

Os dois portugueses que ontem chegaram a Lisboa (o outro seguiu para o Porto) tiveram os vistos solicitados pela companhia para a qual trabalhavam, fazendo a viagem assim que houve bilhetes de avião disponíveis. Mattos Parreira disse que «para além dos vistos de saída eles possuem também vistos de reentrada, o que lhes permitirá voltar à Arábia Saudita assim que a situação voltar ao normal». Falando da sua situação em Riade, chegou a ser o único funcionário na embaixada - disse que «está a melhorar» e que esperava que o outro diplomata que integra a missão portuguesa, um secretário, chegasse nesse mesmo dia. Quantos aos oito funcionários que normalmente trabalham na missão diplomática, Mattos Parreira, disse que «só faltam quatro» e que a sua volta está prevista para os próximos dias.

Como a Arábia Saudita se tem disponibilizado a suprir as exportações de petróleo do Iraque para os países ocidentais (que estão proibidas pelas sanções do Conselho de Segurança da ONU), o «DL» perguntou ao embaixador se já tinha havido alguma solicitação do Governo português para que mais petróleo saudita venha a substituir o iraquiano. Embora sublinhando que, de facto, a Arábia Saudita está a «aumentar diariamente a sua produção», Matos Parreira disse não ter recebido nenhuma solicitação nesse sentido, lamentando não dispor de um adido comercial que o pudessem auxiliar no assunto.

Duarte Calvão

O D. Sebastião do Baath

Ao apelar directamente às massas árabes, Saddam Hussein tentou imitar as duas estrelas que, para elas, foram durante os últimos 40 anos os símbolos de um orgulho reencontrado: Nasser e Arafat.

A gargalhada com que Nasser rematou o discurso em que anunciou a nacionalização do Canal do Suez ficou nos ouvidos de todos e, mesmo depois dos falhanços da República Árabe Unida e da Guerra dos Seis Dias, ainda ressoava quando o raís foi forçado pela rua a manter-se na ponte de comando, até à morte.

Depois dele, brilhou a estrela de Arafat, símbolo da revolta no meio da humilhação. A sua popularidade não declinou devido à política de concessões, ao reconhecer implicitamente a existência do Estado de Israel, mas sofreu o golpe rude da admiração mundial perante as crianças armadas de pedras que, dia após dia, lutaram e morreram, anos a fio, pela única causa árabe reconhecida do Mahraf ao Magreb e atraída também em latitudes diversas, a causa palestina.

Saddam quis ser o novo D. Sebastião e, como nestas páginas se relata, ousou enfrentar «o grande Satã» americano, pedindo de empréstimo uma boa parte da retórica do seu arqui-inimigo Khomeini.

Falhou.

Em primeiro lugar porque será difícil explicar às multidões que o aclamam que andar aos tiros com outros árabes é trabalhar para a unidade do mundo árabe, traçado a vermelho na carta exibida aos espectadores do encerramento das emissões da TV de Bagdad, desde o Iraque até à Mauritânia, com hino militar em fundo. Nada haveria de muito irritante se o problema tivesse sido só dar uma mãozinha ao chuto num emir podre de rico e resolver uma daquelas questões que os ingleses deixaram em aberto onde quer que tenham descolonizado, desde Chipre até ao Sri Lanka, passando pela Palestina ou pela Índia, por exemplo.

O pior é que, depois dos tiros, se verificou que a ficção dos jovens oficiais do Kuwait não passava disso mesmo, de uma patranha, com a agravante de ter sido uma história muito mal contada, como a seguir se comprovou através do comportamento das forças de ocupação e pelo anúncio público da anexação.

E que a perseguição ao emir e seu doce serralho poderia levar as tropas iraquianas ao país de asilo do monarca em fuga, a Arábia Saudita, ficando um só homem, Saddam Hussein, com o controlo das mais abundantes reservas petrolíferas do Globo.

Falhou também porque, salvo os palestinos em desespero, não encontrou fosse onde fosse, dentro e fora do mundo árabe, qualquer apoio significativo, enquanto confessava, ao reconhecer o Tratado de Argel, que tinha enviado centenas de milhares de compatriotas morrer na guerra do Irão por uma mão-cheia de nada, uma vez que a integridade do sagrado solo árabe foi trocada em poucas horas por menos que um prato de lentilhas.

As mãos que o armaram, do Brasil à URSS, enterram-se em bolsos vazios, dado que Saddam já não é o pingue mealheiro que era, e agora são os vendedores os visados. O bom tempo dos negócios com o Iraque tinha sido enterrado há uns anos.

E a factura vai parar inteira aos reféns, entre os quais haverá, se o houver, um ou outro funcionário de escalão mínimo dos interesses armamentistas que em tempos prosperaram.

Quanto à ideologia do Baath, definida pelo cristão sírio Michel Aflak, depois da cisão de

Damascus, do falhanço das iniciativas federadoras dos árabes e a seguir à recente proclamação da guerra santa, pode dizer-se que perdeu em todos os tabuleiros. Com este candidato a D. Sebastião, essa filosofia deixou de significar uma alternativa mais cordata à histeria fundamentalista. Confundiu-se com ela.



João Isidro

Analistas económicos portugueses consideram importante a futura actuação do Governo para atenuar o impacte na economia da subida do preço do petróleo

Portugal lesado internamente e no contexto comunitário

GRANDE ANGULAR



Plantu retrata a estreita ligação entre militares e indústria bélica francesa com o Iraque neste «cartoon» publicado em «Le Monde»

Os bons negócios franceses

«Éramos os queridos deles», sintetiza o presidente da Associação de Amizade Franco-Arabe, Lucien Bitterlin, em declarações publicadas na edição de «Le Monde» de ontem, antes de recordar que Saddam Hussein lhe dissera que entre dois produtos de igual qualidade, o Iraque compraria sempre o francês, nem que fosse dez por cento mais caro.

O «namoro» entre Bagdad e Paris atingia assim, na década de setenta, um auge brilhante de ouro. Nos tempos que correm, o «Nouvel Observateur» titula: «O Iraque deve-nos 25 mil milhões», qualquer coisa como mais que 650 mil milhares de contos.

Entre o primeiro contingente de «Mirages» feitos por medida para o freguês de Bagdad, que comprou desde então 120 caças-bombardeiros desse tipo à Dassault, até ao momento em que Saddam Hussein viu recusada uma encomenda de «Mirage 2000», por se ter tornado um péssimo pagador, as amizades entre a França e o Iraque passaram sobretudo pela ultrapassagem, do lado gaulês, do antes incontestado monopólio da União Soviética no capítulo das vendas de armamentos à pátria de Ali Babá.

Tudo começou em 1975, com a viagem triunfal ao Iraque do líder do RPR e primeiro-ministro francês da altura, Jacques Chirac, que no regresso vinha de tapete voador, segundo os «cartoons» então publicados pela Imprensa francesa.

Chirac trazia consigo vários contratos fabulosos, entre os quais um que a breve trecho se revelaria explosivo: o fornecimento de uma central de produção de energia nuclear para fins pacíficos. O negócio depressa começou a cheirar a esturro, por ter sido feito com um país que, nos termos de Saddam Hussein, tinha por destino vender os últimos barris de petróleo existentes no Planeta, tal a abundância das reservas que detinha. O esturro depressa chegou aos narizes hebreus e Israel não se ensaiou quando se tratou de enviar uma esquadra de bombardeiros que arrasaram a central nuclear de Tammuz, ainda em fase de acabamentos.

Mas os negócios de mão-cheia não pararam e a indústria bélica francesa fornecia ao Iraque, antes e durante a guerra com o Irão, 53 helicópteros «Gazelle», 13 «Super-Frelon», 32 «Alouette» e dez «Puma».

Os mísseis «Exocet» vendidos ao Iraque por 26 mil contos cada um permitiram um ensaio que confirmou o poder desta arma, já testada com sucesso na Guerra das Malvinas, mas nas águas do Golfo: o tiro na fragata «Stark», norte-americana, dado por engano.

Outros mísseis franceses famosos, como os «Roland», os «R-530», os «Magic», os «AS-30» e os «Hot», uma panóplia sofisticada que a Matra e a Aerospatiale colocam fora do alcance da maior parte das bolsas, mas que em compensação podem ter os alcances e atingir os alvos mais diversificados.

Armas anticarro teleguiadas, blindados de todas as formas e feitios e artilharia para todos os gostos acrescentaram esta panóplia, que por amarga ironia «protege» agora os reféns franceses no Iraque.

Quando na oposição, os socialistas tinham criticado a «iracofilia» (o neologismo é traduzido do «Monde») dos neogaullistas. No poder, as necessidades da realpolitik impuseram, todavia, outra posição, sem dúvida mais moderada e lucrativa. E contribuíram para fazer das forças armadas do Iraque a quarta potência militar do mundo.

Redacção «DL»

Os analistas económicos portugueses mostram-se cautelosos na análise dos possíveis reflexos em Portugal da crise do Golfo. Alfredo de Sousa, Victor Constâncio e António Borges dizem que ainda é cedo para se avaliar a situação, mas consideram que Portugal será o país da Comunidade Europeia mais afectado por uma alta dos preços do petróleo.

Para Alfredo de Sousa não há, neste momento, «razões objectivas para se temer uma crise económica», tese que Constâncio perfilha, enquanto António Borges considera que ainda é cedo para se preverem consequências da situação que se gerou no Golfo.

O primeiro destes analistas não tem dúvidas de que, mesmo depois da crise resolvida, o preço do petróleo deverá ficar acima do registado antes do Kuwait ter sido invadido pelo Iraque.

Numa hipótese de o preço médio ponderado dos com-

bustíveis aumentar em 20 por cento em Portugal, o índice de preços no consumidor sofrerá um acréscimo de 1,2 por cento, afirma, explicando que baseia este comportamento da inflação num modelo económico «bastante fiável».

Por outro lado, considera que um aumento do preço do petróleo «não é nada bom» para o processo de adesão de Portugal ao Sistema Monetário Europeu. «A esperança é que os restantes países da CEE, com excepção para a Grécia, sofram também impulsos inflacionistas, pois o que interessa é o diferencial entre as taxas de inflação, portuguesa e da Comunidade», afirma.

Acrescenta que «uma precipitação do Ocidente» pode representar a destruição da capacidade produtiva do Iraque e do Kuwait e, se se chegar a uma situação de guerra aberta, igualmente de outros países.

Segundo Victor Constâncio, a consequência mais imediata para a economia portuguesa do aumento do preço do petróleo é uma diminuição nas receitas fiscais.

Para este economista, o eventual aumento do preço dos combustíveis em Portugal depende da política a ser adoptada pelo Governo, acrescentando que o recente aumento do preço de alguns combustíveis conferiu uma certa margem de manobra ao Governo.

De qualquer das formas, considera que Portugal será o país mais afectado pelo aumento do preço do petróleo, já que é o mais dependente, importando mais de 80 por cento da energia primária que consome. «Em relação às crises petrolíferas de 1973 e 1980, a estrutura da dependência energética de Portugal é a mesma», diz Victor Constâncio.

Refere, a propósito, que Portugal, ao contrário dos

outros países da OCDE, não conseguiu promover a poupança de energia, enquanto que os restantes alcançaram economias na ordem dos 25 por cento por unidade de produção.

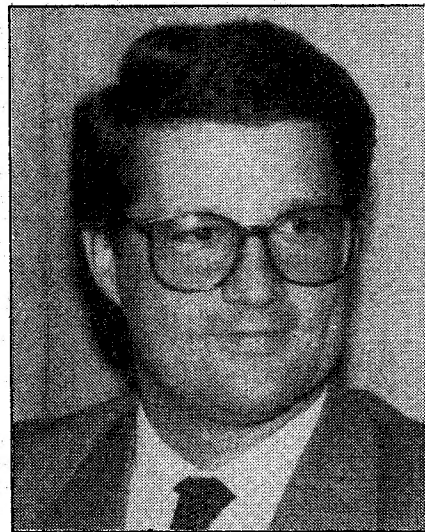
Depende do Governo

Finalmente, António Borges, vice-governador do Banco de Portugal, considera que «ainda é cedo» para se prever as consequências para Portugal da crise gerada pela invasão do Kuwait pelo Iraque.

Contudo, considera «inevitável» uma descida do fendimento real português se o preço do petróleo subir em relação ao registado antes da crise (21 dólares).

No entanto, acrescenta, a incidência dessa descida do rendimento nos diversos sectores de actividade económica portuguesa depende da política que o Governo adoptar.

«DL»/Lusa



António Borges: rendimento real português vai baixar



Victor Constâncio: primeiro impacte será fiscal



Alfredo de Sousa: adesão ao SME será afectada

Uma ameaça sobre o mundo

Num ponto os observadores são unânimes: a crise do Golfo não poderia ter surgido em pior altura. Não apenas para Portugal, mas para todo o mundo. Na verdade, ela surge num momento em que a Leste e a Ocidente, nos países ricos do Norte e nos pobres do Sul, se desenvolvem esforços para resolver graves e crónicos problemas económicos das nações e dos povos, situação que, acima de tudo, exige estabilidade a todos os níveis. E essa estabilidade está a ser abalada num factor essencial - o energético -, pois que é ele, ainda, que comanda (e manda) na economia. Recensão, inflação e desemprego, constituem um quadro que não está arredado das previsões possíveis.

Com a crise no Golfo, o mundo ficou privado, no imediato, de 4,5 milhões de barris diários de petróleo. Naturalmente, os preços desta matéria-prima subiu nos mercados internacionais, pese embora as reservas disponíveis em cada país.

Para compensar aquela perda da ofe-

erta (e apenas parcialmente) os principais produtores teriam de aumentar a sua produção. Estima-se que o México, Venezuela, Nigéria, Arábia Saudita e Emiratos Árabes Unidos podem repor, rapidamente, mais 3,3 milhões de barris por dia. Mas a verdade é que, fora o México, todos estes países estão «amarrados» ao acordo de produção firmado na OPEP, organização que dificilmente acederá a alterar as regras que fixou.

Outros grandes produtores, como a Líbia, o Irão e a União Soviética, não estão, por causas diversas, interessados em aumentar a produção e, portanto, a exportação. Os dois primeiros porque a situação lhes é extremamente conveniente em termos políticos e económicos, o último porque tem de pensar no seu auto-abastecimento e resguardar um trunfo que pode ser decisivo para o relançamento da sua economia.

Mas este é o cenário mais favorável e que envolve uma solução política para a crise do Golfo. E se houver guerra? Então os problemas para o mundo podem

ser incalculáveis, pois que, conforme a dimensão do conflito e a especificidade dos alvos atingidos, não será de pôr de parte um cenário em que a capacidade produtiva de petróleo do Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Emiratos Árabes Unidos, poderá ficar fortemente afectada, se não mesmo totalmente incapacitada durante um longo período de tempo.

Este cenário, que não é de todo improvável, traria dias negros para o mundo. E, em caso de guerra, só poderia ser atenuado com uma intervenção militar vitoriosa que fosse muito rápida e que não tivesse por alvos as zonas petrolíferas.

Quer isto dizer que um mais rápido desenvolvimento económico do mundo e o crescente bem-estar dos povos por que todos anseiam, está neste momento nas mãos de um homem - Saddam Hussein - que dispõe de um poder militar que lhe foi posto nas mãos pelos mesmos países que o cercam agora para o fazer voltar ao caminho do bom senso.

Victor Lelito

Governo e oposição de acordo

«Não há condições para enviar tropas»

O primeiro-ministro Cavaco Silva revelou hoje, pela primeira vez desde a crise no Golfo, algumas informações sobre as posições defendidas por Portugal nas reuniões da UEO e da CEE, que decorreram em Paris.

Foi também a primeira vez desde a invasão do Kuwait pelo Iraque que o chefe do Governo reuniu com os partidos da Oposição. As críticas de falta de diálogo, num momento particularmente delicado, entre o Executivo e os partidos foram um elo de ligação nas declarações de Jorge Sampaio, Álvaro Cunhal, Hermínio Martinho e Freitas do Amaral.

Para justificar o atraso na iniciativa, Cavaco Silva afirmou que «só agora, após as reuniões da UEO e da CEE era possível informar os partidos sobre a situação no Golfo».

Na conferência de Imprensa, o primeiro-ministro revelou que neste momento Portugal aguarda os resultados das reuniões de um grupo de peritos constituído no âmbito da União da Europa Ocidental, que deverá determinar quais, as missões, o apoio logístico e a defesa de unidades militares de países como Portugal.

Cavaco Silva, após ter conhecimento do relatório feito por peritos militares do Ministério da Defesa, participou a participação portuguesa no conflito, a concretizar-se, será apenas, mesmo assim, só na zona do Mediterrâneo Oriental e se «os nossos meios forem adequados para as missões que eventualmente nos forem atribuídas», caso contrário Portugal «não enviará os meios navais», os seja, as fragatas, os submarinos e o navio de guerra, que hoje chegam à base do Alentejo.

Estas embarcações de fabrico antiquado, não têm defesas antimísseis nem de ataques aéreos não convencionais.

O primeiro-ministro manifestou estar «consciente das nossas limitações» ao afirmar que «os soldados portugueses não têm experiência nem preparação adequada para actuar naquela zona» e a nível de meios aéreos «o nosso melhor contributo são os aeroportos».

A solidariedade com os países aliados foi um ponto reafirmado com frequência pelo chefe do Governo que, a título de exemplo, referiu a disponibilidade de todos os aeroportos portugueses, designadamente o das Lages e de Santa Maria para o transporte de militares para o Golfo.

Defender os reféns portugueses que se encontram no Iraque sem pôr em causa os princípios de solidariedade com os parceiros da UEO e da CEE, é o principal objectivo do Executivo. Mas a mensagem deixada por Cavaco Silva, foi pouco esclarecedora quanto à situação dos cidadãos portugueses que se encontram no Iraque e no Kuwait, cerca de 60 ao todo.

«O número não é elevado, mas os números não contam», disse, criticando com veemência a utilização de vidas humanas «como escudo para uma agressão externa e ao serviço de objectivos expansionistas». Mas o governante destacou também que o ministro dos Negócios Estrangeiros do Iraque «não deu garantias quanto à libertação dos reféns».

É neste jogo do «gato e do rato» que o primeiro-ministro faz questão de referir o empenhamento de Portugal em fazer cumprir, no âmbito das resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas o embargo ao Iraque, «não podemos pôr em causa os princípios fundamentais».

Em resposta às críticas unânimes dos partidos da oposição sobre as «hesitações do Governo», o primeiro-ministro revelou que desde o início da crise no Golfo foram tomadas decisões para garantir a defesa nacional. «Foram dadas ordens à Força Aérea para a

vigilância do nosso espaço aéreo, foram destacados 30 homens do exército para o aeroporto de Santa Maria, no caso de vir a ser utilizado pelos norte-americanos e o Ministério da Administração Interna reforçou as medidas de segurança anti-terroristas e de fiscalização dos serviços de fronteira com a Polícia Judiciária, o Serviço de Fronteiras e o Serviço de Informação».

Em relação ao funcionamento das embaixadas portuguesas em Bagdad e em Riade, Cavaco Silva foi evasivo, dizendo apenas que «os países com maior força diplomática não conseguiram melhores resultados do que Portugal».

Oposição moderada

Os partidos da oposição fizeram declarações moderadas e com grande precaução. Todos foram unânimes na crítica às «hesitações do Governo» e falta de diálogo com o parlamento.

Jorge Sampaio líder do PS revelou uma postura de Estado, próxima do PSD e defendeu a necessidade de «clarificação da posição portuguesa, no quadro das Nações Unidas». O dirigente socialista afirmou que

«participação simbólica, são palavras que têm de ser arredadas, pois Portugal é um país soberano e tem de assumir uma posição clara no seio da UEO e quanto aos esforços de repatriamento dos portugueses».

Em relação aos cidadãos no Iraque o PS não quis avançar com pormenores sobre as hipóteses de os trazer para Portugal, destacou, todavia, que o repatriamento se deveria fazer «sem ceder a chantagens».

Sampaio reafirmou a necessidade de reunir a Comissão Permanente da Assembleia da República e até «de reunir o plenário de emergência». A reunião do plenário foi requerida pelo CDS ao presidente da AR.

Freitas do Amaral iniciou as declarações à Imprensa com o elogio à decisão do Executivo de Cavaco Silva por ter autorizado a utilização da base das Lajes pelos norte-americanos. No entanto, o dirigente centrista considera que não há possibilidade de Portugal participar nas operações no Golfo. «Mandar tropas é fazer com que cidadãos morram. Uma decisão dessas não pode ser tomada de ânimo leve», disse Freitas do Amaral.

O presidente do CDS considera funda-

mental manter uma posição de solidariedade com os aliados. «Temos de decidir em função dos princípios e não em nome do maior ou menor número de cidadãos que se encontram no Iraque», sublinhou.

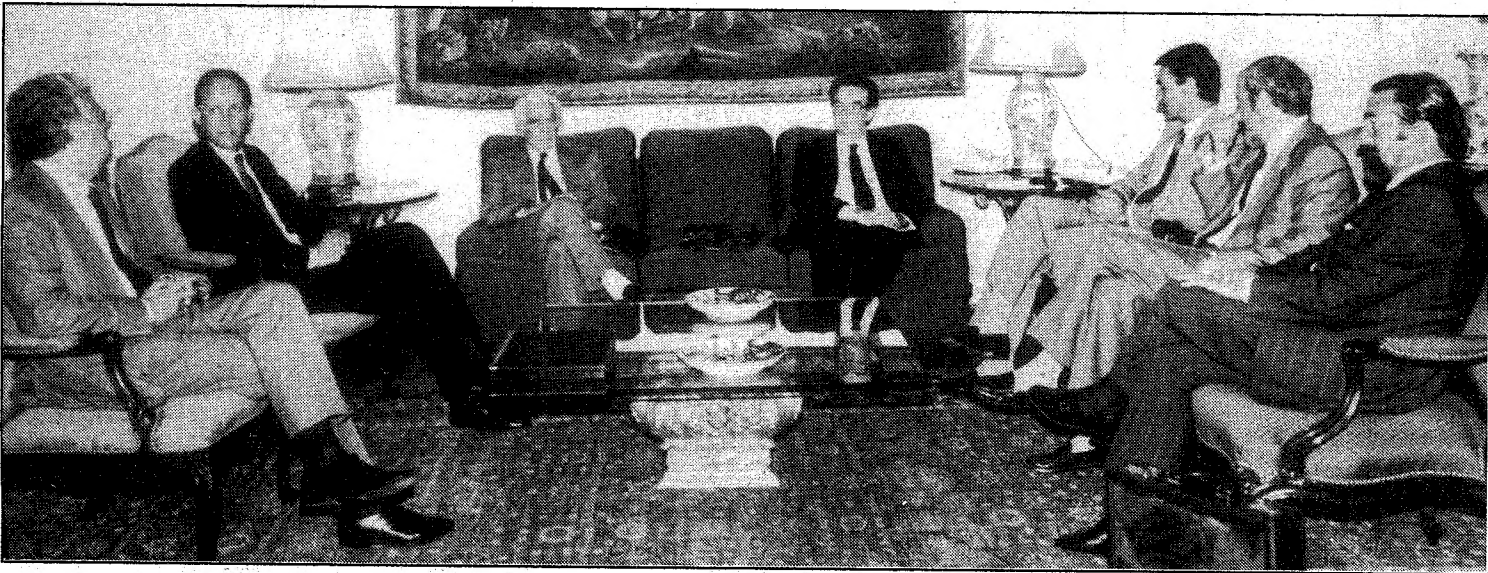
O PCP mantém uma posição coerente desde a primeira hora. Álvaro Cunhal apelou à ponderação de todas as consequências de uma eventual guerra e acusou os Estados Unidos de terem «encaminhado as coisas no sentido da guerra em vez de uma solução política que pensamos estar ainda possível».

O líder comunista estabeleceu a diferença entre «alinhar com os países da UEO e participar na organização, defendendo os interesses nacionais». As palavras de Cunhal revelam que para os comunistas o principal objectivo do Governo deverá ser a repatriação dos portugueses e condenam o envio de forças militares portuguesas para a região.

Hermínio Martinho, do PRD, é claramente «contra o envio de tropas» admitindo exclusivamente a participação de Portugal no âmbito da ONU. O presidente dos renovadores destacou «as responsabilidades acrescidas, perante esta situação de conflito, do Presidente da República. Seria oportuno o país conhecer a sua posição», acrescentou.

O primeiro-ministro, provavelmente para evitar equívocos no relacionamento entre o Executivo e a Presidência, disse aos jornalistas que tem «informado com regularidade o Presidente da República sobre o evoluir da situação. Não encontrei sinais de desacordo com o Governo». Recorde-se que ao abrigo da Constituição a decisão, em caso de guerra, cabe ao primeiro-ministro, ouvido o PR.

Maria João Rocha



Cavaco Silva e os ministros dos Estrangeiros e da Defesa com os líderes dos partidos da oposição

O predador e as presas

Saddam Hussein impôs à comunidade internacional o primeiro verdadeiro teste à sua determinação em edificar uma nova ordem para substituir a da Guerra Fria, da rivalidade, e da dissuasão Leste-Oeste. Seria preciso ser cego para não se aperceber da dimensão deste desafio, de tal modo o expansionismo de Bagdade ultrapassou as medidas: anexação, pura e simples, do Kuwait, seguindo a conhecida tradição dos Mussolini e dos Hitler; tentativa de inverter as alianças contra Teerão, o inimigo hereditário por excelência, um pouco à maneira de Hitler e Estaline; esforços múltiplos no sentido de transformar, de um dia para o outro, um acto de rapina numa cruzada anti-israelita, ou num confronto Norte-Sul, e tudo isto para desestabilizar vários países da região, graças a argumentos populistas e «igualitários» que quase nos fariam esquecer que, se o Iraque - segundo produtor mundial de petróleo - é uma nação pobre, não é por falta de recursos guerreiros do seu chefe: promessa de utilizar armas químicas e, por fim, a tomada como reféns de milhares de ocidentais, relativamente aos quais se proclama, em alto e bom som, que serão as primeiras vítimas de um eventual conflito.

A maioria das nações condenaram os «raptos» no Kuwait, e aderiram ao princípio de severas sanções contra o Iraque. As motivações que levaram ao as-

tamento de Bagdade da irmandade dos homens foram, sem dúvida, variadas - apesar de ter primado a preocupação de não ver trepar o preço do barril de petróleo, mesmo entre numerosos dirigentes do Terceiro Mundo, desprovidos de recursos energéticos. Entre as outras razões, citemos a recusa de ver ressurgir, sobre as ruínas da antiga ordem, ditadores regionais dispostos a contestarem as fronteiras saídas da colonização, e de exercerem, sob o pretexto do anti-imperialismo, um colonialismo tanto político quanto económico.

Dois factores explicam o fracasso que Saddam Hussein acaba de sofrer na prossecução desta ordem de ideias: em primeiro lugar, a atitude da URSS, que, após algumas hesitações, condenou de modo solene a «perfidia» e os métodos do seu antigo aliado. Trata-se, evidentemente - dirão alguns -, do preço a pagar por um auxílio económico ocidental de que tanto necessita. Mas nada nos impede de pensar, enquanto aguardamos outras provas, que decorre de uma profunda mudança de mentalidade e da sincera rejeição dos métodos de «gangster», familiares a Moscovo tanto mais que, durante muito tempo, os praticou. A outra razão do impasse no qual Saddam Hussein se encontra reside na sua incapacidade em mudar, até ao momento, a natureza do conflito pelo qual é o único responsável: os seus apelos

para a luta antiocidental e anti-israelita encontram, seguramente, eco na Jordânia; inquietam os dirigentes argelinos e tunisinos; mas não foram, de modo algum, adoptados - tal como ele esperava - pela maioria dos povos árabes, em especial nas margens do Nilo, onde são bem conhecidas (graças aos testemunhos de milhões de egípcios que trabalharam no Iraque, durante a guerra contra o Irão) a sedução e as delícias da «socialismo» à iraquiana.

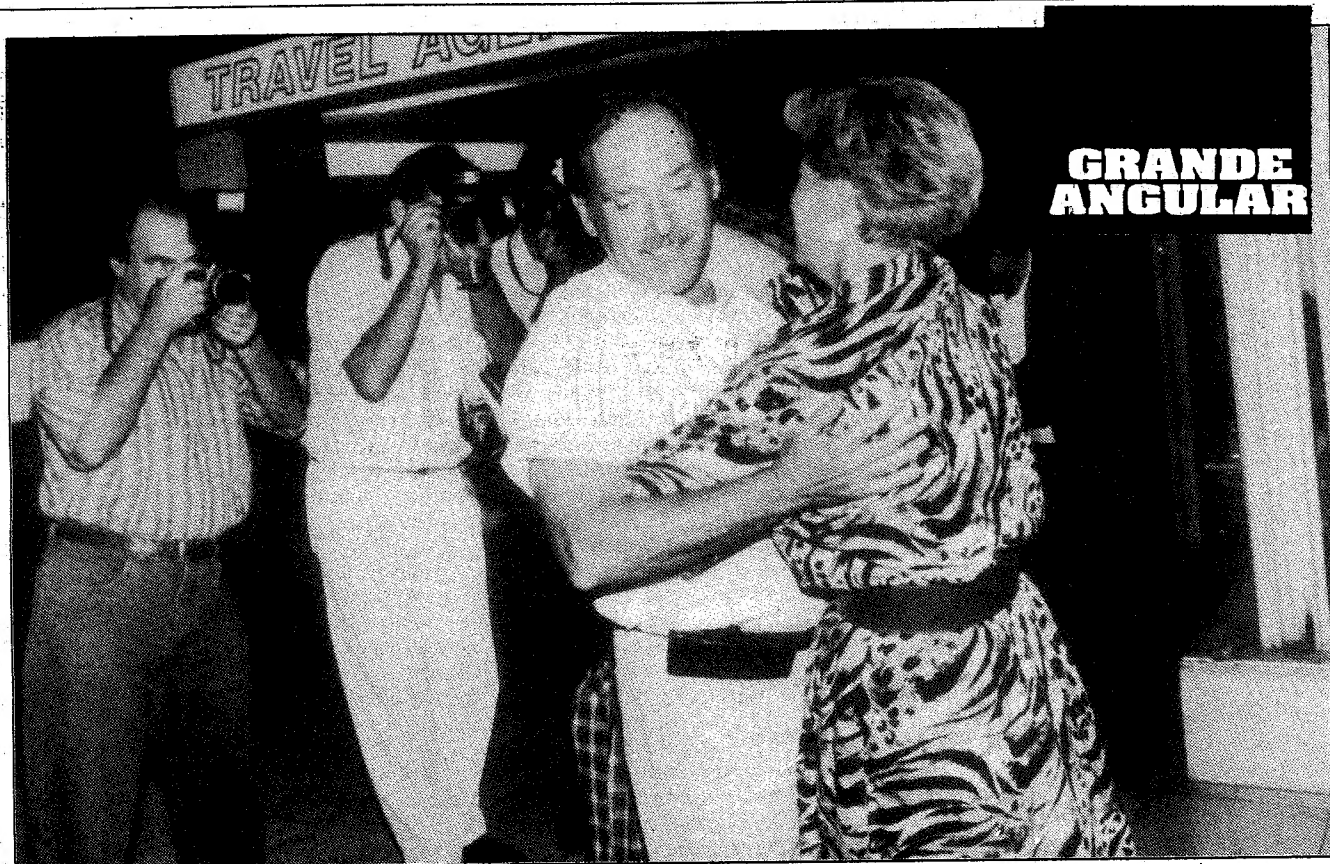
Ameaçado de asfixia, Saddam Hussein agita, agora, o seu último trunfo: os reféns, que se propõe libertar na condição de que a comunidade internacional levante as sanções de que se tornou alvo; retire todas as forças militares enviadas para o Golfo e o deixe, tranquilamente, apoderar-se das riquezas do Kuwait. Tais condições são, como é óbvio, inadmissíveis. Aceitá-las seria o mesmo que recompensar o agressor, mesmo que se mostre disposto a regatear um vago estatuto de semiautonomia para o Kuwait. Devemos esperar que a unanimidade de ontem ainda prevaleça, amanhã, sobre esta questão, apesar de existirem poucas probabilidades de se resolver sem lágrimas nem sangue. O consenso é tão periclitante quanto o ditador iraquiano após o tempo e nas divisões que irá tentar suscitar entre os seus adversários, ao afirmar que a sorte reservada aos prisioneiros será diferente consoante a respec-

tiva nacionalidade. O anúncio da próxima libertação de reféns portugueses, finlandeses, suíços e austríacos não tem nenhum outro objectivo. Tal como o recurso aos palestinos para tentar tranquilizar Paris quanto ao destino dos reféns franceses.

Os perigos do «pós-guerra fria»

Tudo isto significa que os próximos tempos serão cruciais para a gestão desta crise, a qual nos ensina que o actual período do «pós-guerra fria» não será, forçosamente, paradisíaco; que implica numerosos perigos, e que exigirá muita vigilância e determinação. A hora, mais do que nunca, requer a manutenção da unanimidade por parte da comunidade internacional quanto à rejeição radical da tomada de reféns; e, menos do que nunca, deverá dar origem ao «cada-qual-por-si», às fantasias de apaziguamento, ou à «mistura» dos diferentes problemas. E isto apesar de se ter tornado evidente que o conflito israelo-árabe deverá ser re-examinado, nos aspectos fundamentais - que é luz da nova ordem mundial - que é urgente construir, mas na qual um Saddam Hussein já demonstrou não ter lugar. Nem que seja pelo facto de que um grande predador nunca se sente saciado; se, por vezes, parece adormecido, é simplesmente porque ainda está a digerir a sua última presa.

Jacques Amalric
Exclusivo «Le Monde»/«DL»
Tradução de Isabel Joyce



Carlos Brito abraça a mulher que o esperava preocupada

Dois emigrantes de volta da Arábia Saudita

O Natal antecipado no regresso a Lisboa

No dia 16 de Dezembro Carlos Brito, electricista numa empresa italiana de prospecção petrolífera, viria da Arábia-Saudita para passar o Natal em casa. A viagem foi antecipada. Ontem, chegou ao aeroporto da Portela à hora de almoço. Com ele regressou mais um colega. Alcides Fernandes, mecânico na mesma empresa. Trabalhavam numa companhia, a Saipem, que faz parte do Grupo italiano EMI, localizada a cerca de 500 quilómetros de Riade. Apesar do clima de tensão que Alcides Fernandes sentiu na terça-feira na capital saudita - «era quase um estado de pré-guerra», explicou - estes portugueses se os chamassem amanhã voltavam para lá. Viram mesmo um autocarro com soldados americanos, mas isso não os assustou.

Agora que cá estão ficam sem receber salário, apesar de não estarem de férias. Tinham um contrato anual, de repente voltaram para casa. O trabalho, por agora, acabou. «Se eles resolverem reabrir ou chamarem-nos para outro lado, nós vamos. É fácil arranjar trabalho ali naqueles países», disse Carlos Brito.

A aguardar os dois cidadãos repatriados estava o chefe de gabinete do ministro João de Deus Pinheiro. Sequeira Nunes quis saber se precisavam de apoio. Por agora Carlos Brito não precisa. «Mais tarde não sei», disse.

Permanece ainda em Riade um outro português que trabalhava na mesma companhia. O funcionário, de nome Paulino, só regressará no dia 25 de Agosto porque não arranjou lugar. Entretanto, o aeroporto de Riade encerrou para a aviação civil desde terça-feira à noite.

Carlos Brito trabalhava a 500 quilómetros de Riade. «Vimos passar algumas tropas mas, de resto, a vida era normal. Só fomos evacuados por uma questão de segurança», contou aquele português. Os contactos com a embaixada portuguesa foram esparsos. «Não tive nenhum contacto directo com a embaixada. Foi a minha companhia que tratou de tudo, através da embaixada. Provavelmente», explicou.

A companhia, através da sede em Milão, sugeriu aos trabalhadores que saíssem, alegando razões de segurança. Apesar de não ter encerrado, os italianos que lá trabalhavam também estão a regressar. «Penso voltar. Trago um visto de três meses e se me disserem para ir para a semana vou. Não tenho medo da guerra. Já estive no Iraque e no Irão. No Iraque estive cinco anos e aí voltava. Na altura em que eu lá vivi (entre 1979-1984) era ótima. Na Arábia-Saudita já estou há seis anos e a vida é boa também», informou Carlos Brito.

«Não faltavam alimentos e ainda ontem

eu e o Alcides Fernandes andámos em Riade, nos supermercados e estava tudo normal. Só no aeroporto é que vimos muitos egípcios. Vimos perto de Riade um acampamento de refugiados, a grande maioria, paquistaneses», acrescentou.

Relativamente aos contactos com a embaixada, Carlos Brito disse que o embaixador não nos contactou. «Nós é que quando precisávamos de alguma coisa falávamos para a embaixada porque Riade fica muito longe. Quando tínhamos qualquer problema contactávamos através de cartas ou então iam lá quando vínhamos a casa. Tudo sem problemas» contou.

Aquele português vindo da Arábia, trabalha há 12 anos na companhia italiana e mora em Lisboa. À sua espera estavam a mulher, a filha e a neta. Nunca teve dificuldades em contactar com a família, nem por carta ou por telefone. Tem colegas no Iraque, sabe que lá estão mas não entrou em contacto com eles porque é difícil. «Não sabíamos onde estavam. Pois mudamos de local de trabalho com alguma frequência».

Os elos de ligação que mantinham com Portugal, além das cartas, telefones e embaixada chamavam-se RDP-Internacional e BBC.

Luísa Alexandra Botlinas

Mais petróleo de Angola

O primeiro-ministro anunciou ontem que as reservas de petróleo portuguesas são suficientes para quatro meses e garantiu que as compras que estavam previstas até ao fim do ano, ao Iraque, vão ser substituídas por outros fornecedores.

Questionado sobre quem seriam os fornecedores, Cavaco Silva afirmou que antes «comprávamos 20 por cento do petróleo ao Iraque e o restante à Arábia Saudita, Egito e Nigéria. Vamos comprar a estes países e a Angola».

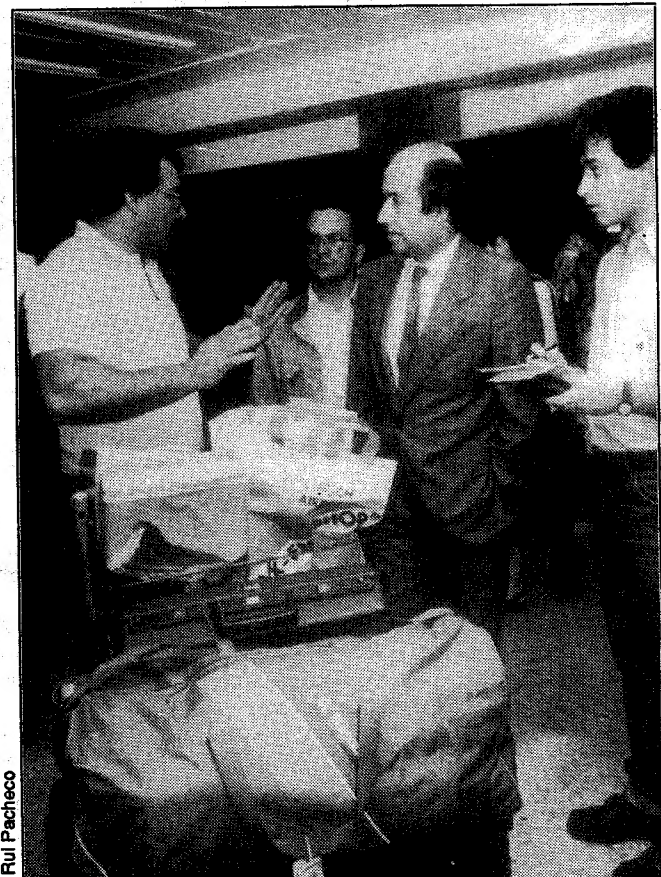
Angola já vendia petróleo a Portugal embora numa percentagem pouco significativa para o total das necessidades nacionais. Este país africano de expressão oficial portuguesa não está sujeito às quotas de produção da OPEP o que lhe permitiria aumentar o volume das exportações de crude.

O «Diário de Lisboa» soube que Durão Barroso, o secretário de Estado da Cooperação, teve ontem uma reunião com o primeiro-ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros, após a conferência de Imprensa. Durão Barroso entrou na residência oficial do chefe do Governo quando ainda estava a decorrer a reunião de Cavaco Silva, João de Deus Pinheiro, Fernando Nogueira e os partidos da oposição.

A credibilidade política de Durão Barroso junto do governo de Luanda, devido ao papel que tem desempenhado na coordenação das negociações de paz entre o MPLA e a UNITA, dá ao secretário de Estado uma posição privilegiada para negociar com as autoridades angolanas garantias de abastecimento de petróleo a Portugal.

Refira-se que o preço do barril de petróleo atingiu hoje os 30 dólares, nove dólares acima do preço que tinha antes da crise no Golfo Pérsico.

M. J. R.



O chefe de gabinete de João de Deus Pinheiro foi oferecer o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros aos portugueses regressados da Arábia-Saudita

Gulbenkian garante segurança aos portugueses nos Emiratos

A Fundação Gulbenkian, através das suas companhias associadas, tomou já medidas preventivas para garantir a protecção e a segurança dos cerca de 60 técnicos portugueses que se encontram a trabalhar em empresas petrolíferas dos Emiratos Árabes Unidos, soube o «DL» junto de fonte daquela instituição.

Os Emiratos são um potencial alvo do Iraque, sobretudo depois de terem ultrapassado as quotas petrolíferas acordadas pela Organização dos Produtores de Petróleo (OPEP), o que motivou viva condenação de Bagdad.

Sentindo-se ameaçados, os Emiratos Árabes Unidos têm já no seu território forças militares americanas e francesas, situação que acaba por envolvê-los directamente no conflito. Daí o cuidado colocado pelos responsáveis da Gulbenkian na protecção dos seus interesses naquela área.

Desde a guerra israelo-egípcia, no início dos anos 70, que as participações petrolíferas da Fundação se confinam aos Emiratos Árabes, depois da nacionalização da última companhia privada que explorava o «ouro negro» no Iraque e que pertencia à Gulbenkian.

A facilidade de contacto que esta instituição goza junto do mundo árabe é por demais conhecida. Daí que não constitua surpresa a eventualidade de a Fundação poder ser chamada a ajudar o Governo português na sua acção diplomática. Contudo, a fonte contactada pelo «DL» negou qualquer envolvimento da Gulbenkian nestes contactos pois - afirmou - «o Governo está a agir muito bem e não tem necessidade de qualquer intermédio».

Data do começo da década de 70 a política de diversificação dos investimentos que até aí

se concentravam predominantemente na indústria petrolífera. A Fundação decidiu apostar noutras participações financeiras, sejam acções ou obrigações, em particular nos EUA.

A subida do preço do barril de petróleo veio a favorecer os rendimentos da Fundação presidida por Azeredo Perdigão. Mas, em contrapartida, a queda nas cotações das acções das principais bolsas internacionais veio prejudicar os interesses da Gulbenkian. Como dizia ao «DL» a citada fonte, «ganha-se de um lado, perde-se do outro».

A. J. T.

POLÍTICA

B R E V E S

Novidades sobre o «Fax» de Macau no fim do mês

Uma fonte da Procuradoria-Geral da República disse à agência Lusa que o relatório sobre o designado «Caso do Fax de 50 mil contos», no qual Carlos Melancia tem sido citado, não deve ser divulgado antes do fim do mês. Entretanto, o Presidente da República recebeu em Lisboa o presidente da Assembleia Legislativa de Macau, Carlos Assumpção, que se encontra de férias em Portugal.

Deputados visitam zonas críticas do fogo

A Comissão Eventual da Assembleia da República para análise da problemática dos incêndios inicia hoje uma visita de dois dias a algumas zonas mais afectadas pelos fogos florestais. Os deputados que integram a Comissão deslocam-se hoje aos municípios da Lousã e Góis, seguindo na sexta-feira para a Pampilhosa da Serra.

Cavaco Silva no Algarve

O primeiro-ministro preside hoje à cerimónia de inauguração das novas instalações da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Olhão, no Algarve. Cavaco, que vai acompanhado pelo secretário de Estado da Agricultura, Álvaro Amaro, inaugura também as instalações da empresa «Hortofrutal» da Fuzeta.

Esperança Machavela embaixadora em Lisboa

A diplomata Esperança Samuel Machavela é a nova embaixadora de Moçambique em Portugal. Foi embaixadora junto dos governos de Havana e Manágua e a partir de agora passa a acumular a representação diplomática em Lisboa com a de Madrid.

Governo diz que é demagogia

PCP quer abolir portagem na Ponte

O Partido Comunista Português defendeu hoje a «abolição total e definitiva da portagem da Ponte 25 de Abril», a partir de 1 de Setembro próximo. Durante a conferência de Imprensa que promoveu esta manhã, o PCP, através das suas direcções regionais de Lisboa e Setúbal preconizou esta medida porque entende que pode «dar alguma eficácia à criação da 5ª via» e também pode ser encarada como uma resolução de «desagrevamento económico de todos quantos a utilizam».

Uma fonte governamental contactada pelo «DL» já reagiu à exigência do PCP. «A ideia de abolir a portagem da Ponte 25 de Abril revela demagogia porque a verificar-se tal situação estaríamos a inviabilizar a própria implantação do comboio no seu tabuleiro inferior. Além disso, a Ponte precisa de manu-

tenção (pintura) e as pessoas talvez não tenham ideia do seu custo que é de 8 milhões de contos», disse ainda aquela fonte.

O DL apurou entretanto, que nas intenções do Executivo está prevista a deslocação das portagens da Ponte 25 de Abril em função da 5ª via, recentemente implantada.

Para os comunistas a eliminação das portagens na Ponte 25 de Abril deverá ter em conta a «plena salvaguarda dos direitos dos trabalhadores portageiros envolvidos», já que a Junta Autónoma das Estradas, a entidade empregadora, pode recolocar aqueles funcionários noutros postos de trabalho.

«Não tem sentido continuar a impor o pagamento a todos quantos, dia após dia, se deslocam pela Ponte para Lisboa, numa situação em que a obra de construção se encontra há muito custeada»,

sublinha o PCP. «Todos os pagamentos a prestações têm um prazo e 24 anos para pagar a Ponte 25 de Abril já é muito tempo», ironizou o Daniel Branco, presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, autarca do PCP, que também esteve presente no encontro com os jornalistas.

O PCP entende que a proposta de abolição das portagens não é uma medida avulsa. «Insere-se nas restantes ideias que apresentámos a 11 de Julho», disse Daniel Branco. Na opinião daquele autarca, o Governo é que «vai anunciar até à campanha eleitoral medidas relativas à rede viária que já têm uma vintena de anos e que foram sucessivamente adiadas». Eufrazio Filipe, presidente da Câmara do Seixal disse mesmo que «o Governo anda à procura de um transporte para as próximas eleições».

L.A.B.

Soares promulga

Dez importantes diplomas, entre os quais a lei da televisão e as autorizações para serem privatizados quatro bancos e três companhias de seguros, foram ontem promulgadas pelo Presidente da República.

A lei da televisão abre dois canais à iniciativa privada e reserva duas horas diárias às confissões religiosas, no segundo canal do serviço público.

Os bancos a privatizar são o Espírito Santo, Pinto e Sotto-mayor, Crédito Predial e Fonescas e Burnay: devem, no entanto, passar por uma fase prévia e segundo a qual serão, para já, transformados em sociedades anónimas de capitais públicos, tal como as companhias de seguros Bonança, Império e Mundial-Confiança.

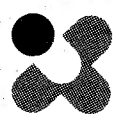
O último destes diplomas, promulgados pelo Presidente no intervalo das suas férias algarvias regulamenta o fundo de pensões dos militares das Forças Armadas.

A lei das incompatibilidades oferecera algumas dúvidas ao PR e foi, por isso, submetida à fiscalização preventiva do Tribunal Constitucional: passou, apenas, graças ao voto de qualidade do presidente do TC.

ESTA SEMANA HÁ JACKPOT

PREVISÃO
180 MIL
CONTOS

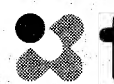
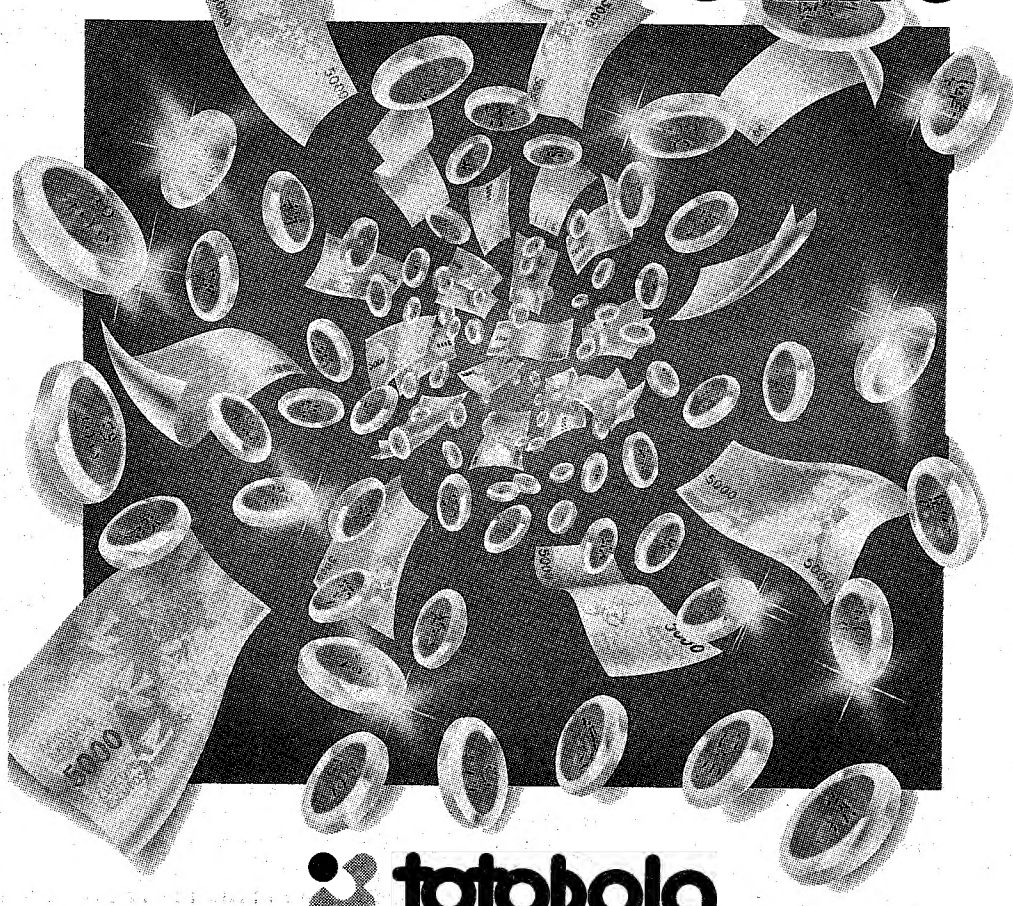
*Eu Já Entreguei
o Meu!*



totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

O TOTOBOLA É MAIS RICO COM O CAMPEONATO



totobola

MARQUE CERTEIRO GANHE MUITO DINHEIRO

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Montelro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guilmar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Camponez, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares,
Duarte Calvão, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampalo,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Faria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Falloca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo, Brito e Pedro Palma

Gráficas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Marta Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

LIBERDADE EM CABO VERDE

N a mesma hora em que escrevo estas linhas, a estrutura política e sociológica da república de Cabo Verde, vai sofrer uma alteração profunda. Nos países de expressão portuguesa é o primeiro que envereda pela senda da constitucionalidade moderna, e de tipo ocidental, após longo período de regime de Partido Único, o PAGC, vai alinhar na administração pelas regras do pluripartidarismo.

A circunstância enche de alegria muitos caboverdianos entre os quais emotivamente me incluo e com eles os que não desistem de se governar pelos métodos de liberdade integral ou seja a convergência e a divergência estatuídas como uma nova aventura.

Há muito tempo que aguardava esta oportunidade que ia tardando.

O caso de Cabo Verde foi sempre um caso especial e a despeito de um ou outro surto de violências inúteis, o país abre as páginas da sua História, como prefácio do que poderá vir a acontecer com Angola e Moçambique.

A população caboverdiana defendeu como podia e com vozes autorizadas a abertura democrática.

Saúdo-a com enternecimento.

O caboverdiano é de índole pacífica, cordato, convivente a todo e qualquer espécie de ditaduras. Na época colonial passou Cabo Verde os dramas angustiantes da fome e das privações expressas na obra magnífica de Manuel Ferreira «hora di daí» e também sentia-se o clamor da sua irreverência inconformada, mercê da poesia de José Lopes, em que alcançou alturas com o grupo da clareza tendo como figura de proa entre outros, esse homem enciclopédico que se chamou Baltazar Lopes da Silva.

Vivendo apertado no círculo do arquipélago, nunca se revoltou, e foram durante a dominação portuguesa aos milhares os que morreram desamparados sem queixumes e sem repulsa pelas suas raízes. A guerra não se instalou no seu território e deslocou-se aos campos de luta da Guiné-Bissau, com dissemelhâncias flagrantes de sentimento e de determinação.

Assisti na Cidade Da Praia, ao içar da bandeira da inde-

pendência, e embora em aliança efémera, nunca deixou de afirmar a sua vocação de povo livre sem rancores e sem ódios.

Fatalmente que mais tarde ou mais cedo aconteceria o que aconteceu e a república de Cabo Verde vai integrar-se nos caminhos da social-democracia, e, coisa curiosa sob a égide de nações diferentes como é o caso da Suécia.

O fenómeno reveste-se de características específicas e originais e passa a democracia a contar nas suas fileiras com uma terra pobre em recursos materiais e perseguida pelos contrastes da falta de chuvas; o que nunca constituiu um exemplo de desespero. O amor a Portugal foi sempre um paradigma, tudo isto a par de uma insularidade espalhada na emigração e na fuga às crueldades do destino.

Terra de poetas, repito, encontrou na poesia o viático das suas dores e contradições.

Consta na altura da implantação da República em Portugal, alguns dos legisladores sugeriram a criação de umas ilhas adjacentes ao tipo da Madeira e dos Açores.

O fenómeno não se concretizou mas o espectro caboverdiano jamais se afastou da influência continental à semelhança do que havia sucedido com outras aglomerações populacionais do império africano. Em Cabo Verde, o ensino do português e o culto da língua, mau grado o analfabetismo, reconverteu-se em princípio condutor e só o compreende os que lá vivem ou por lá passaram.

Nessas condições, a decisão que se vai tomar, é o corolário natural dum estado de espírito aberto à liberdade, esquecidas as maldadeiras e os agravos. Cabo Verde é um exemplo de unidade que começa na terra mãe e se prolonga pelo Brasil pelos EUA, pela Europa e de maneira evidente entre nós.

A ditadura teria fatalmente que ser uma excepção e o povo de Cabo Verde cantado nas suas mornas e coladeiras, abriu-se de par em par às grandes novidades do seu e nosso tempo.

Tenho como certo, que a experiência vai resultar e que Cabo Verde passará a desempenhar um papel proeminente na modelação do homem africano, cada vez mais necessitada de se aproximar da nova Europa onde as experiências conduzem à perpetuação dos grandes ideais da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.



Vasco da Gama Fernandes

LETRA DE FORMA

Invasão do Kuwait

(...) A invasão do Kuwait teve o condão de unir americanos e soviéticos numa mesma condenação. «O Iraque mostrou o seu desprezo pelos princípios fundamentais da Carta das Nações Unidas e do Direito Internacional». Neste documento conjunto, a invasão foi considerada «brutal e ilegal». A diferença de tratamento, para não dizer pior, em relação ao Panamá, leva-me a pensar que a invasão deste último país foi coisa «pacífica e legal», e de modo nenhum contrária aos «princípios fundamentais da Carta das Nações Unidas e do Direito Internacional»... lembro-me que as vozes discordantes que se fizeram ouvir na altura quanto à ocupação «legal» do Panamá não tiveram grande repercussão, nem nos meios de informação nem nas instituições internacionais. Não houve risco de se iniciar uma guerra contra estes «Hitlers» que se põem a invadir países indefesos; também não houve sombra de embargos ou bloqueios de espécie alguma. Passado um mês estava tudo

esquecido. A questão do Panamá era um problema interno... dos EUA.

(...) Para a maioria das pessoas, Saddam Hussein é um carrasco e George Bush o líder da defesa dos direitos humanos. Esquecem-se os factos e propagandeiam-se os discursos sonantes e os apelos indignados. Gigantesca transformação que a máquina publicitária se encarrega de difundir por todo o mundo! Gigantesca hipocrisia política e moral por parte de dirigentes que deveriam ter mais respeito pelas pessoas, dispensando-as das lições de cinismo e falsa indignação em que ultimamente as têm bombardeado. Hussein e Bush estão, perdoem-me o «sacrilégio», do mesmo lado da barricada. A guerra que fazem não é a dos povos koweitiano e panamiano. E também não é uma Cruzada Internacional pela Liberdade.

De hipocrisias está o mundo farto. Poupe-mos.

Ana Paula Amaro

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Alvaro Vasconcelos:

(...) A actual intervenção militar no Golfo, enquanto tiver como objectivo a defesa da Arábia Saudita e a aplicação de decisões militares das Nações Unidas, tem legitimidade internacional. No entanto, é sintomático e importante para Portugal que em países do vizinho Magrebe, como a Argélia e a Tunísia, a oposição à acção americana seja tão notória.

Portugal deve afirmar publicamente em que condições e com que objectivos políticos cede facilidades aos Estados Unidos e poderá estar militarmente presente no Golfo. Portugal não deve apoiar uma intervenção militar americana unilateral contra o Iraque, e deve alinhar com aqueles países que procuram encontrar no quadro das Nações Unidas uma resposta conjunta, inteligente mas firme; que vá no sentido de impor a lei internacional e de impedir que agressões militares como a do Iraque contra o Kuwait possam repetir-se. Por isso, Portugal não deve apoiar a transformação unilateral pelos Estados Unidos do boicote decretado pela ONU num bloqueio militar. (...)

22.AGO.90

PÚBLICO

Do editorial de Vicente Jorge Silva:

A crise do Golfo desnorteou definitivamente o ministro dos Estrangeiros português. Depois de ter demonstrado a maior displicência e irresponsabilidade política face a uma das mais graves situações internacionais dos últimos anos, João de Deus Pinheiro não cessa de agravar o seu caso, comprovando que apenas por equívoco na distribuição de papéis - como aconteceria num filme por erro de «cast» - ocupa o lugar de chefe da diplomacia portuguesa. Anteontem, o impensável chegou mesmo a acontecer. Ao receber uma delegação de ministros do Kuwait, Deus Pinheiro declarou não encontrar «qualquer espécie de explicação» (sic) para a suposta libertação dos portugueses retidos no Iraque, adiantando que «estamos a cumprir escrupulosamente o embargo». E, com o mesmo sentido das conveniências e do vocabulário, acrescentou que «o mais rapidamente possível» seria enviado «alguém da embaixada» (portuguesa no Iraque) para tratar, no Kuwait, do repatriamento dos nossos compatriotas ali residentes. O mais amador dos ministros dos Estrangeiros do mais periférico dos países não seria tão expressivo. (...)

22.AGO.80

CAPITAL

De um artigo de Roque Lino:

(...) Em traços largos, pode dizer-se que o Hitler das Arábias precisa tanto de espaço vital, como dele precisam os países alienígenas. Apesar dessa óbvia constatação, o embargo é tão legítimo como legítimas foram as sanções económicas decretadas contra a África do Sul. O que não se pode é aceitar dois pesos e duas medidas. Se o direito internacional, para ser eficaz, carece de mecanismos coactivos ou suasórios, o bloqueio pode e deve aceitar-se como medida adequada à realização prática daquele direito.

Porque não assim quanto à África do Sul, à Indonésia (a propósito da anexação de Timor) e a outras partes do mundo onde as solidariedades não passam de actos farisaicos? (...)

22.AGO.90

INTERNACIONAL

RDA desaparece a 3 de Outubro

Depois dos desentendimentos dos últimos dias, os partidos com assento no Parlamento Leste-alemão chegaram finalmente a um acordo quanto à dissolução da RDA e a unificação das duas Alemanhas, prevista para 3 de Outubro.

O Parlamento adoptou por 294 votos a favor, 62 contra e 7 abstenções, a declaração de adesão da RDA à RFA, a 3 de Outubro, no quadro do artigo 23 da Constituição da Alemanha Federal. A medida tomada pelos responsáveis políticos da RDA é considerada o culminar de um virar de página iniciado com a «revolução tranquila», a 9 de Outubro de 1989, que viria a pôr fim ao regime comunista de Erich Honecker, assim como à «herança alemã» deixada pela IIª Guerra Mundial.

O artigo 23 da Constituição da RFA prevê a possibilidade do texto fundamental do país ser extensivo a «todas as outras partes da Alemanha», desde que estes o peçam. A decisão de ontem abriu igualmente as portas à realização de eleições gerais na Alemanha unificada, previstas para 2 de Dezembro, e das quais sairá o novo quadro político encarregue da direcção do país.

A data da adesão da RDA à RFA provocou um aceso debate durante as últimas semanas no seio da classe política de Bona e de Berlim-Leste. Os conservadores da CDU, que detêm o poder nos dois Estados, defendiam a data de 14 de Outubro para a realização da unificação, mas o chanceler Helmut Kohl tomou ontem uma atitude mais flexível, mostrando-se ontem disposto a antecipar esta data, tendo em conta a rápida degradação da vida social e económica da RDA. Estes motivos eram precisamente os invocados pelo SPD, partido na oposição, que defendia a fusão das duas



Parlamento da RDA durante a sessão que viria a marcar a data da reunificação alemã, vendo-se algumas cadeiras vazias dos ministros demissionários do Governo de Malzière

Alemanhas a meados de Setembro.

Estes desentendimentos vieram resultar no que Oscar Lafontaine chamou de «valsa de hesitações». As querelas entre social democratas, na oposição, e cristão democratas, no poder, não eram alheias às estratégias eleitorais que os partidos tem estado a preparar para as próximas eleições de Dezembro. Por um lado o SPD tem responsabilizado o Governo de Bona pela crise social verificada na Alemanha de Leste, devido a uma «prematura» unificação monetária, enquanto que, por outro lado, Helmut Kohl acusa o SPD de não estar interessado na fusão das duas Alemanhas, fazendo tudo para complicar o processo. A exemplo desta retórica política, Hans-Jochen Vogel e Oscar Lafontaine, líderes do SPD na RDA e na RFA,

respectivamente, publicaram um comunicado conjunto referindo que, afinal, 3 de Outubro não era uma data muito distante da proposta por eles defendida, ou seja, para meados de Setembro. Sintomaticamente, o mesmo poderão invocar os cristãos democratas que defendiam a data de 14 de Outubro. De facto a calendarização parecia ser o único verdadeiro obstáculo que se levantava à unificação das Alemanhas.

Definição das questões exteriores à unificação

A moção adoptada ontem pelos deputados Leste alemães põe como condição para o cumprimento dos prazos da reunificação, o fim negociações sobre o Tratado de Estado inter-alemão, que deverá definir as modalidades da unificação política, o mesmo acontecendo com as

medidas destinadas à criação dos cinco novos Estados Federais na RDA.

Segundo ainda a moção, as discussões «2+4» entre os países vencedores da IIª Guerra Mundial e os dois Estados alemães devem estar suficientemente avançadas de modo a que as questões consideradas exteriores à unificação e os problemas relacionados com a segurança europeia estejam já ultrapassados.

Recorde-se que a próxima, e em princípio a última, reunião «2+4» deverá realizar-se a 12 de Setembro. Posteriormente, os ministros dos Negócios Estrangeiros da Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa (CSCE) deverão examinar o documento final durante os dias 1 e 2 de Outubro, em Nova Iorque, um dia antes da unificação.

Redacção «DL»/AFP

Líbia e Chade discutem fronteira comum

O Presidente líbio Muammar Kadhafi e o seu homólogo chadiano Hissene Habre que se encontram reunidos em Rabat prosseguem hoje as conversações para dar solução para o contencioso fronteiriço que desde 1973 opõe os dois países. A cimeira, convocada por iniciativa do rei de Marrocos, Hassan II, propõe-se resolver a disputa entre os dois países sobre a faixa de Aouzou, anexada pela Líbia em 1973. Estas conversações decorrem apenas nove dias antes da expiração do prazo ajustado pelos dois países, em 31 de Agosto de 1989, em Argel, para ser encontrada uma solução que satisfizesse simultaneamente os interesses do Chade e da Líbia.

O Governo de Djamena já anunciou que, no caso estas conversações venham a falhar, recorrerá ao arbítrio do Tribunal Internacional de Haia como está previsto no acordo bilateral assinado em Argel.

Para desbloquear a situação que se arrasta de reunião em reunião desde 1973, o Chade tenciona propor à Líbia um plano de paz que inclui nomeadamente a evacuação das tropas líbias das zonas fronteiriças em litígio, a libertação simultânea dos soldados prisioneiros nos dois países e a constituição de uma comissão mista para traçar as linhas fronteiriças definitivas entre o Chade e a Líbia.

O Governo líbio considera, por seu lado, que a procura de uma «solução política» para o caso deverá começar pela libertação dos prisioneiros nos dois países, hipótese rejeitada pelo Chade, para já cauteloso quanto aos resultados desta reunião. Por outro lado, num comunicado difundido na capital chadiana, Djamena, o partido governamental exortou Hissene Habre a empregar todos os meios possíveis para chegar a um acordo justo e obter a paz entre o Chade e a Líbia.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

MPD acusa PAICV de «inflexibilidade»

O «Movimento para a Democracia» em Cabo Verde (MPD), considerado a principal força de oposição do PAICV, acusou este último de estar a «ajeitar» o calendário dos primeiros actos eleitorais naquele país, que transita este ano para um regime democrático pluripartidário, aos seus objectivos e interesses políticos. Acusando o PAICV de inflexibilidade e de estar a «insistir na prática ditatorial», o MPD propôs um novo calendário defendendo a realização de eleições legislativas em Dezembro e o adiamento para o Verão de 1991 das primeiras presidenciais directas.

Greve de estudantes termina com expulsão

Cerca de 100 alunos foram expulsos do Instituto Pedagógico Industrial de Nanpula, no Norte de Moçambique, para pôr fim a greve de estudantes que há uma semana se arrastava nesse estabelecimento escolar. A decisão foi tomada no decorrer de uma assembleia-geral da escola, com 400 alunos matriculados, em que participaram o Governador da província e a Secretária de Estado do Ensino Técnico-Profissional. Os estudantes que reivindicavam o pagamento de um subsídio mensal e garantia de transporte de e para o instituto viram satisfeito apenas este último pedido. Quanto ao subsídio mensal as autoridades negaram a sua concessão, alegando a difícil situação económica em que o país se encontra, chegando a afirmar, para não deixar dúvida sobre a resolução, que «quem não estiver de acordo deixa de estudar».

Governo búlgaro demite-se

O Governo búlgaro demitiu-se ontem em bloco, três semanas após o Parlamento ter eleito Zhelyu Zhelev o primeiro presidente não comunista em mais de 40 anos e depois também de o próprio primeiro-ministro Andrei Lukanov, ter renunciado às suas funções. Porém, segundo os observadores, Lukanov, um economista de 51 anos, considerado um comunista moderado, não irá abandonar o cargo, tentando formar em breve um novo gabinete de «tecnócratas». O primeiro-ministro sem Governo já confirmou essa hipótese dizendo, ao comentar a demissão do seu Gabinete, que «é perigoso esperar mais de dez dias pela construção de um novo Governo devido aos problemas económicos que a Bulgária atravessa».

Albânia constroi muros à volta das embaixadas

A autoridades albanesas iniciaram a construção de um muro à volta do bairro das embaixadas, em Tirana, como uma medida destinada a impedir que cidadãos seus se refugiem nas representações diplomáticas estrangeiras para fugirem para o estrangeiro, a exemplo do que aconteceu recentemente com centenas de pessoas. De acordo com homens de negócios que visitaram Tirana nos últimos dias, a única estrada que conduz ao bairro das embaixadas está bloqueada com barreiras de ferro e guardada por militares.

Novos confrontos na África do Sul

Pelo menos 502 pessoas morreram nos últimos dez dias na África do Sul, como resultado dos confrontos entre xhosas, afectos do ANC, e zulus, do partido Inkatha. Os confrontos reacenderam-se depois de uma relativa acalmia verificada durante o fim de semana, e teme-se que o número de vítimas venha a aumentar nas próximas horas. Ontem, o Presidente Frederik De Klerk anunciou que uma delegação de altos responsáveis do ANC estavam a estudar uma solução para o conflito tribal.

Marquez critica reformas na Colômbia

O prémio Nobel da literatura, Gabriel Garcia Marquez, rejeitou ontem uma proposta para fazer parte da comissão encarregada de registar a nova Constituição da República da Colômbia. «A timidez das reformas, quer pelo Governo quer pelos partidos políticos, fazem-me pensar que talvez seja melhor manter-me afastado da Assembleia Constituinte, sem outros títulos que não sejam os meus 45 anos de jornalista e escritor», afirmou.

INTERNACIONAL

Cuba, América Latina e a «perestroika»



Ortega entrega o poder a Violeta Chamorro, em consequência do voto de um povo farto de guerra

«Pobre do México, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos» - Porfirio Díaz.

Nestes tempos da «perestroika», da reunificação alemã e do triunfo do modelo liberal um pouco por toda a parte, compreende-se que a América Latina não concentre a atenção dos comentaristas. O que é menos compreensível, especialmente em comentaristas portugueses e espanhóis que deveriam ter uma visão mais ampla da situação, é a tendência a estender à América Latina a análise que se faz das mudanças no Leste

Europeu, quando a experiência histórica desses povos é radicalmente diferente.

Nicarágua e Panamá

Assim, a democracia na Nicarágua é apresentada como sinónimo do Governo de Violeta Chamorro e da derrota do «totalitarismo marxista» dos sandinistas. Mas na realidade, os sandinistas já realizaram eleições livres (louvadas por muitos observadores internacionais) em 1985, e a vitória de Chamorro no último acto eleitoral deveu-se ao desespero do povo nicaraguense depois de dez anos de guerra e de boicote económico organizado pelos Estados Unidos - e também à ajuda norte-americana de 9 milhões de dólares à campanha eleitoral dessa senhora. Imagine o escândalo se uma potência estrangeira financiasse um candidato presidencial em Portugal com 81 milhões de dólares (o equivalente em relação às dimensões da economia portuguesa)! A democracia nicaraguense, por imperfeita que seja, nasceu da luta contra os 45 anos de ditadura da família Somoza (apoiada pelos Estados Unidos), e não da luta dos mercenários «contra» para derrotar o alegado «marxismo-leninismo» dos sandinistas. Um dos aspectos mais interessantes da Frente Sandinista tem sido, desde o início, a convergência nela de três correntes ideológicas - a católica, a social-democrata e a marxista - e a procura de um equilíbrio entre as três, recusando qualquer modelo importado.

O abuso do termo «democracia» verifica-se também, e de maneira fla-

grante, no caso do Panamá. A democracia panamiana dever-se-ia à intervenção norte-americana contra o ditador Noriega em Dezembro do ano passado, mas ignora-se o facto de que o senhor Noriega, agora acusado (sem dúvida correctamente) de tirano e de traficante de drogas, foi «inventado» pela CIA e só abandonado quando lhes convinha. O novo presidente «democrático» Guillermo Endara ainda não se atreve a realizar eleições, e limita-se a fazer uma greve de fome (geralmente interpretada como uma maneira de perder alguns dos seus 110 quilos) para exigir o pagamento da prometida ajuda norte-americana. Convém lembrar que a República do Panamá, antiga província da Colômbia, deve a sua existência como país «soberano» à intervenção norte-americana para assegurar o controlo do canal, em princípios do século.

Cuba

Evidentemente, o caso que mais suscita comparações com o Leste Europeu é o cubano. Fidel é apresentado como um dos últimos ditadores comunistas a resistir à «perestroika» e à inevitável abertura democrática. Mas, apesar da necessária aliança com o bloco soviético - necessária para a sobrevivência cubana perante as constantes ameaças norte-americanas - o socialismo cubano nunca foi igual ao modelo soviético. Fruto de uma autêntica revolução popular, o regime cubano não foi imposto pelas armas do Exército Vermelho, e na sua prática interna sempre se caracterizava por uma maior participação popular e uma relativa abertura cultural. As

campanhas contra os privilégios da burocracia têm sido uma constante da experiência cubana, e embora fosse dúvida desejável uma maior liberdade de expressão e de comunicação, não é lícito identificar a situação cubana com a polaca ou a checoslovaca ou a de qualquer outro país do Leste. É importante lembrar que a revolução cubana não foi feita pelo Partido Comunista, mas pelo Movimento 26 de Julho, uma ampla frente de carácter populista-progressista; o antigo PC Cubano (o Partido Socialista Popular) opôs-se a Fidel até ao último momento, apelidando-o de «aventureiro pequeno-burguês». E mesmo depois da revolução, quando Fidel, hostilizado pelos Estados Unidos e procurando consolidar a aliança com Moscovo, adoptou oficialmente o marxismo-leninismo, mesmo então o antigo PC foi completamente reestruturado de acordo com a vontade de Fidel e dos dirigentes do Movimento 26 de Julho. Portanto, é um partido que nada tem a ver com o passado estalinista ou com os erros da Comintern.

A hegemonia norte-americana

Dir-se-á, talvez, que estes factos são interessantes, mas que a situação mudou, e que agora o liberalismo é a melhor solução para esses países. Mas isso implica ignorar o facto histórico fundamental para a compreensão de todos os países da América Central e da região caribenha, que é a hegemonia norte-americana: hegemonia essa que não mudou, e até se reforçou, com a retirada soviética decorrente da «perestroika».

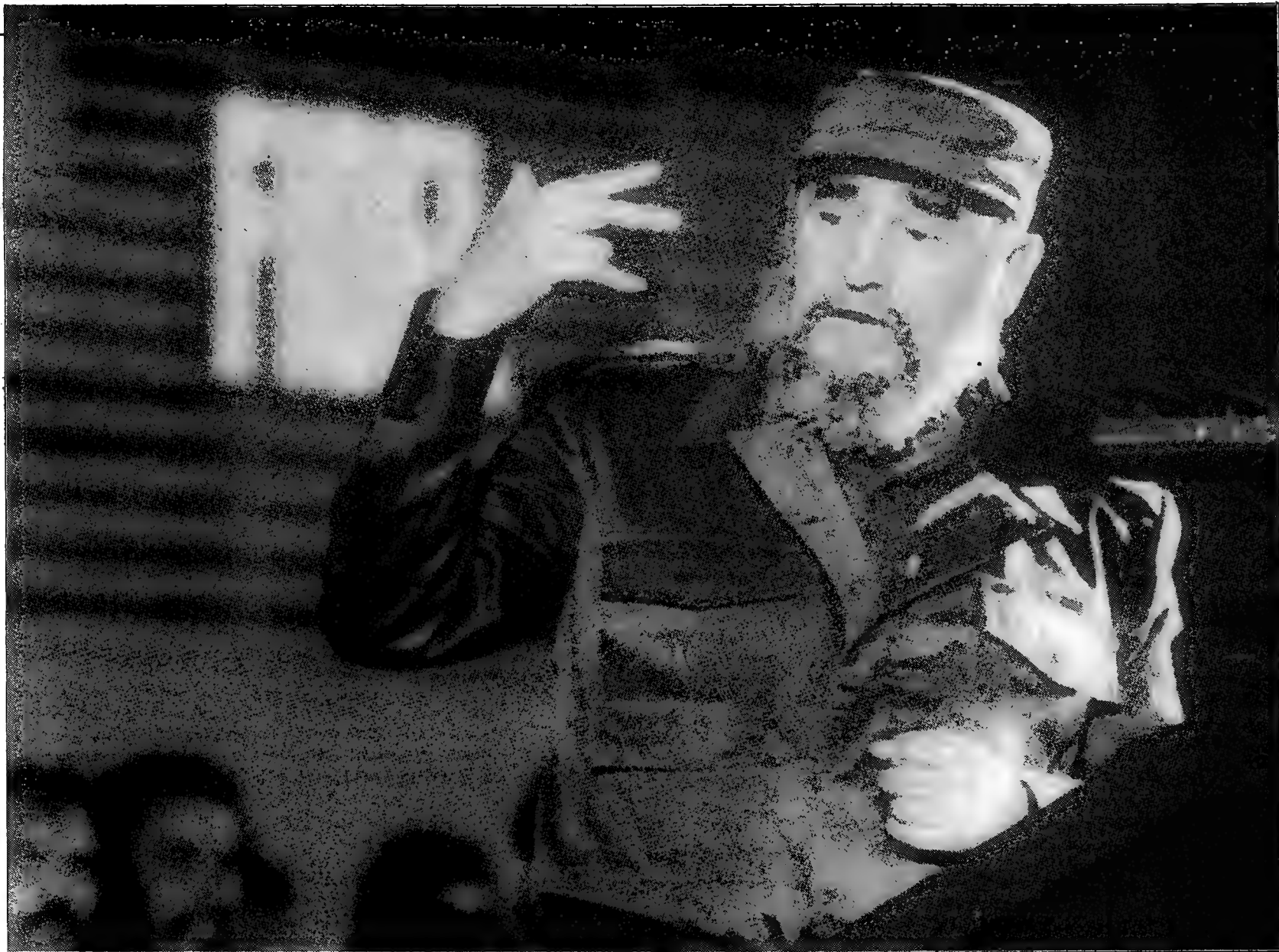
Não se compreende nada



Tropas americanas no Panamá. A actividade criminosa de Noriega atenuou o julgamento da invasão pela opinião pública internacional



A guerrilha anticastista Alpha 66 beneficia de facilidades para exercícios de treino militar em território norte-americano. Na foto, a captura de um prisioneiro de guerra



Entre o regime de Fidel e os dos países do Leste europeu sempre houve grandes diferenças. Não havia razões para que tivessem de comum a «perestroika».

de Cuba, ou da Nicarágua, do Panamá, das Honduras, do México, da República Dominicana, etc., sem tomar em conta a história de mais de um século de invasões, de dominação, de manipulação pelo «Colosso do Norte». «Conheço o monstro» - escreveu o grande poeta e revolucionário cubano José Martí - «porque vivi no seu lar». Ou, nas palavras de outro intelectual cubano, Emílio Roig de Leuchsen-

ring, depois da ocupação norte-americana de princípios do século - «Daqui para diante, o ódio aos americanos será a religião dos cubanos.» São palavras fortes, mas revelam o sentimento profundo, e historicamente compreensível, dos povos da região. É por isso que a democracia, na América Latina, nunca poderá chegar pela mão de Washington, a libertação não pode ser obra do car-

ceiro. Se vamos falar de «perestroika» no Hemisfério Ocidental, o que faz falta não é uma mudança em Cuba, mas uma reconstrução no império norte-americano e no seu «pátio traseiro». A URSS já permitiu a libertação dos seus satélites e começou a retirada militar do Leste Europeu, mas, na América Latina, os Estados Unidos continuam a mandar e a desmandar a seu bel-prazer. É uma situação que

tem de mudar, com ou sem a vontade de Washington.

Para muita gente, a recente «crise das embaixadas» é uma prova da falência do socialismo cubano e do paralelismo com a situação dos países do Leste. Mas sempre tem havido gente que quer sair de Cuba, e não só por erros ou deficiências da revolução cubana: é inevitável, num país do Terceiro Mundo e a poucos quilómetros da potência mais rica do planeta, que muita gente se deixe seduzir pela imagem (mesmo que para muitos, na prática, resulte ser uma ilusão) de riqueza e vida fácil. Da mesma maneira, cada ano centenas de milhares de imigrantes mexicanos e centro-americanos atravessam ilegalmente a fronteira do México com os Estados Unidos, mas ninguém diz por isso que o Governo mexicano está à beira da falência. O Governo cubano realizou nos últimos trinta anos avanços impres-

sionantes nos campos da educação, da saúde pública e da previsão social, mas não pôde alcançar o nível econômico de um país avançado; a herança de atraso e de dependência é um fardo excessivo mesmo para um país das dimensões do Brasil, quanto mais para uma ilha de dez milhões de habitantes.

Cultura e resistência

Há outro aspecto fundamental da questão, que é a dimensão cultural. Apesar da dominação dos meios de comunicação anglo-saxónicos, existe em toda a América Latina um forte sentido de unidade cultural. E também neste aspecto é importante o papel de Cuba, pelo esforço que tem feito para criar circuitos culturais da hegemonia norte-americana. A editora Casa de las Américas, altamente prestigiada em todo o continente

latino-americano, com os prémios de romance, de ensaio, etc. que outorga, é a manifestação mais importante disso. E não é só por causa da ideologia marxista-leninista que Cuba assume este papel de contestação cultural: convém outra vez lembrar o caso exemplar de José Martí, que foi correspondente de jornais de Buenos Aires, de Montevideu, do México e de outras cidades do espalhado pelo continente, e até chegou a ser nomeado representante uruguaio na Primeira Conferência Pan-Americana de 1893. E foi também Martí, receoso da crescente dominação norte-americana, que afirmou: «É o meu dever, com a independência de Cuba, evitar que os Estados Unidos tomem conta das Caraíbas e se lancem com maior peso sobre o continente sul-americano.» Martí, o herói nacional cubano por excelência, encarnou a nível continental a rejeição latina da hegemonia «gringa»; e os norte-americanos, ao baptizarem de «Rádio Martí» (e agora «Televisão Martí») a sua emissora de propaganda na Florida, dão provas não só de suprema arrogância mas também de ignorância histórica.

A importância simbólica da revolução cubana é enorme. Não é por acaso que Washington está «obcecado» com Cuba, como alegou recentemente Fidel. Não é só pelo exemplo de justiça social e de um socialismo autêntico que os países do Leste Europeu. É também, e principalmente, pelo desafio ao poder hegemónico, a 150 quilómetros da Florida: desafio que não deixa de suscitar admiração, mesmo a nível da burguesia, em todos os países ao sul do Rio Grande. É por isso também que é fundamental, para qualquer pessoa que se diga de esquerda, manifestar publicamente um apoio moral a Cuba nos momentos tão difíceis que correm. Não se trata de dizer que tudo seja perfeito na pátria de Fidel - não vamos cair outra vez no mito do «paraíso terrestre» - mas de afirmar claramente a importância deste modelo autêntico e desta epopeia de resistência ao centro hegemónico mundial.

Dawn Linda Raby



Noriega: uma invenção americana eliminada pelos americanos

Uma amiga de Portugal

Dawn Linda Raby, a autora deste artigo, nasceu em Norwich, Inglaterra, em 1944, tendo obtido o bacharelato em História, por Cambridge, em 1966, e o doutoramento na mesma especialidade, por Warwick, em 1970.

Iniciou a sua actividade profissional como investigadora na Universidade de Liverpool, em 1969-70 e foi, posteriormente, assistente catedrática do Departamento de História da Universidade de Toronto, no Canadá, posição que exerce desde 1970.

Publicou «Educação y revolución social en México, 1921-1940» (México, 1974) e «Fascism and Resistance in Portugal, 1941-1974», livro inicialmente publicado, em 1988, pela Imprensa da

Universidade de Manchester, e traduzido e publicado, já este ano, em português, pelas Edições Salamandra, sob o título «A Resistência Antifascista em Portugal, 1941-1974».

É autora de numerosos artigos dispersos por revistas académicas de Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, México e Portugal, sob temas de história contemporânea do México, América Latina em geral, e de Portugal.

É também co-directora do «Canadian Journal of Latin American & Caribbean Studies» e tem participado em numerosos congressos e colóquios internacionais de história e ciências sociais com referência aos países ibéricos e iberoamericanos.

ECONOMIA

BP aumenta rede

A empresa petrolífera BP vai reforçar o seu peso em Portugal através da expansão da sua rede rodoviária de abastecimento, enquanto renova e moderniza os seus postos de abastecimento.

Para concretizar tal intenção, a empresa tem em curso um plano de investimentos de 2,6 milhões de contos, dos quais cerca de metade serão aplicados na venda a retalho.

A operar em Portugal desde 1955, a BP estava até há pouco condicionada pelas quotas de comercialização fixadas administrativamente pela tutela.

Agora, ultrapassado este condicionalismo, a empresa encontra-se empenhada em reposicionar-se para a próxima década.

No ano passado, as suas quotas eram de 9,5 e 6,5 por cento, respectivamente para a gasolina e o gasóleo.

Os seus resultados líquidos em 1989 ascenderam a 1,4 milhões de contos.

Limitada nos PALOP a uma quota de 25 por cento em Moçambique, a BP prepara-se para explorar a abertura do mercado de Leste, em particular os da RDA, Hungria e Checoslováquia.

Espanhóis compram STET

A Finanzauto (espanhola) comprou, numa oferta pública de aquisição amigável, 58,37 por cento do capital social da STET - Sociedade Técnica de Equipamentos e Tractores, SA. O negócio decorreu na Bolsa de Lisboa e ascendeu a mais de três milhões e 105 mil contos.

A Finanzauto comprou cada uma das 466 999 acções adquiridas por 6650 escudos, tendo a oferta excedido a procura, tendo-se recorrido a rateio. O número de accionistas vendedores ascendeu a 25, sendo dois árabes.

No final da operação, os restantes 41,63 por cento do capital social, actualmente de 800 mil contos, ficaram dispersos pelo mercado e na posse do Datumento Establishment, que em 1988 era detentora de 75 por cento do capital.

A operação de aquisição foi organizada pelo Banco Alemão de Investimentos. Na última transacção no mercado oficial, as acções da STET estavam cotadas em oito mil escudos, ou seja 1350 escudos mais do que o preço oferecido pelos espanhóis.

Em 1989 os resultados líquidos da STET e o volume de vendas tiveram crescimentos de, respectivamente, 36 e 19 por cento. Naquele ano foram distribuídos dividendos de 200 escudos por acção.

Eurofed irá formular e aplicar a política monetária da Comunidade, mas deixa câmbios e acordos internacionais para o Conselho Europeu

Europa dos Doze vai criar banco central em 1993

Os Doze vão ter um banco central europeu a partir de Janeiro de 1993, antes de se efectivar, na globalidade, a União Económica e Monetária.

A proposta de criação de um banco deste tipo partiu da Comissão Europeia e marca o início da segunda etapa da UEM e a aproximação do fabrico definitivo de uma moeda única que circule livremente naqueles países.

A data do início da terceira etapa ainda não está prevista, ficando essa decisão a cargo dos chefes de Estado e ministros da CEE, tal como disse ontem em conferência de imprensa em Bruxelas, o comissário dos Assuntos Económicos da CEE, Hennig Christoffersen.

O problema da criação da moeda única não tem todavia uma solução fácil. Embora a proposta britânica seja

a da criação de uma moeda europeia «forte», Jacques Delors, presidente da Comissão, considera que essa iniciativa pode «ajudar ao sucesso, mas é necessário saber até onde se quer ir».

Banco independente

Para a Comissão, o futuro banco central, Eurofed, terá um carácter independente, democrático, vigiará a estabilidade dos preços e encarregar-se-á de «formular e aplicar a política monetária comunitária» e da introdução do ecu na CEE.

Competirá, porém, ao Conselho de Ministros dos Doze decidir sobre a política de câmbios e sobre as negociações de acordos internacionais monetários.

Para Delors, o respeito pela disciplina monetária relativa aos Doze não se fará por «pressão» mas por «vigilância» comum entre os Es-

tados membros.

Estas propostas da Comissão constam de um relatório apresentado aos Doze antes da conferência intergovernamental que se deve realizar em Dezembro próximo em Roma.

Refira-se que a criação da UEM irá lançar bases de coordenação mais estreitas entre as políticas económicas e monetárias e vai possibilitar uma resposta mais efectiva da Comunidade em situações de crises económicas.

O ecu, por sua vez, permitirá aumentar a eficiência económica da CEE eliminando as variações das taxas de câmbio, a incerteza e os custos suplementares de transacção, incidindo igualmente no reforço dos padrões de investimento, no aumento do crescimento e do emprego em todas as regiões.

A utilização do ecu vai ser

generalizado às instituições e actividades dos bancos centrais comunitários, nas operações cambiais, na emissão de obrigações públicas e noutras operações que envolvam empréstimos públicos.

Os custos da UEM, informa a Comissão, são representados pela «perda da taxa nominal de câmbios como instrumento de reajustamento económico». Prevê-se que as perdas não serão excessivas, sendo possível trocar as taxas de câmbios em relação às taxas do resto do mundo.

A Comissão concluiu ainda que a União Económica e Monetária irá beneficiar os orçamentos de muitos países, nomeadamente através da redução das taxas de juro e eliminação da inflação e dos riscos cambiais.

«DL»/AFP/Lusa

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46\$10	52\$10
ALEMANHA FED. (marco)	87\$75	88\$95
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	4\$078	4\$328
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	119\$95	122\$45
(notas de 5 a 1000)	120\$45	122\$95
DINAMARCA (coroa)	22\$80	23\$20
ESPAÑA	1\$361	1\$481
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136\$35	139\$85
(notas de 5 a 1000)	136\$85	140\$35
FINLÂNDIA (marka)	37\$10	37\$70
FRANÇA (franco)	26\$10	26\$80
HOLANDA (florim)	77\$85	78\$95
IRLÂNDIA (libra)	236\$40	240\$40
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$894	\$949
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
REINO UNIDO (libra)	263\$80	268\$30
SUÉCIA (coroa)	23\$75	24\$25
SUÍÇA (franco)	106\$95	108\$45
VENEZUELA (bolívar)	2\$592	3\$392

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante à a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

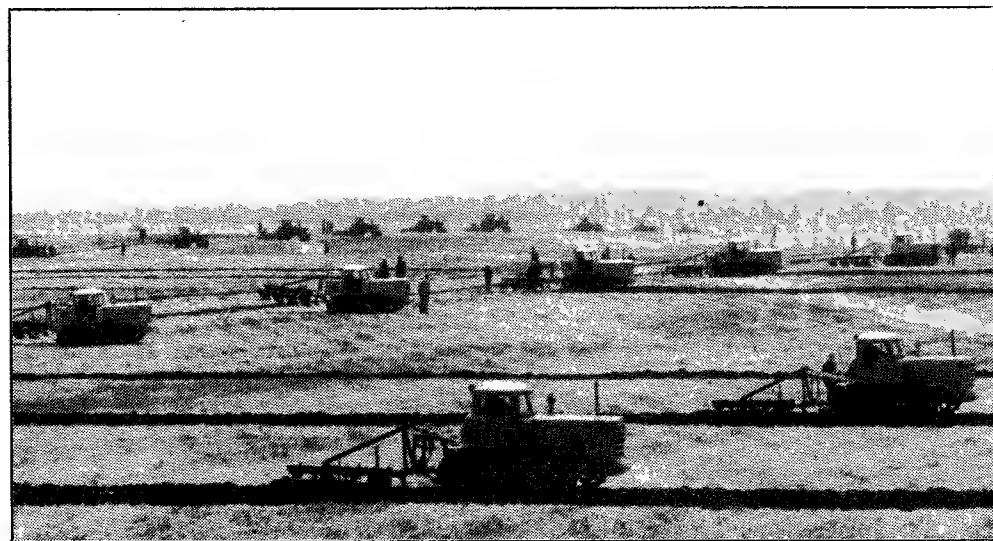
Os agricultores soviéticos não conseguem colher, nem escoar, as abundantes quantidades de cereais, embora tivessem previsto uma rica colheita para este Verão. As estimativas apontam para perdas gigantescas.

Dezenas de milhões de toneladas de trigo ficam nos campos, ou enchem por completo os silos. Não há transportes e faltam combustíveis para assegurar a sua distribuição.

A colheita desenrola-se de forma descontínua ao longo do enorme território soviético. Um comboio de carga precisa de 30 a 50 dias para percorrer de Leste a Ocidente o país, o que faz aumentar a falta de vagões.

Além disso, cerca de quatro mil vagões com trigo concentram-se diariamente em estações de caminho-de-ferro à espera de descarga, transformando-se em silos móveis, segundo informa o jornal «Pravda».

A instabilidade social e as greves dos trabalhadores na rede ferroviária, nomeadamente na Transcaucásia, provocaram uma diminuição na carga média diária circulante de 200 mil toneladas em relação ao ano passado. As ferrovias da URSS es-



Produção posta em causa pelos transportes

tão «sufocadas» pela «dupla colheita»: os departamentos estatais de comércio externo planearam a chegada de navios com trigo estrangeiro para o mesmo período em que os cereais estão a ser colhidos no país.

No dia 5 de Agosto passado, mais de 700 mil toneladas de trigo importado concentraram-se nos portos soviéticos. No Inverno passado, mais de três milhões de toneladas de cereais importados permaneceram nos silos portuários devido ao mau funcionamento dos cami-

nhos-de-ferro.

Entretanto, dezenas de barcos estrangeiros encontram-se ancorados nas proximidades dos portos de Novorossisk, Odessa, Perdi-ansk, Mariupol, Poti, Satumi, Nakhodka e Vladivostok. Aguardam poder atracar para descarregar cerca de 600 mil toneladas de cereais.

Enquanto os departamentos ferroviários e marítimos apresentam queixas ao Conselho de Ministros, o erário público paga a cada um dos navios ancorados entre 12 e 15 mil dólares por dia.

Segundo as estatísticas, no ano passado o transporte por navios estrangeiros de 30 milhões de toneladas de cereais custou à União Soviética entre 600 e mil milhões de dólares.

Não existe um programa claro de importação de cereais, constata o «Pravda». A compra no estrangeiro devia ter sido efectuada no período de Novembro a Junho, fora da época da colheita, segundo o jornal.

Evgueni Mouravitch/
Lusa

QUOTIDIANO

No encontro com o ministro das Finanças, Carvalho da Silva contrapôs a necessidade de o Governo e o patronato assumirem responsabilidades

CGTP está disponível para desinflação

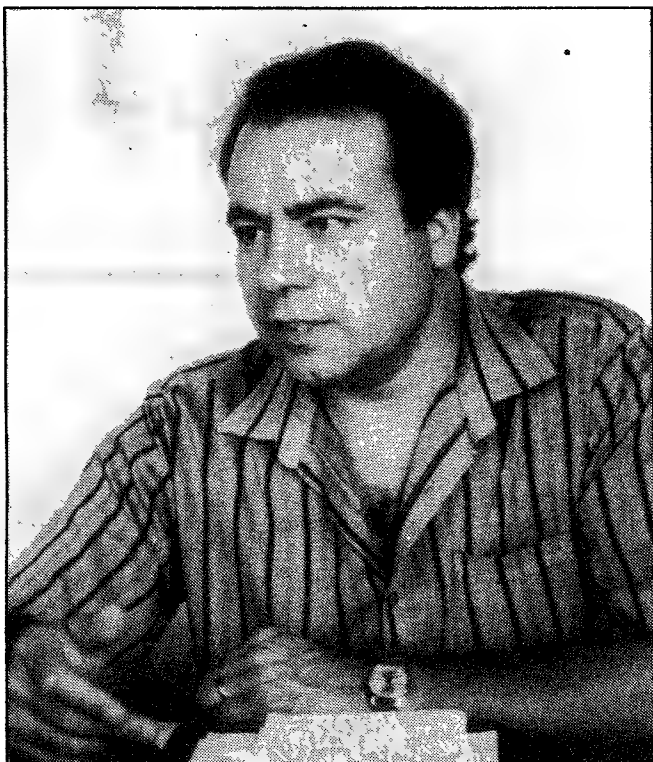
A CGTP manifestou ao ministro da Finanças, Miguel Beza, a sua disponibilidade em contribuir para a elaboração de uma política desinflationária num quadro de crescimento, sem, contudo, sacrificar os direitos dos trabalhadores.

Ontem, no final de uma reunião com o ministro, o coordenador da CGTP, Manuel Carvalho da Silva, considerou que: «numa fase de elaboração do Orçamento de Estado, constata-se a existência nos últimos anos de uma política de contenção salarial, confirmada no recente relatório do Banco de Portugal».

Para Carvalho da Silva, esta política de combate à inflação tem-se revelado frustrada e tem sido mantida à custa de desequilíbrios sociais.

Por isso o coordenador da Inter exigiu a inversão dessa política que, disse, está contida no Pesar, um programa quinquenal apresentado pelo executivo, denominado Progresso Económico e Social para os Anos 90.

Carvalho da Silva sublinhou que a CGTP está empenhada em contribuir para expectativas positivas que suportem uma política de desinflação, desde que exista o assumir de responsabili-



Carvalho da Silva pretende que sejam tomadas medidas de grande dimensão no âmbito social

dades por parte do Governo e do patronato.

Ao referir que o País tem condições económicas e financeiras para haver respostas positivas neste domínio, o dirigente sindical apontou medidas a consagrar no Pesar, «a garantia do cresci-

mento real dos salários».

Preconizou também o assumir de medidas que melhorem o nível de vida das camadas de trabalhadores mais desfavorecidas e considerou que o Governo não pode impor no sector público, como é o caso dos transportes,

referenciais de aumentos salariais que sejam limitadores do crescimento geral dos mesmos.

Segundo Carvalho da Silva, urge medidas de grande dimensão no âmbito social, como por exemplo o aumento das pensões e a alteração do seu cálculo e financiamento.

Ao criticar as partes referentes às questões laborais inscritas no Pesar o coordenador da CGTP defendeu a salvaguarda dos direitos dos trabalhadores, designadamente os direitos de participação e negociação a todos os níveis.

De acordo com Carvalho da Silva, a CGTP pretende garantias institucionais, nomeadamente a disponibilidade do Governo para inscrever propostas no Orçamento de Estado em políticas fundamentais como a fiscalidade, o ensino, a saúde, a segurança social e a habitação.

A CGTP visa ainda contrapartidas para os trabalhadores, como seja, por exemplo, a redução do horário de trabalho, afirmou o dirigente sindical.

No encontro com Miguel Beza estiveram presentes, além de Carvalho da Silva, José Luís Judas e Maria do Carmo Tavares.

Defesa do Consumidor lança alerta

A Secretaria do Estado do Ambiente e Defesa do Consumidor divulgou uma nota em que incita os consumidores a protestarem e a defenderem os seus direitos. A iniciativa baseia-se no facto de que «durante o período de Verão e em especial nas férias, os consumidores estão sujeitos muitas vezes a que os seus direitos sejam afectados». São citados «os preços fora do vulgar, condições deficientes nos transportes, problemas em restaurantes dormidas em condições menos agradáveis e serviços com pouca higiene».

Claustro da Igreja de Santa Cruz vai sofrer obras de reparação

A reparaçãõ da abóboda dos claustros da Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, onde se verificou terça-feira um desprendimento de pedras, vai iniciar-se de imediato, anunciou a directora do Instituto Português do Património Cultural. Manuela Barata referiu que os técnicos do Instituto já procederam a uma inspecção ao Claustro do Silêncio e que embora esta tenha concluído pela inexistência de perigo, foi decidido encerrar ao público a área afectada.

Comissão de Trabalhadores condena despedimentos na RTP

A Comissão de Trabalhadores da RTP insurgiu-se ontem contra a aplicação da ordem de serviço interna que visa o cumprimento do regime de exclusividade, considerando-a «prepotente e porta aberta à liberalização de despedimentos». Segundo o texto, «não existe na lei nem no acordo da empresa que vincula os trabalhadores à RTP algo que impeça a utilização do tempo fora do seu horário de trabalho». A Comissão afirma ainda que no Tribunal de Trabalho se irá assitir «à derrota da RTP e dos seus juristas contratados, o que será motivo de desprestígio da empresa e trabalhadores».

Feira de S. Mateus abre hoje em Viseu

A feira de S. Mateus, considerada a mais visitada de Portugal, abre hoje em Viseu, com a presença do ministro da Agricultura, Arlindo Cunha, na cerimónia inaugural. O certame, que no ano passado recebeu um milhão de visitantes, decorre até 23 de Setembro, compreendendo 276 expositores de actividades económicas, culturais e artesanais de todo o País.

Recusa das horas extraordinárias aumenta na Carris

A Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru-CGTP) comunicou ontem que a recusa ao trabalho extraordinário dos trabalhadores da Carris «tem vindo a aumentar desde segunda-feira». A referida recusa aumentou de 80 para 85 por cento de segunda a quarta-feira. A forma de luta decorrerá até amanhã. A 4 de Setembro, os trabalhadores vão fazer greve, entre as 5 e as 8 horas e dia 6, entre as 16 e as 19 horas.

Guardas Florestais com greve suspensa

A greve dos guardas florestais, prevista para o dia 30, será «provavelmente desconvocada» em virtude do Governo se ter comprometido, por escrito, «a pagar tudo o que deve, em Setembro e a repor a legalidade», afirmou ao DL Filipe Ferreira, da Federação dos Sindicatos da Função Pública (CGTP). A última palavra será dada amanhã, numa reunião daqueles profissionais. A questão que levou os guardas florestais a terem paralisado já duas vezes este mês e a prever outro dia de greve decorre do facto de o Governo ainda não ter aplicado o regime de trabalho publicado em Maio que consagra o pagamento de um subsídio de risco de 11 contos e a integração da classe no novo sistema retributivo da Função Pública.

Trabalhador esmagado por cilindro

Um trabalhador morreu, terça-feira, esmagado pelo cilindro com que operava no lugar de Relógio de Sol, em Almacave, Lamego. A vítima, Osvaldo José de Jesus Pinto, de 39 anos, casado, era natural e residente em Vila Mea, Fereirim. Segundo a GNR, o trabalhador encontrava-se a laborar numa urbanização de Lamego, quando, em circunstâncias ainda por esclarecer, foi colhido mortalmente pela máquina.

Portugal e Espanha unidos em Rio d'Onor

As correntes que desde 1974 dividem a aldeia comunitária de Rio d'Onor são cortadas oficialmente amanhã pelos governadores civis de Bragança e Zamora, Cruz Oliveira e Carlos Romero, respectivamente.

Para o governador civil de Bragança «o corte das correntes é um acto simbólico e o início das relações profícuas e empenhadas entre os dois governadores de zonas interiores».

Segundo Cruz Oliveira, os dois governadores «pretendem com este acto iniciar uma série de trocas de experiências entre diversas instituições privadas e públicas que permitam obter o tão almejado desenvolvimento».

O governador civil de Bragança entende que «as correntes tinham pouco sentido, dado as características peculiares de vivência das duas comunidades de Rio d'Onor».

«É um facto que numa perspectiva de sã convivência e de um entrosamento perfeito das duas comunidades - portuguesa e espanhola - as correntes deixaram, há bastante tempo, de fazer sentido», afirmou o representante governamental em Bragança.

Para celebrar o acontecimento, o Governo Civil promove amanhã uma festa popular, a realizar no lado português de Rio d'Onor, na qual participará o ministro espanhol da agricultura.

As correntes foram colocadas pelas autoridades portuguesas no início da «revolução de Abril», para simbolizar a separação ideológica entre dois países.

Projecto em fase inicial

Vacina de salmonela erradica febre tifóide

Doenças como a malária, febre tifóide, tétano e gripe poderão ser erradicadas por meio de uma vacina oral, baseada numa bactéria de salmonela geneticamente fabricada, declarou um biólogo da Universidade de Cambridge.

O especialista Carlos Hormaeche fez a declaração na conferência anual da Associação Britânica de Avanço da Ciência, dando pormenores de um projecto internacional anglo-americano que se encontra em progresso, embora ainda na fase inicial.

Vacinas combinadas de salmonela contra tais doenças já foram experimentadas com grande sucesso em animais e nos Estados Unidos a vacina de salmonela contra a febre tifóide, que é causada por uma das duas mil variedades de salmonela, já iniciou a sua primeira fase de experiências clínicas.

A vacina poderia mesmo ser usada contra a própria salmonela afim de erradicar aquela doença nas galin-

has e ovos que tantos danos tem causado à indústria de galináceos.

Carlos Hormaeche disse que entre as vantagens da vacina conta-se o facto de ser mais agradável de tomar, mais higiénica e mais barata do que as vacinas injectadas.

Os cientistas desenvolveram uma bactéria de salmonela «geneticamente estropeada», com capacidade limitada de infecção mas podia conferir imunidade contra organismos virulentos.

Antígenos protectores de muitos patógenos (vírus, bactérias e parasitas) foram adicionados à salmonela usando técnicas de engenharia genética.

O grupo de pesquisas e estudos da Universidade de Cambridge, dirigido por Hormaeche, está a colaborar com a Wellcome Biotechnology no Reino Unido, e com a Universidade de Stanford, nos Estados Unidos.

Os passageiros querem chegar a horas, os motoristas assumem que excedem a velocidade e a empresa reconhece que os tacógrafos são para ver depois dos acidentes. É o dia-a-dia dos «expressos» da Rodoviária Nacional. Depois do desastre, todos querem ter razão

Poucas desculpas para tantas culpas

«Escolhi o horário, paguei o bilhete, tenho o direito de chegar a horas lá acima, tenho gente à minha espera», reclama um passageiro na garagem da Casal Ribeiro, em Lisboa. O «expresso» que aguarda já deveria ter partido para Bragança e ainda nem chegou. O passageiro tem razão, o motorista atrasado também a poderá ter (haverá muito trânsito?), a empresa reclama-a para si: os horários são feitos para cumprir, e podem-no ser. Não é um caso excepcional, é só mais um dia num centro de camionagem da Rodoviária Nacional.

O «expresso» que o passageiro aguarda faz o percurso Setúbal-Bragança e foi baptizado pelos motoristas como o «expresso da DME». E só mais um dia num centro de camionagem da Rodoviária Nacional.

seguidas ao volante e quase não tem tempo para comer, por isso nasceu o nome.»

O horário, distribuído pela Rodoviária Nacional, não o desmente: os «expressos» são diários e efectuam-se duas vezes - partida de Setúbal às 6.30 e chegada a Bragança às 18.40 horas, ou partida às 11 e chegada às 22.40 horas.

Ontem mesmo o DL confirmou, nas bilheteiras de Setúbal: o carro saiu e não trocou de motorista pelo caminho. Das informações do Centro de Lisboa, por onde o carro passa, a resposta foi a mesma: «Não há paragens fixas, o carro pára só se houver passageiros para descer. A paragem para comer é entre Lisboa e Coimbra, onde o motorista vir, pelo horário, que pode parar. É sempre o mesmo motorista, não se perde tempo com mudanças»,

acrescentou a mesma pessoa.

E este não é caso único. O «expresso» que faz a viagem Setúbal-Ficalho (perto de Fronteira) foi ontem guiado por um motorista que cumpriu o seguinte esquema de trabalho: saída de Setúbal às 6.15, chegada a Lisboa uma hora depois; às 7.45 voltou a partir, para, cumprindo o horário, estar no final da carreira às 12.05. Teve até às 13.15 para almoçar, altura em que pegou no carro com destino a Setúbal (18.30 horas) e passagem por Lisboa (17.35 horas).

A empresa argumenta: a esse horário correspondem duas chapas (escalas de serviço), uma de Setúbal-Lisboa e outra da capital até Ficalho, e um motorista a cada uma. Mas, segundo afirmaram vários trabalhadores do Centro de Exploração de Passageiros de Setúbal (CEP-8), «apenas um motorista faz as duas chapas, diariamente, porque as chefias preferem pagar as duas horas extra a ocupar dois homens naquele serviço».

Ainda no mesmo Centro da RN, o «expresso» Sines-Leiria é assegurado por dois homens. O primeiro sai às 4.45 horas e deixa o carro em Setúbal duas horas depois. Fica o resto do dia na cidade,

onde faz pequenas carreiras até cumprir o seu horário (9 horas diárias). O segundo pega no «expresso» às 6.45, chega a Leiria às 12.15 e tráfego de regresso às 15.45, chegando a Sines, pela tabela, às 22.50. No dia seguinte é ele quem inicia a carreira, às 4.45, deixando-a em Setúbal às 6.45 horas, onde é substituído pelo primeiro homem. Das 22.50 e as 4.45 horas foi o tempo que a empresa lhe deu para jantar, descansar e pegar novamente ao trabalho.

Protestar balxinho

Os motoristas queixam-se destes horários, que consideram «violentos» e difíceis de cumprir «sem pisar o risco», mas também não os recusam.

«Quem puxe pelos seus direitos está tramado», afirmou ao «DL» um motorista de «expresso», explicando: «O que importa é que o carro chegue a horas à garagem, consideram muito as pessoas que cumprem os horários, são bem vistas se tudo corre bem; se alguma coisa corre mal, é o contrário, caem-nos em cima, somos culpados porque vínhamos em excesso de velocidade.»

Por norma, explicam, «quem começa uma escala, acaba-a. Só é rendido se for

da conveniência da empresa».

A questão dos horários juntam-se as folgas: «A empresa tem falta de pessoal especializado para os 'expressos' e por isso acumulamos chapas seguidas, que lhes sai mais barato. Além disso, quando precisamos, pedem-nos para fazer a folga. Quem diz 'não' pode logo esperar pela chantagem», acusam.

A 'chantagem' é a passagem para expressos «maus» (menos horas extraordinárias) ou não ser escolhido para os fazer a X horas, sempre a render, enquanto que na empresa não, depende dos CEP's a que se pertence: uns pagam as horas extra depois de descontarem o tempo em que se esteve parado na garagem; outros pagam os atrasos desde que justificados, outros não pagam mesmo. Cada um tem o seu critério.»

Tacógrafos: para servir o quê?

Segundo os motoristas - e publicamente denunciado pelos sindicatos - ninguém é punido pela empresa devido a excesso de velocidade, a não ser quando acontece algum problema.

«Os tacógrafos são uma

arma deles contra os motoristas, não servem para ver se nós cumprimos a velocidade estipulada, porque isso eles sabem que não é possível, se quiserem os carros na garagem às horas certas, para não haver protestos dos passageiros. Vêem-nos os tacógrafos para saber se tivemos mais tempo parados do que devíamos ou por causa do pagamento das horas extra», disse um motorista.

Segundo Fernando Vilela, motorista da RN e dirigente do Sindicato Rodoviário do Distrito de Coimbra (CGTP), «os horários são difíceis de cumprir, e os tempos para refeições e horas de descanso nem são contemplados. Por falta de pessoal, as escalas não são respeitadas. O sindicato já apresentou queixa à Inspeção do Trabalho por causa de um expresso nocturno Coimbra-Chaves, e a empresa foi obrigada a suprimi-lo».

«Os horários estão correctos, mas não se praticam porque é apertado, há sempre atrasos, trânsito, coisas que os horários esqueceram», acrescentou o dirigente sindical.

Também José Brandão, do Sitra (UGT) teve já violentas críticas às condições de trabalho na empresa. «Os horários só são respeitados quando os motoristas andam em excesso de velocidade, e a Rodoviária sabe isso. Só se apressa a ver os tacógrafos quando há acidentes como o da semana passada, para poderem culpar o motorista».

RN: a cada CEP sua sentença

A Rodoviária Nacional está dividida por vários



Garage

RN: falar sim, dar a cara, não

Os motoristas da Rodoviária Nacional aceitam falar com os jornalistas sobre o seu trabalho, mas sob uma condição: que o seu nome não seja revelado, ou escrito qualquer pormenor que permita à empresa identificá-los como autores da informação.

O seu receio, que pode parecer exagerado, tem fundamento: uma norma interna impede os trabalhadores da empresa de prestarem declarações públicas sobre a RN. E ela é escrupulosamente aplicada pelos responsáveis hierárquicos, como o DL pôde comprovar.

A 13 de Julho passado, o «Diário de Lisboa» publicou uma entrevista com António Gervásio, dirigente nacional do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários e Afins (Sitra) e motorista da Rodoviária Nacional no Centro Operacional de Passageiros de Cascais (COP-4), na qual o trabalhador revelava as condições de trabalho, os horários praticados, o seu ordenado e os 'ganchos' que fazia para conseguir sustentar a família.

No seu primeiro dia de serviço após a publicação da entrevista, o motorista, mal chegou ao local de trabalho, foi informado pelo seu superior hierárquico de que seria rendido na carreira para a qual estava escalado porque tinha que se apresentar na direcção.

E, segundo afirmou ao DL, «o caso foi pior do que eu estava à espreita»: foi ameaçado pelo próprio director do COP-4 de que seria alvo de um inquérito disciplinar, com base na referida norma interna, devido à entrevista concedida.

António Gervásio argumentou com o facto de ser dirigente sindical, cargo que o desobriga do cumprimento daquela regra.

Se o inquérito se realizará ou não, ele próprio não sabe: «Até agora não teve seguimento... Mas a ameaça ficou, e serviu de exemplo para os outros», afirmou.

E.A.



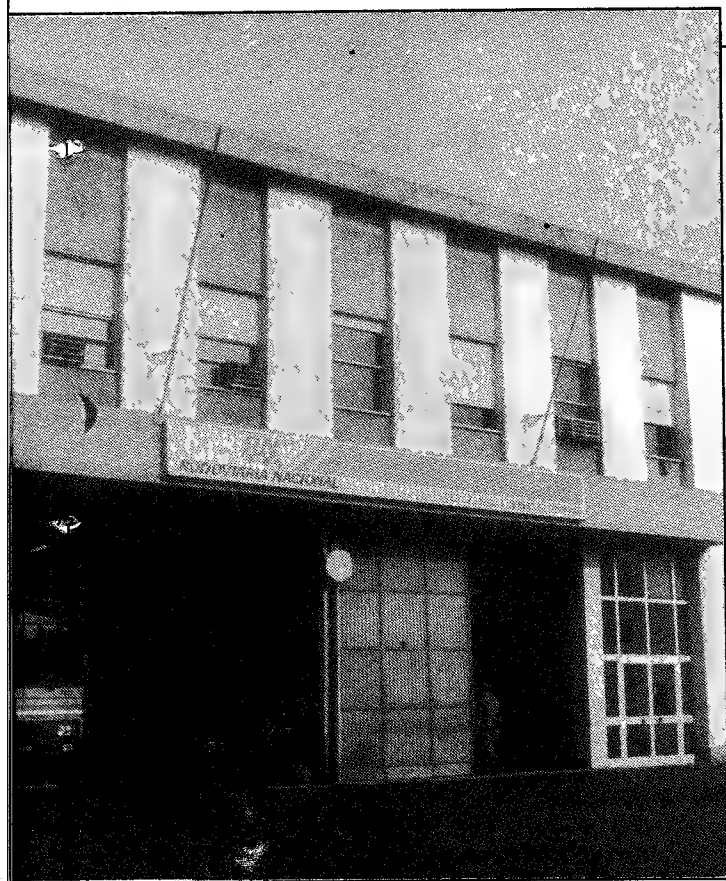
Para os serviços «expresso» a Rodoviária garante que são escolhidas as melhores viaturas



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



Garagens: o centro das tensões diárias

quando há dúvidas e se quer confirmar um atraso, em casos de acidentes, de reclamações de passageiros, ou quando queremos conferir as horas extra que o motorista exige que lhe sejam pagas».

Segundo aquele responsável, os motoristas andam com o disco do tacógrafo desde o dia anterior à sua folga até à véspera da folga seguinte.

«Não me recordo de nenhum caso de um motorista que tenha sido suspenso por excesso de velocidade», afirma, explicando: «o 'expresso' é um serviço nobre, pelo que só é entregue a motoristas com formação profissional adequada. Quando se confirma que um motorista não tem o perfil indicado - teve problemas com os utentes, por exemplo -, transferimo-lo para as carreiras, ou mesmo para os carros de carga».

«Se tudo correr dentro da normalidade, não conferimos os tacógrafos. temos 200 motoristas a trabalhar por dia, não o podemos fazer. Além disso, para analisar os discos é necessária uma máquina própria, que este Centro nem possui».

A análise fica para quando houver um novo acidente.

Elsa Andrade

Centros de Exploração de Passageiros (CEP's), que têm autonomia em matérias como a dos recusos humanos.

No caso dos «expressos», os horários não são da sua responsabilidade, mas sim da Rede Nacional de Expressos, que lhes envia, cabendo depois a cada um dos centros regionais gerir os motoristas que tem de forma a cumprir

as linhas que lhe foram destinadas. Têm ainda o dever de fazer respeitar as «regras», verificar falhas, aplicar punições. E, segundo os próprios motoristas, tudo depende muito do CEP a que se pertence.

Elias Martins, chefe do serviço de tráfego do CEP-2, de Coimbra, afirmou ao DL que ali «só em alguns casos é que os tacógrafos são lidos:

Horários dos «expressos» podem ser cumpridos

«Os horários dos 'expressos' da Rodoviária Nacional podem ser cumpridos em condições normais sem desrespeitar qualquer norma de segurança», garantiu ao «DL» Alexandre Campos, director da Rede Nacional de Expressos, organismo da empresa responsável pela gestão daquele tipo de serviço.

«Os horários são feitos para condições normais médias. Se há perturbações no trânsito ou qualquer outro tipo de anomalias, naturalmente que não podem ser cumpridos, como se compreende, pois o transporte rodoviário é aquele que mais sujeito está a contratempos exteriores», afirmou aquele responsável, considerando que a prova de que os horários praticados pelos «expressos» da RN estão correctos é o facto de estarem «homologados pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres».

O director da Rede Nacional de Expressos faz questão de deixar bem claro que o organismo que tutela apenas elabora os horários, declinando qualquer responsabilidade na sua execução que, frisa, cabe inteiramente às direcções de produção dos Centros de Exploração de Passageiros (CEP), que têm também a seu cargo as viaturas.

«O horário de serviço é uma coisa, a forma como é executado é que pode levantar problemas», afirma Alexandre Campos, preferindo não se pronunciar sobre a forma como cada CEP gere os seus recursos humanos.

«Os horários são feitos contemplando a rendição dos tripulantes», acrescenta aquele responsável, referindo-se às queixas dos motoristas sobre as longas horas que passam ao volante.

Segundo afirmou ao «DL», «quando os motoristas fazem chegar à empresa dificuldades no cumprimento dos horários, eles são alterados. Ainda há cerca de três meses procedemos a rectificações, por sugestão de um motorista. No caso concreto, o tempo global estava certo, mas as distribuições par-

celares do percurso não eram possíveis de cumprir, e a modificação foi feita».

A forma como são definidos os horários obedece a várias condicionantes, segundo explicou Alexandre Campos: os quilómetros a percorrer, as características da via (se é sinuosa, ou uma moderna auto-estrada), o tráfego habitual de cada zona e as condições do piso, embora «as informações sobre este último caso sejam as mais falíveis, porque se degrada».

Aquele responsável refuta a tese de que os horários que elaborou são impossíveis de cumprir, justificando-se a sua existência apenas pela concorrência entre a Rodoviária Nacional e as empresas privadas. Dá como exemplo o serviço Algarve-Lisboa, onde «os tempos de percurso da RN são consideravelmente mais dilatados do que os da concorrência, logo mais de acordo com a realidade».

Não nega, no entanto, que a concorrência entre as empresas existe, considerando-a até «benéfica, se for leal e com base na qualidade». «Os horários devem ser elaborados em função do interesse do público e a sua execução respeitar as normas vigentes», defende.

A Rodoviária tem actualmente 63 linhas «expresso» (e uma de alta qualidade, com características de conforto diferentes), para as quais são «desviadas» as melhores viaturas, que Alexandre Campos considera «perfeitamente adequadas ao tipo de serviço que prestam».

Referindo-se ao acidente da passada semana, o responsável da Rede Nacional de Expressos afirma: «Em condições normais de tráfego o percurso é facilmente realizável dentro do horário, e a velocidade média necessária é de 50 Km/h, pois de Chaves a Viseu são 176 Km, para os quais estão previstas 3,5 horas». E apesar do desastre, «a procura por parte dos passageiros mantém-se igual», agrante.

E.A.

Expresso de Viseu

Velocidade descoberta devido ao acidente

Se o «expresso» Chaves-Lagos de quinta-feira passada não tivesse sofrido um acidente próximo de Viseu, vitimando 17 pessoas, António Fernandes Alves, o motorista que o guiava, teria sido apenas alvo de uma advertência por parte da empresa. Mas a sorte foi outra, e hoje é alvo de todas as críticas, depois do inquérito preliminar ter concluído pela sua culpa: chegou tarde ao local de trabalho e conduzia em excesso de velocidade.

Elias Martins, chefe do serviço de tráfego do Centro de Exploração de Passageiros de Coimbra (CEP-2), a que pertencia aquele motorista, deslocou-se ao local do acidente e verificou as condições em que ele se deu. Não hesita em dizer que considera o trabalhador «100 por cento culpado» devido ao excesso de velocidade na altura do acidente, mas esclarece alguns pontos.

«Falei com o chefe de estação do Centro de Chaves, onde o motorista ia pegar ao serviço. Foi ele que, quando chegou ao local e viu os passageiros à espera, decidiu ir na sua viatura a casa do motorista para saber o que se passava. Ao chegar lá, ainda presenciou o motorista a meter o pneu furado na bagageira do seu carro: tinha tido um furo, e daí o atraso.» Este facto vem contrariar as notícias de que António Alves teria adormecido, vinculadas por fontes da própria RN.

«Caso não se tivesse dado o de-

sastre, o seu atraso estava justificado e confirmado por um responsável. Quando muito seria alvo de uma advertência da empresa», disse Elias Martins. No entanto, se não tivesse falecido, António Alves, para além das decisões jurídicas, a nível de empresa, «provalmente seria alvo de processo disciplinar e despedido», acrescentou.

Por outro lado, aquele motorista nunca tinha sido suspenso por excesso de velocidade, conforme foi igualmente noticiado, garantiu ao «DL» o responsável pelo CEP-2, Cipriano Martins.

O motorista, segundo aquele director, foi uma vez suspenso, mas devido ao facto de não ter participado, dentro dos prazos estipulados, um pequeno 'toque' com o autocarro. «Foi chamado para apurar o porquê da não participação e ele respondeu que, por ser um pequeno toque, pensou que o arranjo ficaria em cinco ou 10 contos, e ele mesmo pagaria. Quando soube que seriam 30 contos acabou por participar, mas já atrasado, o que contraria as normas da empresa. Foi essa a causa da sua suspensão e não o excesso de velocidade», explicou.

Há ainda a considerar o facto de António Alves estar com contrato a prazo há 16 meses, o que poderá explicar o excesso de velocidade a que seguia para tentar recuperar o atraso na partida. «Nada na empresa os obriga a isso, e não punimos os motoristas pelos atrasos, a

não ser que sejam frequentes ou sem justificação», disse o chefe de tráfego, frisando:

«Ele conhecia bem o percurso e o horário está feito para uma velocidade média de 70 Km/h, adequada ao trajecto. Além disso, quando se deu o acidente ele já tinha passado Stª Marta de Penaguião, a pior parte do caminho, cheia de curvas que têm que ser feitas fora de mão, a uma velocidade nunca superior a 50 Km/h. Foi numa recta que tentou recuperar e na curva que se segue ficou fora da estrada. Teve azar, porque logo naquele local o alcatrão termina e praticamente não há berma, é logo a ribeireira».

E se o desastre não se tivesse dado, o mais provável é que ninguém fosse confirmar se o motorista tinha excedido a velocidade limite: os tacógrafos só são verificados em casos de anomalias. «Quando tudo corre normalmente, isso não se faz», afirmou o chefe de tráfego, explicando que os «expressos» são um serviço «nobre», para o qual são escolhidos «os melhores».

E.A.



Se o acidente não se tivesse dado, ninguém se preocuparia com o excesso de velocidade

Estátua de governador contestado pode vir para Lisboa

Assassinado há 141 anos em Macau, Ferreira do Amaral tornou-se no símbolo de uma época de arbitrariedades

Há 141 anos foi assassinado em Macau o governador do território, Ferreira do Amaral. Ultrapassada a inacção nas costas da China imperial, o Governo português, pela mão do seu ministro da Marinha e Ultramar, Joaquim Falcão, decidiu-se, em 20 de Novembro de 1845, a declarar Macau porto franco. Fê-lo na peugada das potências ocidentais que, na primeira Guerra do Ópio, impuseram à China a abertura de cinco portos ao comércio, apossando-se ainda os ingleses de Hong Kong (1842). Era chegada a hora do reino de Dona Maria II fazer valer a sua colónia excêntrica do Rio das Pérolas.

O deputado por Angola João Maria Ferreira do Amaral, oficial da Marinha de credenciais liberais ganhadas na expedição do Mindelo e perfil de herói, foi o incumbido da missão de reavivar Macau.

O novo Governador da Província de Macau, Timor e Solor vinha prestigiado pelos seus feitos militares que lhe custaram o braço direito

na batalha de Itaparica, em 1824 e em pouco tempo impôs o seu estilo de governo autocrático.

Chegado a Macau a 21 de Abril de 1845, Ferreira do Amaral pôs em vigor no dia seguinte o decreto impondo o território como porto franco e levantou impostos sobre portugueses e estrangeiros cristãos para suprir o desaparecimento da mais importante fonte de receitas do governo.

Imediatamente surgiram pasquins de portugueses e macaenses contra Amaral que respondeu publicando um edital de fuzilamento contra os autores das folhas ofensivas, definindo, assim, um estilo de governo que prosseguiria resolutamente até ao seu assassinio.

Confronto com os poderes tradicionais

Pior do que enfrentar a bancarrota dos cofres públicos e a desconfiança da população macaense e da comunidade estrangeira, Ferreira do Amaral para impor a soberania portuguesa viu-se obri-

gado a enfrentar os poderes tradicionais chineses.

Após várias escaramuças que puseram em causa as prerrogativas dos mandarins, Ferreira do Amaral teve de derimir, em Outubro de 1846, uma revolta de marinheiros chineses contra a imposição de uma taxa sobre os barcos ligeiros de carga (faições).

A chamada revolta dos faições, com tumultos de rua e boicote do bazar chinês, foi rapidamente esmagada pela força das armas e com o auxílio discreto do vizinho governador de Hong Kong.

Na mira de separar a autoridade tradicional dos potentados chineses, já em Maio de 1846 Ferreira do Amaral havia permitido aos estrangeiros adquirirem casas e terrenos e, em Abril do ano seguinte, proibia aos chineses a aquisição e aluguer de prédios na cidade.

Os confrontos com o Leal Senado de Macau, hostil e suspeitosos das medidas do governador, entre elas a criação de um batalhão de milícia provisória, levaram

Amaral a dissolver a Câmara Municipal em Dezembro de 1847.

Seguindo a política das potências ocidentais na China, Ferreira do Amaral havia, entretanto, anulado, em Março de 1847, um alvará do início do século que determinava a imediata condenação à morte de um português que matasse um chinês para, em Dezembro de 1848, alargar aos magistrados de Macau a competência para processar, julgar e punir os cidadãos nacionais por quaisquer crimes cometidos em território.

Em Março de 1849, Amaral proclama a aolição da alfândega chinesa em Macau, existente desde o século XVII, p-reparando-se, entretanto, para impor a expulsão do chamado Tso-Tam, o mandarim que exercia licenças e administrava a justiça.

Prosseguiu no ano de 1849 na sua sanha autoritária e antichinesa insistindo na abertura de estradas até à fronteira das Portas do Cerco por entre terrenos de cemitérios chineses, proibindo a matrícula de lorchas que não tivessem pelo menos um terço da tripulação composta por cristão não-chineses.

Incidente na procissão

Os acontecimentos que conduziram à sua morte em 22 de Agosto desse ano começaram, meses antes, na procissão do Corpo de Deus, a 7 de Junho.

Ante a recusa de um missionário protestante inglês em descobrir a cabeça durante a procissão, Ferreira do Amaral ordenou a sua prisão para no dia seguinte um destacamento de marinheiros britânicos libertar à força o preso ata-



Na Baixa de Macau, a estátua do governador Ferreira do Amaral vai ser removida para permitir a realização de obras

cando a cadeia da cidade.

Mais do que o incidente diplomático, o caso demonstrou aos inimigos chineses de Amaral o seu isolamento, que o próprio, aliás, já intuía, ao pedir a sua demissão do cargo de governador, em Março de 1849.

Falho de amigos no que dizia ser a sua missão de sacudir «o jugo que se faz vergonhoso para o governo português», Ferreira do Amaral, com a caça a prémio na vizinha cidade de Cantão, morreu em 22 de Agosto de 1849, assassinado por um grupo de chineses quando passeava a cavalo acompanhado por um ajudante, junto às Portas do Cerco.

A sua morte à mão de «vis e bárbaros traidores chinas», nos termos do registo de óbitos, desencadeou uma onda de fervor patriótico, solidariedade da comunidade ocidental em Macau e Hong Kong e um ataque heróico a uma fortaleza chinesa junto às Portas do Cerco.

As autoridades de Cantão só em Janeiro devolverão a mão e a cabeça decepadas pelos assassinos de Ferreira do Amaral e os restos do governador sairão, um ano depois, em 1851, do Palácio do Governo para a Igreja de S. Francisco, para acabarem, finalmente, trasladados para o cemitério dos Prazeres, em Lisboa, em 1879.

Hoje, na baixa de Macau, entre o Hotel Casino Lisboa e

o edifício em construção da nova sede do Banco da China, ergue-se uma estátua em homenagem ao governador tida por uns como símbolo da arrogância colonial e, por outros, como património histórico.

Um projecto de obras de um parque de estacionamento e de arranjo viário na área levarão até ao final deste ano à saída da estátua que, posteriormente, pode ser ou não mantida no local.

Caso a estética da baixa de Macau assim o exija, é ponto assente em Macau que a estátua de Ferreira do Amaral será enviada para Lisboa.

Zona histórica do Porto recebe ajuda comunitária

A zona histórica da Sé-Barredo, no Porto, vai receber cerca de 100 mil contos até Junho de 1991, no âmbito do programa comunitário para a integração económica e social dos grupos menos favorecidos.

Segundo fonte do Centro Regional de Segurança Social (CRSS) do Porto, o programa para o período de Outubro de 1990 a Junho de 1991 foi aprovado pela Comunidade Europeia e inclui projectos para reabilitação urbana, apoio à infância e idosos, saúde e animação sociocultural.

O projecto encabeçado pelo CRSS é constituído por 16 instituições públicas e privadas e contempla a criação de dois gabinetes de atendimento ao público - um na freguesia da Sé e outro em S. Nicolau.

Os responsáveis pelo projecto apontam ainda para a recuperação de vários espaços, propriedade da Câmara Municipal do Porto, para a instalação de bibliotecas, ludotecas, creches e recintos desportivos.

Outra das iniciativas contempladas com o financiamento comunitário será a «promoção da imagem positiva das zonas na cidade e no País».

No sector da saúde, para além de serem lançadas campanhas de vacinação, vai ser estudada a criação de uma extensão de um centro de saúde, o alargamento das consultas de planeamento familiar a adolescentes, crianças e grávidas, disse uma fonte do CRSS.

O insucesso escolar, formação profissional, apoio jurídico e animação cultural da Sé e de S. Nicolau são outras das iniciativas incluídas no projecto.

De acordo com o CRSS do Porto serão também abertas várias cantinas e um centro de refeições para idosos.

SAM



Serviço de Atendimento Municipal

A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA COLOCA AO DISPOR DO MUNICÍPIO OS SEGUINTE SERVIÇOS DE ATENDIMENTO MUNICIPAL:

SAM — Paços do Concelho	Telef. 3462951
1.º SAM — Calçada do Cascão, 39, 2.º	Telef. 873002
2.º SAM — Rua Ivens, 6 - 1.º Esq.	Telef. 371519
	3463353
3.º SAM — Rua Pascoal de Melo, 81 - 2.º	Telef. 520671
4.º SAM — Rua Correia Garção, 9 - r/c	Telef. 3963283

Atendimento das 8,30 às 16 horas
Aberto à hora do almoço

EM TODOS ESTES SAM, A PARTIR DE 24 DE AGOSTO, O MUNICÍPIO TERÁ UM SERVIÇO DE RECEPÇÃO E ENCAMINHAMENTO DE REQUERIMENTOS, PETIÇÕES, PAGAMENTOS DE LICENÇAS DE CAÇA NACIONAL, REGIONAL, AVES AQUÁTICAS OU DE CAÇA MAIOR E UM SERVIÇO DE INFORMAÇÃO GERAL

A CML empenhada em simplificar o relacionamento dos munícipes com o Município, abrirá, numa 2.ª fase, noutras zonas da cidade, novos Serviços de Atendimento Municipal

Informação

COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária são suprimidos, entre BENFICA e CACÉM, nos dias 20, 21, 22, 23 e 24 de Agosto, os seguintes comboios:

BENFICA-CACÉM

Comboios com partida de Benfca às: 10.03h, 11.03h e 11.39h.

CACÉM-BENFICA

Comboios com partida do Cacém: às 9.55h e 10.11h.

CP = Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

Caminhos de Ferro Portugueses

QUOTIDIANO

Os donos dos animais não tratam, com antecedência, do problema. Apesar de tudo, este ano, as chamadas telefónicas choveram

Canis de recurso esgotaram capacidade

Há mais de uma semana que os canis esgotaram a sua capacidade. O telefone da Liga Portuguesa dos Direitos do Animal, anunciado na televisão, está continuamente interrompido, tantos são os pedidos de apoio. Na opinião da presidente daquela associação, Maria do Céu Sampaio, tudo seria diferente se as «pessoas programassem as férias com antecedência» e «as câmaras apoiassem os canis».

«Este ano recebemos muitas chamadas, não tem comparação com épocas anteriores. A Liga está aberta oito horas por dia e o telefone não tem parado de tocar. Nós não temos canil, damos as informações necessárias. Mas desde a segunda semana de Agosto que não há vagas. Só a partir de Setembro», disse ao «DL» Maria do Céu Sampaio. Aliás, a Liga encerrou esta semana os seus serviços para férias, reabrindo no próximo mês.

O principal problema que se coloca é que as pessoas não pensam com a devida antecedência onde deixar o animal. Segundo a presidente da Liga, «a maioria telefona dois ou três dias antes de partir». No próximo ano a campanha «Vá de férias, mas não abandone o seu cão ou gato» vai iniciar-se em Janeiro/Fevereiro para que os donos tratem das coisas com a devida antecedência. «Muita gente desconhece que existem hotéis, pousadas, residências e parques de campismo a receber animais. Porque é que não começam a tratar disso quando marcam o sítio de férias? E, às vezes, entre

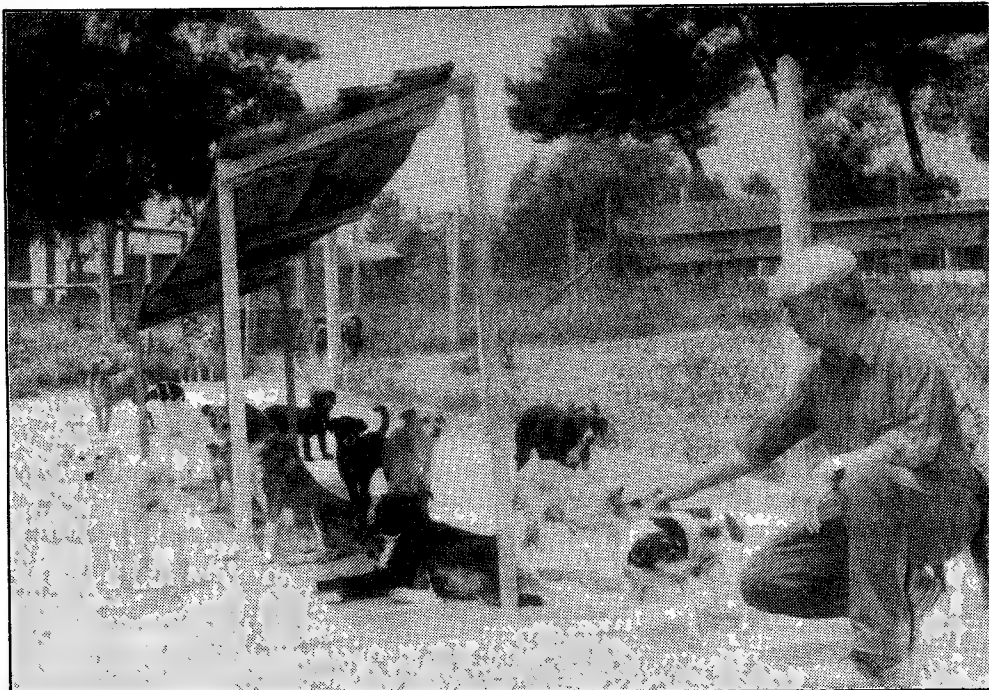
amigos consegue-se resolver a situação», acrescenta Maria do Céu Sampaio.

Espalhados pelo País existem perto de 20 canis, em Lisboa, Cascais, Porto, Paço de Arcos, Tires, Azeitão, Palmela, Coimbra, Salvaterra de Magos, Barreiro, Sintra e

Sampaio não compreende que as pessoas reajam mal quando se lhes diz que têm de pagar para guardar o animal. As diárias oscilam entre os 300 e 500 escudos. «Uma lata de comida custa cerca de 250 escudos. As associações recebem carne rejeitada dos

ajudem os canis, porque estes estão a prestar um serviço à comunidade», entende Maria do Céu Sampaio.

A Câmara Municipal de Lisboa está a fazer um aterro em Monsanto para construir um canil de grandes proporções, cuja finalidade prin-



Faltam locais para albergar os animais, em especial no período de férias

Alcoitão. A maioria deles destina-se a receber os animais abandonados e albergam o dobro da lotação. Apesar disso, tentam arranjar espaço para guardar os cães e gatos em tempo de férias. É uma forma de conseguir fundos, já que as associações zóofilas vivem da quotização dos seus associados. Todo o trabalho realizado é feito em regime de voluntariado.

Por isso, Maria do Céu

matadouros, mas é muito pouco. A verdade é que vivem com dificuldades», protesta.

Este facto explica não só a falta de disponibilidade para albergar animais, como as deficientes condições em que estes vivem. «À excepção dos canis do Porto e de Tercena, não existem estruturas mínimas de saneamento básico. E as associações não têm meios para as criarem. Por isso, é importante que as câmaras

principais não é a recolha de animais para abate, mas prestar apoio aos donos para guardar temporariamente o seu animal de estimação. A instalação estará pronta em 1992. A Câmara Municipal da Amadora tem contribuído na sensibilização para que não se abandonem os animais.

«As pessoas antes de terem um cão devem pensar duas vezes. Pensar nas condições que têm em casa, na vacinação, nas férias... Para ter um animal maltratado é preferível não o ter, porque está-se a prestar um mau serviço aos animais», aconselha a presidente da Liga Portuguesa dos Direitos dos Animais.

C.N.

Os trunfos de uma caravela na costa Sul de Inglaterra

Sopa de marisco, bacalhau no forno à portuguesa, mousse de chocolate, ananás e vinho português a bordo de uma réplica das caravelas usadas nas viagens portuguesas de descobrimentos, ancorada em Cowes, na ilha de Wight, na costa sul da Inglaterra, é uma experiência pouco vulgar e fascinante.

Mas isso de facto ocorreu no passado dia 16, antes da partida para Vila do Conde e Lisboa, da caravela «Boa Esperança», que acabara de chegar de Bruges, na Bélgica, onde tinha ido participar nas comemorações, desde a última quinzena de Junho até 10 de Agosto, da criação da feitoria portuguesa naquela cidade, pelo Infante D. Henrique. Esteve também presente, embora não participando, na prova Cutty Sark para grandes veleiros.

A caravela «Boa Esperança» fizera escala por Cowes, a caminho da Bélgica, no dia 23 de Junho, altura em que teve a visita do grande arquitecto naval britânico Colin Mudie, que compara o projecto da caravela portuguesa com o que construiu para o sultão de Oman.

O escritor britânico Michael Ritchin, especialista em história de navegação marítima e estudioso de descobrimentos portugueses, também a visitou. Disse, então, que isso iria permitir estudar objectivamente e na prática a arte de velejar dos portugueses do século XV.

Lord Burnham, dirigente do Royal Yacht Squadron, em Cowes, ofereceu um jantar ao director do projecto, presidente da Aporvela, Luiz de Guimarães Lobato, ao general Rui Brz de Oliveira, que actua como navegador, ao professor Câmara Pestana, monitor, ao capitão António Regada e 16 membros da tripulação, oito rapazes e oito raparigas, estudantes de escolas secundárias e pré-universitárias, escolhidos pela Aporvela após cursos de iniciação náutica.

A «Boa Esperança» deixou Cowes no dia 25 de Junho, fez escala no porto de Dover, a 26 e chegou a Bruges no dia 28, onde teve uma excelente recepção não só das autoridades daquela cidade como do povo. De regresso a Cowes, na ilha de Wight, no dia 14 de Agosto, a «Boa Esperança» ancorou na Ancaster Marina, tendo sido recebida calorosamente pelas autoridades.

A sua posição, frente ao cais de chegada dos ferry-boats e hidro-foils que ligam o porto de Southampton ao de Cowes, na ilha Wight, atraiu a atenção de todos os passageiros que chegavam à ilha.

A caravela estava impecável e todos a bordo elogiaram a maneira como a «Boa Esperança» se comportara nesta viagem de 13 meses, um sucesso para o grande trabalho de investigação bem aturada que finalmente produziu o que se crê serem as verdadeiras medidas e desenhos de uma caravela do século XV.

A «Boa Esperança» vai agora a caminho de Vila do Conde, cidade onde foi construída e daí seguirá para Lisboa, nos fins de Agosto.

Segue-se um programa fascinante. Em 1991, uma viagem a Marrocos, Madeira, Cabo Verde, Mina, São Tomé e Açores. Em 1992, participa na grande regata Colombo 92, de Lisboa a Cadiz, Canárias, Porto Rico, Nova Iorque, Boston e Liverpool. Em 1993, faz uma viagem ao Brasil e no ano seguinte participará na comemoração do sexto centenário do nascimento do Infante D. Henrique e na regata Prince Henry Memorial Race, em Julho e Agosto.

O projecto é apoiado por muitas entidades oficiais portuguesas bem como grandes empresas estatais e privadas, portuguesas e estrangeiras.

William Gillman/Lusa

Judiciária investiga roubo no «Público»

O matutino «Público» participou à Polícia Judiciária o desaparecimento, no passado sábado, de 60 contos que se encontravam numa gaveta, em dois envelopes.

Lucília Santos, adjunta da direcção do jornal, disse ao «DL» que «por vezes desaparecem gravadores e algum dinheiro da redacção». O facto de o roubo ter sido participado à PJ é explicado na perspectiva de «impedir que a situação se agrave».

A referida responsável desmentiu, ao «DL», que os valores em falta nas instalações do jornal, desde a sua abertura, se elevassem a 700 contos, como chegou a ser noticiado. «Até ao momento, se fizermos uma estimativa dos valores que desapareceram, chegamos a um montante de cerca de 115 contos», acrescentou.

Um jornalista do «Público», por seu turno, disse ao «DL», que «para além de ter desaparecido algum material, roubaram já dinheiro ao director, Vicente Jorge Silva, e extraviaram-se algumas carteiras que se encontravam nas gavetas das secretárias».

Prémio Império de Jornalismo no montante de 500 contos

Subordinado ao tema genérico «Universalidade dos seguros», o Prémio Império de Jornalismo/90 será entregue ao vencedor, escolhido com base nos trabalhos a concurso publicados entre 1 de Abril e 31 de Outubro deste ano.

O montante do galardão é de 500 mil escudos e, segundo o promotor do prémio, a Companhia de Seguros Império, os trabalhos «poderão tratar da importância dos produtos financeiros e a protecção pessoal e patrimonial quer dos indivíduos quer das empresas». São admitidos jornalistas profissionais e estagiários e colaboradores da Imprensa.

Os candidatos ao Prémio Império Jovem Jornalista/90, cuja idade deverá ser inferior a 35 anos na data de publicação dos respectivos trabalhos, habilitam-se a 250 mil escudos.

O júri é composto por jornalistas indicados pela Casa da Imprensa, Sindicato dos Jornalistas e Clube Português de Imprensa. O prazo para a entrega das candidaturas já está a decorrer.



CONCURSO



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telefone Nº _____

Importante: Preencher, em letras maiúsculas, recortar pelo traçado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso "Roda da Sorte". Apertado 8298 - 1507 Linha "Codex".

CULTURA

Dirty Dozen Brass Band na Gulbenkian

Eles são espectáculo!

A música de New Orleans, a tradicional, a genuína, esteve ontem no anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian. A Dirty Dozen Brass Band, deu espectáculo, comunicou com o público, obrigando-o a participar, de princípio a fim, ao ritmo irresistível e incansável dos temas apresentados.

«A música que a Dirty Dozen toca é para ser dançada», refere o trompetista Gregory Davis. E bem dito, melhor feito... Era impossível não bater o pé aosom da música.

Dançou-se (inclusivamente no palco, ao qual os músicos chamaram, no tema final do concerto, cinco entusiasmadistas «dançarinas» portuguesas) e cantou-se, «forte e feio», numa união quase perfeita entre duas realidades que muitas vezes, no jazz, andam separadas: a plateia e os músicos. Esta é uma constatação que está para além das muito legítimas congemi-

nações racionais que geralmente andam a par daquela forma musical.

Houve inovação? Os músicos eram perfeitos tecnicamente? A resposta é não. A sua música é demasiado comercial, dentro dos padrões do jazz? Provavelmente, sim. O certo é que as suas propostas agradaram ao muito público que se foi juntando perto do palco, abandonando a serenidade das bancadas, à medida que o espectáculo ia avançando.

Para mais, se a intenção do Jazz em Agosto 90 era divulgar a música de New Orleans, a presença da banda não foi descabida, antes pelo contrário: as raízes, a estivo retrorno tanto se fala, estiveram lá todas.

Para além da apresentação de temas tradicionais e populares (jazz das gerações mais antigas, blues e calipso), foram apresentadas também peças de jazz moderno. Assim, pudemos ouvir o inev-

itável «When the Saints Go Marchin' in», a meio de um «medley», mas também a adaptação de um tema de Miles Davis.

Sempre sustentados pelo ritmo contagiante imprimido pelo sousafone de Kirk Joseph, pela tarola de Jennel Marshall e pelo bombo de Lionel Batiste, os restantes músicos (dois trompetistas, dois saxofonistas e um trombonista) actuaram com à vontade e segurança, sem grandes solos que permitissem avaliar as suas capacidades individuais - o repertório apresentado (com claras intenções lúdicas - dançantes essencialmente, como já referimos) não se prestava a isso. Não gostaríamos, no entanto, de deixar de salientar a actuação de Roger Lewis nos saxofones soprano e barítono, apesar de a Dirty Dozen Brass Band valer, sobretudo, pelo conjunto.

A banda pode ser «uma



Dirty Dozen Brass Band: ritmo e energia inesgotáveis

brincadeira», como referiu Luís Villas-Boas, em entrevista ao «Jornal de Letras», mas é uma brincadeira muito séria... acrescentariam nós.

O público exigiu três «encores», o último dos quais um tema clássico, muito belo, tocado apenas por Kirk Joseph, no sousafone e por Roger Lewis, no saxofone soprano.

Foi um concerto descontraído que permitiu, inclusi-

vamente, fazer publicidade e apelar à compra de discos e camisolas da banda! Os americanos «não perdem pitada», como se costuma dizer...

Um senão: a qualidade do som, que não chegava nas melhores condições.

A Dirty Dozen actuou com a seguinte formação: Gregory Davis, trompete e voz; Efreem Towns, trompete e voz; Kevin Harris, saxofone tenor;

Roger Lewis, saxofones soprano e barítono; Charles Joseph, trombone; Kirk Joseph, sousafone; Jennel Marshall, tarola e voz; Lionel Batiste, bombo.

Se o leitor quer distração, ouvindo música agradável, não perca o concerto desta formação, logo à noite, às 21.30, na Gulbenkian, que coincide com o fim do Jazz em Agosto 90.

M.R.

B R E V E S

Operação de Agostinho da Silva correu bem

A operação cirúrgica a que ontem foi submetido o professor Agostinho da Silva «correu bem», informou fonte hospitalar. A mesma fonte adiantou que Agostinho da Silva foi vítima de uma peritonite primária. O escritor deu entrada no Hospital de São Francisco Xavier no dia 21, mas só ontem acedeu a ser operado.

Eduardo Cortesão está melhor

No Hospital de S. Francisco Xavier está internado também Eduardo Cortesão, que sofrera um acidente vascular-cerebral. Em estado de coma, foi submetido a duas operações, indiciando já alguns movimentos.

Teatro nos Jerónimos

O grupo de Teatro Lanterna Mágica inicia de 30 de Agosto a 15 de Setembro, um ciclo de espectáculos no refeitório do Mosteiro dos Jerónimos. As sessões terão lugar às 15 e 30 e às 21 e 30, de terça a sábado.

CRÓNICA DE TOUROS

Da fotocópia ao original

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 12 de Julho de 1990. Touros de Alberto Xavier para Joaquim Bastinhas, António Ribeiro Telles, João Salgueiro e forcados amadores de Santarém e de Montemor.

Praça de Touros de Samora Correia. Sábado, 14 de Julho de 1990. Novilhos de diversas ganaderias para Nuno Trindade, Alexandre Pedro, Rui Plácido, João Carlos Lorena, Manuel dos Santos «Becas» e Nuno Figueira.

A fotocópia aconteceu no Campo Pequeno. Seria de esperar, tratando-se de festejo dos 25 anos da Rank Xerox: o cartaz teria pois descer a modos que uma fotocópia do que agora é regra na praça lisboeta, ou seja, cavaleiros e forcados. E fotocópia com praça cheia: não por ter o acrescento da antiga portuguesa, pagens e charameleiros, a azémola das farpas desta vez pacífica, sem se fazer espantadiça para gáudio maior do povo, enchente antes devida a que aos pagantes se juntaram as borlas distribuídas em profusão pela fotocópia. Claro que uma arena ala dita Xerox, da Xerox ou seja de quem for, nunca dão uma reprodução exacta, dado que os touros são como os melões, como saem são: e os de Alberto Xavier saíram como eram, isto é, a atirarem para o manso toureável, e dando guerra aos forcados, outra vez, os de Santarém e Montemor, só o último da noite foi pegado à primeira, até em bordada acabou a valorosa cernelha do Luís Gameiro, com o António Cachado a rabejar, não deixou o touro que a saída fosse em beleza. E dos cavaleiros digamos que em beleza só decidiu o João Salgueiro, inteligente e decidido no terceiro, que sofria da vista, e vibrante nos curtos ao último, marialva a crescer em ofício sem perder o tom de generoso valio, sem que não basta ao Bastinhas, voltou o público a estar duro com ele, e não foi só pelas desigualdades no primeiro, nem pelo encontrão com que, no para duas mãos, se despediu do quarto,

aos assobios ajudam as vezes seguidas que o de Elvas se deixa anunciar na capital, sem estar em grande mmento, já não o salva a repetida ajuda do «Xeque Mate». António Telles não tem precisado de cavalo estrela, mas esta noite fazia-lhe jeito: recebeu o segundo com uma montada que não queria ver touro pela frente, e se quando foi por cavalo mais capaz algo melhorou o panorama, entre um curto de frente e outro a sesgo meteu em tábuas um violino, voltou no quinto e andar discreto e acabar desunido, sem a clara nitidez doutras lides suas.

Da fotocópia ao original. O original aconteceu em Samora. Porque é acontecimento original, essa novilhada que o João Queiroz, director da revista «Novo Burladero», se decidiu outra vez a montar, Quixote investimento contra impávidos moínhos. E apesar das limitações, do jogo viciado das hastes cortadas, sentimentos que uma frescura se espalhava pela pequena praça, chegava aos corações dos espectadores que as bancadas quase enchiam, animaram aqueles moços que vestidos de luzes buscavam emergir na escuridão de um meco taurino que os tem esquecidos, deixados à mercê de algum milagroso acaso da providência. E eles ali estavam, apesar de tudo acreditando que um dia se fará verdade o sonho de chegar às Espanhas, ser matador de touros. Primeiro o Nuno Trindade, de Évora, animoso recebendo com duas largas afaroladas o novilhote incerto de

Ribeiro Telles, que seu corpo buscaria quando de joelhos abriu a faena, repouso não consentiu ao esforçado trasteio. Depois o Alexandre Pedro, de Lisboa, era nobre o de Simão Malta, e ele sereno, um trincheirazo com donane, o garbo de um ajudado, o sentimento de uns passes por baixo, um rasto de socegada finura. De Vila Franca é Rui Plácido, com um novilhote cumpridor do Conde de Cabral algo movido esteve no capote, desigual em bandarilhas, dos altos e baixos na muleta ficaram nas naturais, quietos os pés, correndo a mão. João Carlos Lorena, de Corrucho, não se contentou com o prémio ao melhor toureiro de capote, ganhou na elegância do seu lancear à verónica o dos Herdeiros de Maria do Carmo Palha, venceu também a Orelha de Oiro, na faena teve momentos à altura da nobreza do novilhote, levantou olés com o temple de uns descazinhos, sem emenda ligou um circular a uma mudança de mão e ao de peito, houve sabor aflorando no trasteio, simulou a morte recebendo. E faltavam os dois bezerristas samorenses, alunos da escola José Falcão, sendo da terra outro calor receberam das bancadas, fora as prendas e flores. Com um novilhote de mau estilo de Teresa e Helena Ramalho não pôde o «Becas» sossegar a esguia figura, tão movida como desejosa decorreu a aplaudida faena. E veio por fim o Nuno Figueira, com as claras investidas do novilhote dos irmãos Oliveiras lanceou à verónica de joelho em terra, para depois erguido descarregar a sorte, foi na muleta que se encontrou, nuns passes esplêndidos pela direita, a figura plantada, os instantes mas belos da tarde, era sua a praça quando ligou aqueles três ajudados com um afarolado e o de peito, em beleza se acabava o tempo da fugaz esperança.

Solilóquio



ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telex (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



CULTURA E ESPECTÁCULOS

CANAL DA CRÍTICA

Futebol começa mal

Ainda haverá?

As emissões sobre a natureza, em geral, e sobre a vida animal, em particular, proliferam na televisão. É às duas e às três em cada dia. Acho que faz bem. Antes aquilo do que andar na droga.

As tais emissões são todas estrangeiras. Por que será? Talvez em Portugal não haja Natureza... Talvez em Portugal não haja animais... O mais certo é não haver quem invista na cultura, por não ser rendível.

Meios, há. E gente de qualidade. Entre outros, aquele programa de Clara Pinto Correia, lembram-se? A propósito: a RTP podia repassá-lo. Ou os animais já se extinguíram todos e o programa esteja desatualizado?

Escrevo esta nota depois de ver o documentário *A cegonha negra*, de João Ponces de Carvalho. Os meios eram modestos - mas o amor faz tantos milagres! Quem vai esquecer os ovos que coluem de fendas e as aves nascendo, tão humanamente nascendo?

Somos alertados para a possibilidade de também desaparecer de Portugal uma espécie que já desapareceu do resto da Europa. O documentário foi realizado em 1987. Ainda haverá cegonhas negras em Portugal?

Razão plausível

Eu sempre gostava de saber porquê o *Jornal das Nove* deu a poderosa manifestação antiamericana em Bagdade e o *Telejornal* não.

Certamente falta de espaço.

A sério!

O documentário tinha inegável interesse. Mas a voz off dizia que cada avezinha recém-nascida consumia por dia quatrocentas gramas de proteínas.

Um exemplo, entre muitos. Continuamos a gramar as gramas na televisão. Qualquer dia, se alguém disser os gramas, estará parecendo ignorante ou pernóstico.

Falo sério.

Simplesmente

Fátima Lima, do *Jornal da Tarde*. Tão descuidada! Abre tanto os olhos e vê tão pouco... Agora diz-nos que, se fosse viva, faria 100 anos a atriz Lina Demol. Queria dizer, claro, Demol.

Pode considerar-se uma ninharia esta referência. Simplesmente, cada um de nós tem direito ao seu bom nome. Simplesmente, todos podem errar, menos a televisão.

Simplesmente, por lá estas coisas acontecem com demasiada frequência.

Esta juventude!

Noutro boletim de notícias. Com a penúria das ditas, recorre-se ao encheourramento. Tudo serve. A música, para o caso.

Fala-se com a maior naturalidade, das «flautas de

Bizet». Trocaram o *I* pelo *t*. Não é grave. É grande de Bizet a paciência. Talvez, porém, não tanto como a ignorância das vozes novinhas que pululam na televisão. Simplesmente...

Drogas

Lucrécia Jardim e Susana Heitor, duas medalhadas no atletismo júnior, entrevistadas para o «Estádio». Que bom foi ouvi-las - assim simples, fluentes, desinibidas.

Subam, no atletismo. Mas oxalá fiquem sempre assim, imunes à droga da fama. Sim, porque nisto de drogas perigosas, não há só a cocaína. Amigas, nunca se deixem estrelar no estrelato...

Quando o pé perde o pé

Acabou o meu pé de laranja-lima. Acabou sem o final dramático do livro de José Mauro de Vasconcelos. Zezé ficou sem o português e sem a árvore confidente? Nada grave. Já tem o amor dos pais para o amparar...

Telenovela não pode acabar mal. Mas o meu pé abusou.

inaminados, saem dela seres vivos. O homem entra vivo e sai de pedra.

Interpretação: a distinção não se faz entre o homem e os animais. Seria absurdo. Onde se vê homem, cavalo, águia, leão. Negam-se apenas pessoas.

O cuidar da telenovela querera dizer-nos que há quem ganhe vida ao atravessar a roda da verdade, e quem se perca. Há aqueles a quem o arco de fogo humaniza e aqueles a quem o arco de fogo faz perder a alma.

Lauro César Muniz, pelo que sabemos dele, não é homem que brinque ao puro enredo de fofoca. Lembrem-se do *Casarão*, uma das melhores telenovelas que passaram em Portugal? Era dele.

Imprensa não é salsicha

O romancista João Aguiar foi o convidado daquela emissão de *As Dez*. Dele falaram Maria João Aguiar, Francisco José Oliveira, António Macedo e Margarida Maria Lopes Machado.

Todos de acordo num

dores da vida lisboeta, diz-nos que «Portugal não é tão pacato e pacífico como isso...»

Finalmente João Aguiar, ele também jornalista: «Aparecem por vezes investidores que percebem mais de salsicharia que de Imprensa...»

Três momentos. Três centelhas para despertar a reflexão.

Eu órfão me confesso

Acabou agora mesmo a quarta e última emissão da *Arte no mundo das trevas*. Uma reportagem cultural de luxo através das grutas francesas, com mais demorada paragem em Lascaux.

Nasceu anónima. Nem uma vez a RTP chamou a atenção para ela. Ainda por cima em horário tão ingrato nunca na televisão se disse aos espectadores que vissem a reportagem para se sentirem vaidosos de serem humanos.

Acabou. Sinto-me órfão, sabem como é?

A política e a caça

Aquilo lá por Monção não

Volta a Portugal os repórteres no local diziam *slow motion* e o prof. Henrique Calisto diz que os jogadores são *habitués* na equipa, e o Pedro Mariano diz *au point*. Dizem, porque em português não há expressões equivalentes...

...noventa e nove por cento da nossa História é constituída pela Pré-História... os fogos só se combaterão eficazmente com a limpeza das motas...

...no Brasil, segundo um filme americano, há quem se chame Alissandro Oporto e as pessoas, em bom português, dizem: *Bueno!* e *Adiós, amigos!*

...Turismo é tudo o que está a montante e a juzante...

...Bush apenas pretende «ajudar os nossos amigos árabes»...

...O bloqueio pode ser legal, desde que não lhe chamem bloqueio...

...A Arábia Saudita pretende equilibrar-se «entre as normas do Corão e as normas do consumismo»...

...«O orçamento de defesa da Arábia Saudita é segurante

porque os olhos dos telespectadores se encarregam do resto.

Comentários? Quando o jogo pára. E rápidos como se vê, é tão simples...

Nazismo:

alinda - ou já?

O *Hotel Terminus*, Klaus Barbie, o nazismo. O filme de Marcel Ophüls. Transmido no segundo canal à hora em que, no primeiro passa o filme de *Lotação Esgotada*.

Percorro o gravador. Palavras de Gunter Grass:

- *A minha geração, pelo menos, aprendeu uma coisa que eu não sabia. Cresci durante o período nazi, e em 1945 aconteceu a derrota. Só parcialmente fomos libertados do medo de Hitler. Tive de aprender a contar com a liberdade como base da vida humana.*

«Mesmo perto do fim da guerra, no meu país, começaram a surgir dúvidas, mas quase nenhuma resistência.

«Desde os meus 15 anos que sabia da existência, perto da minha terra, do campo de concentração de Stutthof, à beira-



Daniel Cohen-Bendit (Maio de 68, recordam-se?) em «Hotel Terminus»: «É mais fácil encontrar na Alemanha 200 mil pessoas para lutar contra a destruição de seis milhões de árvores do que contra a destruição de seis milhões de judeus inocentes»



Tudo casado, tudo amigos, tudo «numa boa». Até o mascate era, afinal, um rico de alto lá...

A mãe do Zezé ia deixar de trabalhar na fábrica para se dedicar totalmente aos filhos pequenos...

Também acho. O lugar da mulher é no lar. O marido, os filhos, a paparoca, o serviço...

Aqui, meu pé perdeu o pé. Fechou perspectivas, em vez de as abrir.

Quando a verdade queima

A *Roda de Fogo*. Reparem na cabeça da telenovela. Um leão, uma águia, um cavalo e um homem atravessam a roda de fogo. Todos os animais, com excepção do homem, entram na roda como seres

ponto: João Aguiar não é aquilo que aparenta. No entanto, pessoalmente, eu vejo-o muito como ele aparentou ser na televisão: não excessivo de palavras, não xaroposo, não sedento de promoção. Nem de se dar logo às primeiras. Veja-se como ganhou em naturalidade à medida que a emissão decorria...

Recordemos aqui algumas fases curiosas daquela manhã. António Macedo, da TSF, teme que a falta de qualidade transforme tantas rádios locais em jornalecos paroquiais, culturalmente incapazes.

Margarida Maria, jornalista que no *Diário de Notícias* tem a seu cargo o noticiário policial e autora de notáveis reportagens sobre os basti-

vai bem para a Câmara PSD. A televisão, em geral, ignora essas «bagatelas». Agora, não lhe foi possível. *Jornal das Nove* tratou do caso. Comentário final de Paulo Nogueira:

«Problemas graves em Monção. Em pior situação estão as rolas e os pombos...»

Abria a caça, nesse dia. Não vejo nada este humor no *Telejornal*. Lá é tudo com embutidos e cromados.

Fica sabendo

Leitor, pois fica sabendo que

...os produtos que se utilizam na Colômbia para a preparação da cocaína são importados dos Estados Unidos

...o major Jorge Matias diz replay e na última etapa da

o mais alto do globo»...

Não sabias, pois não? Pois eu sei - porque vejo a televisão com atenção e fora das horas nobres.

Abriu a «caça»

Começou o futebol. Braga-Belenenses. O péssimo acompanhamento de João Malheiro vem chamar a atenção para o problema dos comentadores desportivos na televisão. Tem de ser resolvido, pois toca milhões de espectadores.

Aqui, futebol começou mal. Verborreia insuportável, pernóstica. Conselheiro Acácio não faria melhor. O Porto nunca mais se liberta do complexo de Nuno Brás?

E é tão simples, senhores. Identifiquem os atletas -

mar...

«Era e é tentador pensar que fazíamos parte dos libertados - escondendo o doloroso conhecimento de que a maioria do povo alemão tudo fez para evitar a libertação».

Agora, palavra de Cohen Bendit (Maio 68, recordam-se?) para completar a dorida reflexão:

- É mais fácil encontrar na Alemanha 200 mil pessoas para lutar contra a destruição de seis milhões de árvores do que contra a destruição de seis milhões de judeus inocentes.

Dando natural desconto à veemência dos números, não há dúvida de que o nazismo ainda mexe.

(Ou já mexe?...)

Mário Castrim

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Não são só os «Gremlins 2» que vieram de outra galáxia. Foi também o último Iosseliani («E Fez-se Luz»), que foi feito no Senegal, e «Filipinas...», que Brocka filmou por lá e, clandestino, ficou apátrida. Na semana da crise do Golfo, as estreias em Lisboa obrigam-nos, também elas, a olhar para outras paragens.

E ainda bem. Depois de um jejum de bom cinema, até parece que a «rentrée» já começou

CINEMA

Três filmes do outro mundo

Não há fome que não dê em fartura. Depois da penúria cinematográfica a que quase nos habituáramos, eis que na última semana Lisboa pôde tirar a barriga de misérias e arregalar os olhos para três filmes dignos desse nome.

Três estreias que, curiosamente, e na sua diversidade, vêm chamar a atenção para outros mundos que não o nosso. Passa-se isto, por coincidência, num Agosto em que - por razões estranhas ao cinema - nós, ocidentais, somos, de repente, despertados para esse Oriente «onde vem tudo», como dizia o Poeta, e agora a guerra, talvez, também.

Se se fala aqui, de raspão, da crise do Golfo (os nomes que se põem a estas coisas...), não é porque os filmes estreados agora em Lisboa tenham alguma coisa a ver com isso. Salvo este pormenor: chamam a atenção para realidades a que habitualmente não ligamos nenhuma, porque se passam «lá longe».

Ora, se a desatenção - em arte, como no resto - é sempre um risco, há algo que neste fim de século se não devia ignorar: para o bem e para o mal, a Terra é hoje uma «aldeia global».

Estes filmes acabados de chegar a Lisboa têm assim, logo à partida, uma virtude: obrigam o nosso olhar a deslocar-se para outras paragens, são filmes do outro mundo. Em sentido figurado, porque são grandes obras; em sentido literal, porque emitem sinais oriundos de espaços a que estamos quase sempre alheios, mas dos quais não nos



«E Fez-se Luz»

devíamos alhear.

«E Fez-se Luz», do russo Otar Iosseliani, passa-se numa aldeia do Senegal e é uma produção franco-italo-alemã. «Filipinas, Revolução Sangrenta», de Lino Brocka, é um filme apátrida: o autor, o mais conhecido cineasta das Filipinas, foi forçado a filmar na semi-clandestinidade no seu país, a produção é francesa, mas a França recusou a paternidade ao filme, supõe-se que por razões diplomáticas. «Gremlins 2. A Nova Geração» é um filme cem por cento norte-americano. Tudo se passa em Nova Iorque, e o outro mundo, neste caso, é o das fantásticas criaturas saídas de um além imaginário para porem em

causa o nosso deserto interior. Uma fábula este «Gremlins 2», está de ver. Tal como «E Fez-se Luz». Só «Filipinas...» à fábula não recorre, a realidade mete-se pelos olhos dentro, é como é: brutal.

A realidade é como é, mas apesar disso, a pessoa encarregada de titular em português o filme de Brocka fez questão de asneirar, como se não tivesse percebido patavina do que viu. Chamou a «Ora Pro Nobis» (título original do filme)... «Filipinas, Revolução Sangrenta». Ora, nas Filipinas não há revolução nenhuma, antes pelo contrário, e se tudo mudou foi para que tudo,

num certo sentido, continuasse na mesma.

O que se passa hoje nas Filipinas é o reinado do terror, sob a capa da democracia. Formalmente, há liberdade; na prática, esquadrões da morte andam à solta, protegidos pela Polícia e demais poderes do Estado, quem discorda é «rebelde» ou «comunista», um alvo fácil para um crime impune.

Lino Brocka é isto que testemunha, com a áspera autenticidade que caracteriza o seu cinema. E neste filme é isso o melhor: uma câmara com os nervos à flor da pele, a meio caminho do filme «engagé» e documental.

A meio caminho, sim, porque, infelizmente, Brocka entendeu fazer desta sua obra também um filme de argumento. Com grandes momentos, sem dúvida, mas com outros muito fracos, no que o filme perde ritmo e unidade. Pior do que isso: torna-se demasiado ficção, ele que se assume como trágico testemunho.

Mesmo assim, «Filipinas...» é uma obra importante, um tipo de cinema com que hoje raramente nos sintonizamos, colonizados como estamos por outros padrões estéticos.

O mesmo acontece com «E Fez-se Luz». É um tipo de cinema que vemos raramente. Mas Iosseliani nada tem a ver com Brocka. Ao realismo algo melo-dramático do filipino, responde o russo: imigrado com o simbolismo sereno de um contador de fábulas. A câmara é outra também. Ios-

seliani não filma, como Brocka, ao ritmo do bater do coração. Observa o Mundo como se o Mundo estivesse dentro de um quadro animado, feito para ser olhado nem demasiado perto, nem longe de mais... à justa distância que evita a paixão, mas dá para amar. Ausência, pois, aqui de grandes planos ou de quaisquer efeitos, a «realidade» apenas tal como é... era uma vez.

Era uma vez uma aldeia em África (berço do Homem - convém lembrar). A vida corria natural, como a própria natureza. Um paraíso? Não exageremos: há casais desavindos, por exemplo, há que lutar pela sobrevivência, mas há também a antiquíssima sabedoria com que tudo isto se resolve, mesmo a linguagem tem uma expressividade que quase dispensa legendas.

Um dia, contudo, a civilização (chamemos-lhe assim) penetra até ao interior da aldeia, ameaçando-a, primeiro, pelo abate das árvores; pela introdução, depois, de mercadorias e outros saberes.

O equilíbrio desfaz-se. Passa a lutar-se pela posse dos objectos, cobre-se a nudez primitiva, inicia-se o êxodo para a cidade, onde homens e mulheres se transformam em grotescas peças de uma engrenagem que acabará por lhes triturar a alma, deixando-lhes do banquete alheio migalhas com que não-de alimentar os corpos.

E surge, então, o homem branco. Não para descobrir novos mundos ou erguer impérios. Apenas, coitado dele, para habitar reservas, usufruir despojos, oferecendo-se, num caricato turismo, a ilusão de uma natureza póstuma, já.

«E Fez-se Luz» não extrai conclusões. É uma fábula sem moral explícita, um filme de um pessimista que a si próprio se observa, tanto como, impotente e com uma irónica tristeza, observa os destinos do Mundo.

Era uma vez uma aldeia em África, mas - atenção - África é apenas um símbolo, não um continente. Era uma vez um cineasta, solitário e lúcido, não o confundam com um ecologista ou um etnólogo, ele apenas recria a vida como se a soubesse à beira de se perder... aqui, algures ou em qualquer lugar.

«Gremlins 2. A Nova Geração» é uma fábula, mas com «happy end». Este filme, de que Spielberg é um dos produtores, da sua fonte

colhe puras águas. É um divertimento, no mais nobre sentido da palavra, é um hino à cinefilia, é uma maneira muito especial de dizer que nada que o Homem cria é inocente.

O que o «yuppie» desta história criou foi, antes de mais, um edifício inteligente, ou, se se quiser, uma caricatura disso. Ora o que Joe Dante (ou Spielberg por ele) levam o «yuppie», no final, a reconhecer é aquilo que McLuhan já descobrira: o media é a mensagem. Por outras palavras, um edifício que é uma monstruosidade só monstros pode gerar.

Os monstros do edifício Clamp são os seus tecnocráticos funcionários, os seus estúpidos utentes. Os Gremlins, esses só vêm depois. Eles são o símbolo do mal, é certo, mas, acima de tudo, o que eles querem é brincar, transgredir, divertindo-se a subverter, até ao caos absoluto, aquela ordem que, antes deles surgirem, já era totalmente desumana.

Os Gremlins brotam de Gizmo, o símbolo do Bem, quando Gizmo, mal tratado por menor atenção dos homens, sofre. O seu sofrimento, porém, acabará pela redenção. Gizmo iniciará o contra-ataque que levará ao aniquilamento dos seus maléficos irmãos, destruídos às mãos do bom rapaz e da rapariga dele.

Eis a fábula e a sua moral. Mas há ainda o modo como tudo isto se articula num universo de animação e divertimento em homenagem cúmplice à cinefilia. A abrir (e a fechar, também), «Gremlins 2» invoca os desenhos animados da Warner dos velhos tempos, com alusão explícita a Bugs Bunny e Daffy Duck. Pelo meio há tudo o resto e o resto são as constantes evocações de clássicos da cinema norte-americano: de «King Kong» a «O Feiticeiro do Oz», de «A Bela Adormecida» às coreografias de Bubsy Beskeley de «Dames» e às canções de «New York, New York»... sem esquecer, é claro, «Casablanca», citada em «voz-off» («Veja 'Casablanca', agora a cores e com um final mais feliz» - propõe o menu dos horrores do edifício Clamp).

Neste jogo de constantes piscar de olhos ao próprio cinema, Rambo não podia faltar. Gizmo, tendo visto Rambo na televisão, é no seu jeito (mas não nas suas feições, felizmente) que se inspira para desencadear o ataque aos Gremlins, numa das cenas mais hilariantes do

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «E Fez-se Luz», Otar Iosseliani (1989)
- «Gremlins 2 - A Nova Geração», Joe Dante (1990)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «Filipinas, Revolução Sangrenta», Lino de Brocka (1989)
- «Cenas de Lutas de Classes em Beverly Hills», Paul Bartel (1989)
- «Joe Contra o Vulcão», John Patrick Shenley (1990)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Regresso ao Futuro, Parte III», Robert Zemeckis (1990)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «Ninguém é Santo», Neil Jordan (1990)
- «As Minhas Noites são Mais Belas que os Vossos Dias», Andrzej Zulawski (1990)
- «Duro de Roer», Bruce Malmuth (1990)
- «Desafio Total», Paul Verhoeven (1990)
- «O Triunfo do Espírito», Robert M. Young (1989)

Em reposição

- «Jules e Jim», François Truffaut (1961)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Indiana Jones e a Grande Cruzada», Steven Spielberg (1989)
- «O Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)

CULTURA E ESPECTÁCULOS



O Gizmo de «Gremlins 2»: daqui o propomos como candidato ao «oscar» do melhor actor do ano

filme.

Hilariantes, sim, porque «Gremlins 2» é um verdadeiro regalo. A prova de que o cinema espectáculo não é incompatível com o uso da inteligência e mesmo com o despertar das consciências para algumas das perversões do mundo contemporâneo - Spielberg é dos raros cineastas hoje na América a conseguir este «milagre».

*

Que sejam bonecos a chamar os homens a razão, não deve espantar. Vem na linha não só das fábulas (sempre povoadas de animais), mas também do próprio cinema norte-americano (uma das tradicionais vertentes do qual é o desenho animado).

Ora bem e muita atenção: se vai ver «Gremlins 2», chegue a horas. O filme começa antes do genérico inicial e termina depois do genérico final, alguns instantes após o «The End». Ah, a meio, fita parte-se, mas não proteste, entre no jogo: são os gremlins que tomaram de assalto a cabine de projecção. Antes eles do que algum cinema que por aí corre. Mas esqueçamos isso. Hoje estamos todos de parabéns. Temos três bons filmes em estreia. Afinal nem é preciso muito para apaziguar os gremlins que brotam de nós... quando não nos dão bom cinema para ver.

Rodrigues da Silva

Sessões Especiais

«O Processo do Rei», na Caparica

As sessões especiais da semana que hoje (cinematograficamente) começa continuam confinadas à Costa da Caparica, Porto e Viseu. O destaque vai para a Caparica, onde, no domingo, passa o filme de João Mário Grilo, «O Processo do Rei».

Se a memória não falha, é a primeira vez que, em três anos de sessões do Centro de Férias do Inatel, se exhibe ali um filme português. Mas não é por isso, evidentemente, que esta sessão se destaca. É pelo filme em si, uma bela obra de João Mário Grilo, que, a quando da estreia, no Forum Picoas, se manteve várias semanas em cartaz.

Em Viseu, o destaque vai para «O Harém de Arquimedes», do argelino filmando em França, Mehdi Charef. O filme, a quando da estreia em Lisboa, teve sorte diferente de «O Processo do Rei», porque diferente foi o cuidado com o seu lançamento. A bem dizer, não houve cuidado nenhum... e «O Harém de Arquimedes», uma obra estimável sobre os imigrantes de segunda geração, safu de cartaz ao fim de uma semana. Regressa agora... em Viseu, quem não o viu em Lisboa não sabe o que perdeu.

O calendário a seguir:

Costa da Caparica (Centro de Férias do Inatel)

Hoje: «Fuga Sem Fim», de Sidney Lumet.

Amanhã: «O Amor É Uma Grande Aventura», de Blake Edwards.

Depois de amanhã: «Batman», de Tim Burton.

Domingo: «O Processo do Rei», de João Mário Grilo.

Todas as sessões às 21 e 30.

Porto (Noltes Duplas do Coliseu)

Hoje: «Pelle, o Conquistador», de Billie August, seguido de «Histórias de Nova Iorque», de Coppola, W. Allen e Scorsese.

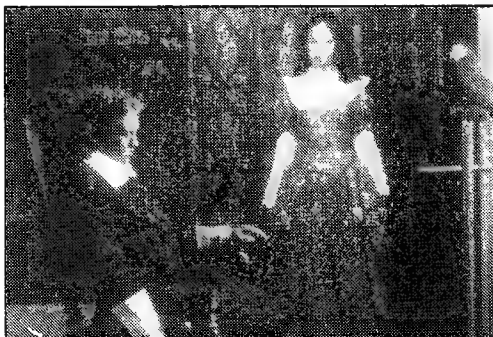
Sessão às 21 horas.

Viseu

Hoje: «Cena de Luta de Classes em Beverly Hills», de Paul Bartel, (no auditório Mirita Casimiro, às 21 e 30).

Amanhã: «Crimes e Escapadelas», de Woody Allen (no auditório da Feira, às 11 horas, sessão do Cine Clube). «O Harém de Arquimedes», de Mehdi Charef (no auditório Mirita Casimiro, às 16 e 21 e 30).

Dias 27 a 29: «O Harém de Arquimedes» de Mehdi Charef (no auditório Mirita Casimiro, só às 21 e 30).



«O Processo do Rei»



Os moralistas

Convém sublinhar que as reportagens dos dois canais sobre o teatro de guerra no Golfo têm sido de boa qualidade e aguentam-se na linha se comparadas com os serviços informativos de outras televisões estrangeiras. Uns «adulterios» cometidos com estações estrangeiras via satélite, cravar vizinhos para espreitar as notícias da parabólica, não propriamente para gozar a pôr os palitos à nora RTP, mas para ver como é que os outros relatam o Golfo, têm confirmado que a qualidade informativa nacional é de facto boa. A porca só começa a torcer o rabo quando se acentuam exageradamente os aspectos éticos da quase guerra do Golfo. Dantes, nos anos 60, é que a política e ética eram inseparáveis e fidelíssimas amantes, sobretudo, quando era a esquerda a comandar as operações. Nunca mais esqueço que um livro que hoje está completa e justamente esquecido: de Jürgen Habermas, um dos maestros da esquerda, ele explicava a necessidade que o capitalismo tinha em se «legitimar». A direita, o capitalismo, tinha uma enorme necessidade de se apresentar como sistema ético e moral. Mas como isso era muito difícil, dado que a direita quando joga em casa nunca joga na moral, as complicadas filosofias do Habermas faziam as delícias da plateia. Mas vamos, então, às questões éticas do Golfo. Se um qualquer utopista da ilha do Tomás Morus observasse o que se está a passar no Golfo, nos EUA e na Europa ocidental, apenas sob o prisma da política - quer dizer, da política que não tem a moral como amante -, ele diria descontraído: Bagdad sempre foi a grande capital do mundo árabe, na terra situada entre os rios Tigre e Eufrates existe um tradicional sentimento nacionalista de liderança do mundo árabe, o Kuwait foi-se à viola, mas eu nada tenho a ver com isso - o problema é deles, que se desenrasquem -, a política é isto mesmo, porca e suja mas sem ela não se vive, o melhor é esquecer o Golfo e praticar agricultura artesanal na ilha da Utopia.

E se não fosse o petróleo, se calhar todos os ocidentais e todos os demais países que nada têm a ver com a Nação Árabe, ignorariam o Kuwait ou registariam a notícia do *Anschluss* em notícia de três linhas da secção «Diversos» do jornal ou do Telejornal. A plática tem esta lógica interna: enquanto o Iraque comprou e pagou em *cash*, armas, instalações de venenos químicos, *know-how* militar, ninguém se preocupou com a ética do negócio. E se na região do Golfo a suprema ambição económica consistisse em melhorar a produção de hortaliças, essa palavra «Golfo» ecoaria no resto do mundo com um vocábulo qualquer que fosse sinónimo de Tibete, Manchúria ou Tchade. A vontade do Poder quando é política é legítima, e desde Adão e Eva que as coisas são assim. O pior é o petróleo que neste caso concreto não só é motor de energia sem a qual o mundo industrializado não consegue viver. O petróleo também é agora pai e mãe da ética e da moral. E por isso, o raciocínio também bate certo: a anexação do Kuwait é um crime, querer liderar todo o mundo árabe assente em petróleo é outro crime, provocar aumentos nos preços dos combustíveis, é outro crime ainda, ameaçar o nível de vida da CEE, é mais um crime. Ora quando há um crime tem de haver castigo, dizem os moralistas. E nunca houve tantos como hoje.

Os novos cristãos-novos, os moralistas, são os baptizados com petróleo.



José Sousa Monteiro

DESPORTO

Mundiais de canoagem

Portugueses nas meias-finais

A selecção portuguesa garantiu em Poznan, Polónia, o apuramento para as meias-finais do campeonato do mundo de canoagem em K2 e K4 500, conseguindo uma participação positiva na jornada inaugural da competição.

A dupla formada por José Ferreira e Joaquim Queirós alcançou dois surpreendentes terceiros lugares em K2 500, garantindo a participação nas meias-finais desta variante, que se disputam amanhã.

Em K4 5000, com António Brinco, Rui Fernandes, António Monteiro e António Brito, a formação portuguesa obteve o sétimo lugar, que a qualificou igualmente para as meias-finais da prova.

Menos feliz foi Rui Fernandes que, depois de ter obtido um surpreendente terceiro lugar na fase de apuramento, alcançou a quarta posição na prova de repescagem, mas acabou por não ser apurado para as meias-finais por apenas ter conseguido o segundo melhor tempo de entre os quatro classificados.

Em «damas», como era previsível, a selecção portuguesa esteve longe dos lugares cimeiros, registando, no entanto, acentuadas melhorias em comparação com resultados de provas anteriores.

Ao não conseguir melhor que a sexta posição, Adelaide Viana foi afastada da competição de K1 500, registando idêntico resultado na prova de K2 500, onde fez dupla com Susana Baptista.

José Garcia, a «grande esperança» portuguesa para a conquista de uma medalha, inicia hoje a sua participação nas eliminatórias de K1 1000,

prevendo-se a sua qualificação para as meias-finais da prova que termina domingo.

«Marina de Vilamoura» no Europeu de «first»

A embarcação portuguesa «Marina de Vilamoura», encontra-se na 23.ª posição do Campeonato da Europa de «first», após a disputa da primeira regata da prova, que decorre ao largo de Santander, Espanha.

A França controla a prova, encontrando-se três embarcações gaulesas nas primeiras posições. O «Puget Mahe», lidera, seguido do «Dunkerque» e do «Theix Enterprises».

O «Marina de Vilamoura» terminou a regata na 24.ª posição. No entanto, beneficiou da desqualificação de um concorrente, baixando um lugar na classificação geral.

A tripulação portuguesa, capitaneada pelo «skipper» João Ramos, tem demonstrado boa forma, tendo em conta que participam no Campeonato grandes nomes da vela mundial entre os quais, Bruno Jourden, vencedor das duas últimas edições da prova 1988/89.

No final da primeira regata, João Ramos, apontou a conquista de um lugar entre os 15 primeiros classificados como o seu principal objectivo.

O Campeonato da Europa de «first classe» 8, que termina no próximo domingo, conta com a participação de 65 embarcações, representando 10 países.

Depois de Alain Prost

Ferrari pretende Ayrton Senna

Cesare Fiorio, director desportivo da Ferrari, revelou que o brasileiro Ayrton Senna, líder do actual Mundial de Fórmula Um, poderá ingressar na escuderia transalpina em 1992, se não renovar o seu contrato com a McLaren-Honda.

«Estamos interessados em Senna e o mesmo se passa com Senna em relação à Ferrari» — disse Fiorio em entrevista publicada no diário desportivo «Corriere dello Sport», acrescentando: «Os grandes pilotos e as grandes equipas atraem-se mutuamente.»

Contudo, Fiorio sublinhou que o brasileiro campeão mundial de 1988 está a negociar a renovação do contrato que o liga à McLaren-Honda, a escuderia que tem dominado a modalidade nas últimas temporadas.

«Podemos ter um encontro com Senna no caso de ele renovar o contrato com a McLaren-Honda apenas por

um ano, mas não haverá qualquer hipótese se ele assinar por três temporadas» — afirmou Fiorio.

O director desportivo da escuderia italiana acrescentou que a Ferrari ainda não decidiu qual vai ser a sua dupla de pilotos para a próxima época, uma vez que existem dúvidas quanto ao anunciado abandono do inglês Nigel Mansell.

Fiorio revelou também que o francês Alain Prost, actual campeão mundial e principal rival de Senna, está a negociar a renovação do seu contrato com a Ferrari, para onde se transferiu no início do presente Campeonato.

«A assinatura do contrato com Prost está iminente, pois apenas estamos a discutir alguns detalhes» — disse Fiorio.

Segundo notícias recentemente divulgadas, e no caso de Mansell confirmar a sua decisão de abandonar a competição, o «jovem lobo» francês Jean Alesi e o italiano Ivan



Prost e Senna: será possível a reconciliação?

Capelli são os dois pilotos com mais possibilidades de ingressarem na Ferrari no final desta época.

Onix abandona a Fórmula Um

A escuderia de Fórmula Um Onix Monteverdi abandonou a modalidade e já não participará no próximo Grande Prémio da Bélgica, a disputar domingo e Spa-Francorchamps.

Segundo a agência noticiosa

belga, a decisão de abandonar os Grandes Prémios foi anunciada pelo próprio proprietário da Onix Monteverdi, o suíço Peter Monteverdi.

Pilotados pelo suíço Gregor Foitex e pelo finlandês Lehto, os monolugares da Onix revelaram este ano algumas dificuldades para confirmar os resultados obtidos pela equipa na temporada de 1989, em que o sueco Stefan Johansson conseguiu o terceiro lugar no Grande Prémio de Portugal.

Ténis

Cunha e Nuno Marques no Torneio de São Marino

O tetracampeão nacional, João Cunha e Silva perdeu na variante de pares do torneio de San Marino, ao lado do peruano Pablo Arraya, o jogador que inscreveu o português sem lhe dar conhecimento.

Cunha e Silva e Pablo Arraya ainda tiveram três «sets points» no segundo «set», mas acabaram por perder por 6-3 e 6-6 com a dupla espanhola Jordi Burillo e Marco Gorriz. Esta foi a segunda derrota

para Cunha e Silva na jornada depois de ter também perdido em singulares com o uruguaio Marcelo Filippini, terceiro cabeça de série do torneio e número 36 do mundo.

Cunha e Silva perdeu por 6-7 (66-8), 6-3 e 6-0, num jogo que o campeão nacional disse ter «errado tacticamente» ao consentir o domínio do adversário quando este esteve em desvantagem no recomeço da partida.

O campeão nacional disse ainda que irá participar na próxima semana num torneio em Verona, Itália, devendo depois competir em Osseger, França, seguindo-se a presença em Genebra, uma prova do ATP Tour.

Cunha e Silva tem também já assegurada a presença no torneio de Atenas, outra prova do ATP Tour, em Outubro, a seguir ao Campeonato Nacional Absoluto, competi-

ção a disputar no Porto e onde tentará obter a sua quinta vitória consecutiva.

Entretanto, Nuno Marques, que foi eliminado na primeira ronda pelo alemão-federal Paul Vojtisek, por 6-4 e 6-4, ganhou a primeira ronda na variante de pares ao lado do espanhol José Francisco Altur, batendo a dupla Clavet-Vojtisek, ao fim de três «sets» por 6-7, 6-2 e 6-4.

assim vai o

totobola

Diário de Viseu: 222 111 1XX 1X1 1X2; Jornal da Graça: 222 1X1 1X2 XX12; O Mensageiro: 222 111 XX1 2X21; Penafiel: 222 111 1XX 1X11; Jornal da Beira: 222 111 XX2 XXX1; O Comércio de Leixões: 2X1 111 1XX 1X11; Correio de Coimbra: 22X 111 111 1X11; Correio do Vouga: 2XX 1X1 1XX 12XX; A Defesa: 2X2 1X1 XX2 2X21; Defesa de Espinho: 2X2 111 1XX 2X11; Diário de Lisboa: 222 111 1XX 2X11; Ecos de Cacia: 222 111 XX2 1X11; Jornal de Gaia: 2X1 111 1XX 1X1X; O Alameda: 222 1X1 XX2 1X2X; Rádio Guarda: XX2 1X2 1X2 1212; Rádio Totobola: 2X2 111 1XX 1X11; Linhas de Elvas: 222 111 1XX 2X11; Maria da Fonte: 2X2 111 1XX 1111; No Estádio e No Estádio: 2X2 1X1 1X2 1X1X; Notíci-

as de Chaves: XXX 1X1 1XX 1111; Notícias de Guimarães: 212 1X1 1XX 1X11; Jornal 1X2: 222 111 XXX 1X1X; Notícias de Viseu: 2X2 111 1XX 2X11; Quadrante Norte: 222 111 111 1111; Bom Dia: 222 111 1X1 1X2; Resenha Desportiva: 2X2 1X1 1XX 1X1X; Panorama: 2X2 1X1 1X1 1X11; Placard Desportivo: 21X 2X1 121 1X11; Alvo Desportivo: 211 111 1X2 21X1; Rádio Alvo: 222 111 1X2 2X1X; Alvo: 222 111 1XX 111X; Alvo Suplemento: 21X 111 1X1 111X; A Voz do Domingo: 222 111 1XX 1X11; A Voz dos Ridículos: 212 111 1XX 111X; Desporto/Rádio Guarda: 22X 111 1X2 21X1; Contacto/Rádio Guarda: 222 XX1 1X1 XX2X; Meia Tarde: 22X 121 1X2 2XX1; Encon-

tro Com a Manhã: 211 22X XX1 1X212; Freguesias do Nosso Distrito: 121 2XX 212 1X22; Primeiro Continente: 222 111 XXX 2121; Tarde Desportiva: 2XX 1X1 1XX 1X11; Livre e Directo: 2XX 1X1 1X1 111X; Rádio Viriato: 22X 1X1 1X1 XX1X; Música e Desporto: 222 2X1 1X2 1121; Um Caso Por Semana: 2XX 1X1 1XX 1X11; Foi Notícia: 2X2 1X1 112 2111; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 222 111 XX1 1X11; Cultura e Recreio: XX2 1X1 XX2 1XXX; De Tudo Um Pouco: 2XX 1X1 XXX 2XXX; Jornal de Notícias: 222 XX1 1XX 1X11; O Jornal da Lixa: 212 111 1X2 2121; Notícias de Felgueiras: 2XX 1X1 1XX 111X; O Jornal de Felgueiras: 2XX 1X1 1XX 111X; O Jornal de Amarante: 2XX 111 112 2111; Voz

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 34/90 DE 26 DE AGOSTO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (°)		
	1	X	2	1	X	2
1. Salgueiros - Porto	1	6	51	1	1	10
2. Guimarães - Benfica	7	22	29	1	5	6
3. Penafiel - Sporting	5	16	37	1	3	8
4. Belenenses - Chaves	45	9	4	9	2	1
5. E. Amadora - Braga	39	17	2	8	3	1
6. Boavista - Tirsense	54	3	1	10	1	1
7. Beira Mar - Farense	40	17	1	8	3	1
8. G. Vicente - Marítimo	20	33	5	4	7	1
9. Nacional - Setúbal	12	31	15	3	6	3
10. Torreense - Académica	28	20	10	6	4	2
11. B.F. Branco - Elvas	28	21	9	6	4	2
12. Louletano - Varzim	40	10	8	9	2	1
13. P. Ferreira - Freamunde	34	18	6	7	4	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
222 111 1XX 1111

de Lamego: 222 111 1X2 11X1; Eu Sei Tudo: XX2 111

11X 1112; Gazeta de Caldas: 222 111 1XX 1X11; Des-

porto/O Comércio de Leixões: 222 111 1X2 2X11.

DESPORTO

Empate (1-1) no Estádio Olímpico

Benfica e Roma «esconderam» o jogo

Um golo de Pacheco, aos 84 minutos, deu ao Benfica um empate frente ao Roma (1-1) em jogo incluído nas cláusulas de transferência do brasileiro Aldair para a turma romana, disputado no Estádio Olímpico da capital transalpina.

Ao intervalo as duas equipas estavam empatadas (0-0), pertencendo ao Roma o primeiro tento da partida, apontado aos 57 minutos por Giovanni Piacentini.

O Benfica justificou o tento do empate pela sua exibição nos primeiros 45 minutos de jogo, não tendo baixado os braços apesar da desvantagem de 1-0.

O mérito no tento do empate «encarnado» vai por inteiro para Pacheco que substituiu Lima, aos 63 minutos, com o jogador benfiquista a aproveitar da melhor forma um falhanço do internacional alemão-federal, Thomas Berthold.

Após o falhanço da defesa da selecção da RFA, ao serviço da equipa romana, Pacheco ultrapassou a oposição do guarda-redes Zinetti, atirando para a baliza da formação italiana, com a bola a entrar com alguma felicidade.

O treinador do Benfica, o sueco Sven Goran Eriksson aproveitou para realizar mais algumas experiências na equipa da Luz, tendo em vista a próxima época futebolística, apesar de não contar com um número significativo de jogadores que habitualmente são titulares, nomeadamente Magnusson, Samuel e Vata, todos a braços com lesões, enquanto Valdo apesar de já recuperado, se encontra ainda em observação pelo departamento médico do Benfica.

Silvino, Veloso, Vítor Paíneira, Rui Águas e Paulo Madeira também não viajaram para Roma por estarem ao serviço das respectivas selecções nacionais, («A» e de esperanças). Entretanto, o ex-júnior Rui Bento constou do lote dos convocados, tendo inclusivamente sido utilizado na partida, por troca com Sousa aos 71 minutos.

Curiosamente, ambas as formações voltam a encontrar-se no dia 19 de Setembro, no Estádio Olímpico de Roma, na primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça UEFA. O segundo encontro da eliminatória está previsto para o dia 3 de Outubro no Estádio da Luz.

Sob a arbitragem do italiano Veschini di Legnano, as equipas alinharam:

Roma: Zinetti, Tempestilli, Comi, aos 46 minutos), Carsoni (Peligrini, aos 77), Berthold e Aldair; Nela, Desideri, Piacentini, Voeller; Di Mauro (Conti, aos 69), e Carnevale (Rizzitelli, aos 58).

Benfica: Neno; José Carlos,



Jonas Thern escapa-se a Berthold e a Desideri

Ricardo, William e Hernâni, Thern, Schwarz (Fernando Mendes, aos 63), Sousa (Rui Bento, aos 71), e Lima (Pacheco, aos 63); Sanchez e Isaías (César Brito, aos 63).

União: sofrimento e festa

Lepi, com um golo no último minuto, assegurou a manutenção do União da Madeira, ao escalão maior do futebol português, estabelecendo o empate 1-1 com o Feirense.

O Feirense inaugurou o marcador aos 36 minutos por intermédio de Rendeiro e o jogo acabou por ganhar uma nova dinâmica, com o União da Madeira a procurar o empate «salvador», enquanto os «azuis» de Santa Marta da Feira tentavam chegar à diferença de três tentos.

Mas, após o equilíbrio e os nervos dos jogadores terem marcado a primeira parte, em que os guarda-redes Rufino e Pimenta foram chamados a trabalho difícil, o União da Madeira tomou a iniciativa atacante no segundo tempo, com o Feirense a actuar em contra-ataque.

Os madeirenses acabariam por ser premiados pela iniciativa quando Lepi marcou o decisivo golo da igualdade, num momento em que o árbitro estava prestes a dar o encontro por terminado e os adeptos do Desportivo dar Aves se preparavam para iniciar a festa do regresso ao escalão maior.

Sob arbitragem de Francis-

co Silva, de Faro, as equipas alinharam:

União da Madeira: Pimenta, Nelinho, Marco Aurélio, Matias e Dragan; Jairo, Marcovic, Carlos Manuel, Rui Neves, Vicente (Renato) e Lepi.

Feirense: Rufino, Daniel, Pinto, Miguel, Rendeiro, Adão, Manuel António, Artur e Pedro Martins, Júlio Sérgio e João Medeiros.

Portimonense protesta

Tal como o «DL» informou, o Portimonense recorreu da decisão do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol que considerou infundamentado o seu protesto relativamente à eventual irregularidade na inscrição do brasileiro Jairo do União da Madeira. Mais um caso para o Conselho de Justiça resolver ou se quiserem façam mais um alargamento e não se fala mais no assunto.

Marítimo reforça plantel

O brasileiro Wando e o escocês Peter Hinds chegaram a acordo com a direcção do Marítimo para representarem este clube na época em curso.

Wando, que já havia representado o Marítimo na época passada, pôs em causa a sua continuidade devido a uma divergência de verbas, mas acabou por chegar a acordo com o clube, não tendo sido divulgadas ainda as verbas do seu novo contrato, que vigorará durante esta temporada.

Quando a Peter Hinds, este

jogador esteve durante algum tempo à experiência no clube «verde-rubro», acabando por regressar à sua terra sem qualquer contrato rubricado, mas os dirigentes do Marítimo mantiveram o seu nome sempre em agenda, tendo agora chegado a acordo com o atleta, que representará o clube por uma temporada.

Mantêm-se em aberto as contratações dos futebolistas Krasimirnakio (búlgaro), Carlos Roberto Jatoba (brasileiro) e Daniel Andrada (uruguaio), jogadores que se encontram à experiência no clube e que deverão qual o seu destino na colectividade madeirense.

Menad no Famalicão

O Famalicão firmou contrato (válido por duas épocas) com o internacional argelino Menad e a respectiva documentação já deu entrada na Federação Portuguesa de Futebol, pelo que se Abel Braga (treinador da equipa) assim o entender, o excelente artista poderá actuar logo que chegue a Vila Nova de Famalicão.

Os «sub-15» jogam hoje

A nossa selecção de «sub-15» joga hoje com a Colômbia, em jogo dos quartos de final da Taça Presidente da República que decorre na Venezuela. Recorde-se que na primeira fase, Portugal venceu dois encontros e empatou outros tantos, classificando-se em 1.º lugar no grupo «A».

B R E V E S

Deficientes: ministro promete apoio

O ministro da Juventude prometeu, em Lamego, que a Direcção-Geral de Desportos disporá, em 1991, de uma dotação financeira que lhe vai permitir desenvolver maior número de projectos de férias para jovens, nomeadamente para deficientes.

Couto dos Santos, que falava no encerramento do projecto Desporto e Deficientes — Lamego 90, assinou que esta iniciativa, organizada em Lamego, constituiu um projecto-piloto, criado sob proposta do director-geral de Desportos, Mirandela da Costa.

O projecto realizado em Lamego, de 13 a 23 do corrente, envolveu cerca de 80 jovens deficientes, 30 dos quais estrangeiros, integrantes de delegações de Espanha e Holanda.

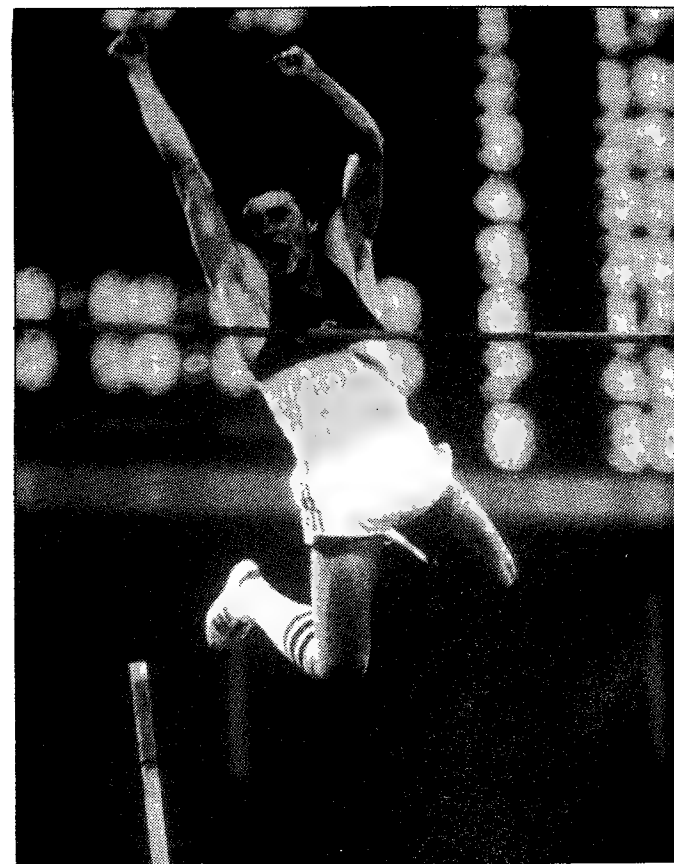
Aos jovens foi proporcionada uma semana de convívio, um melhor conhecimento da história socioeconómica da região de Lamego e visitas a diversos monumentos. Foram ainda desenvolvidas diversas actividades desportivas e culturais no complexo da DGD de Lamego, onde decorre o projecto.

Couto dos Santos afirmou que este projecto de férias para deficientes vai ser alargado a outros jovens no próximo ano.

Andebol: torneio de Guimarães

FC Porto e Académica de Coimbra qualificaram-se para a final do torneio de andebol do Desportivo Francisco de Holanda (Guimarães).

O FC Porto venceu o Francisco de Holanda por 19-17 e a Académica de Coimbra bateu o Boavista por 29-22 e jogam hoje a final enquanto Francisco de Holanda e Boavista jogam para o terceiro e quarto lugares.



Um bom salto mas abaixo do pulo de 1988

Atletismo: Bubka pula mais alto

O soviético recordista do mundo, Sergei Bubka, venceu a prova de salto com vara do Grande Prémio de Atletismo da Suécia, fixando um novo recorde do Estádio de Borås, com 5,71 metros.

Bubka, que fixou o recorde do mundo da competição em 1988, com 6,06 metros, encontra-se entre os favoritos para a prova de salto com vara do Campeonato da Europa de atletismo, que irá decorrer este mês em Split, na Jugoslávia.

O japonês Tatsuo Sugimoto venceu a prova, por convites, dos 100 metros com o tempo modesto de 10,56 segundos, superiorizando-se ao americano de ascendência sueca Marty Krulee, por um décimo de segundo. John Owens, dos Estados Unidos, foi terceiro com 10,78.

A norte-americana Shelley Steele triunfou nos 3000 metros femininos, com o tempo de 9.09,15 minutos e o jugoslavo Branko Zorko foi o primeiro classificado nos 1500 metros, com 3.43,54 minutos, enquanto o lituano Varlavas Kidikas, venceu o lançamento do disco, com 60,38 metros.

AGENDA

I Série N.º 194
Dia 23 de Agosto

SUMÁRIO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna públicos os textos em francês e português das emendas entradas em vigor em 20 de Abril de 1986, 20 de Julho de 1986, 19 de Outubro de 1986, 11 de Agosto de 1987 e 27 de Maio de 1988 relativamente aos anexos 1 e 3 do Acordo Relativo a Transportes Internacionais de Produtos Alimentares Perecíveis e aos Equipamentos Especializados a Utilizar Nestes Transportes (ATP).

Ministério da Agricultura Pescas e Alimentação

Portaria n.º 732/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Ameixial», situada na freguesia do Crato e Mártires, e «Courelas do Ameixial», situada na freguesia de Vale do Peso, ambas do concelho do Crato.

Portaria n.º 733/90:
Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados na freguesia de Vilarinho do Bairro, concelho de Anadia.

Portaria n.º 734/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade de Vale da Anta», situada na freguesia e concelho de Arraiolos, e «Herdade dos Sobreiros», situada na freguesia de Pavia, concelho de Mora.

PESSOAS & FACTOS

Guardanapos decorativos lançados pela Socct

A Socct Paper lançou no mercado guardanapos de papel decorativos. Trata-se dos «Scottex Décor». Iguais no formato aos vulgares guardanapos brancos, apresentam um padrão de riscas diagonais, em três cores: rosa, azul e verde. Este produto permite às donas de casa jogar com as cores, fazendo-as condizer ou estabelecendo contrastes, animando a mesa ao sabor da imaginação.



Fonsecas & Burnay contrata Publicis-Cies

O Banco Fonsecas & Burnay, que se encontra em fase de reformulação estratégica, acaba de contratar a agência Publicis-Cies para desenvolver uma campanha de Comunicação, cujo início deverá ocorrer no final de Setembro.

Trata-se da terceira campanha de cariz internacional para que a Publicis-Cies é contratada nas últimas semanas. As outras duas respeitam às privatizações da Tranquilidade e da Centralcer.

Capa da Revista ANA eleita a Melhor do Mundo em 89»

A capa do número 53 da Revista ANA, publicação interna da Empresa Pública de Aeroportos e Navegação Aérea, que reproduz a fachada da aerogare de Faro, foi galardoada com o prémio Melhor Capa do Ano/1989 em concurso promovido pela ICAA, International Civil Airports Association.

A iniciativa, realizada pela primeira vez, foi extensiva a todas as publicações internacionais editadas por empresas aeroportuárias.

A maquetagem da Revista ANA é da responsabilidade da Boutique Criativa.

CONTINENTE

Em todo o território
Períodos de céu muito nublado.
Vento geralmente fraco. Aguaçeiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas, em especial nas regiões do Norte, Centro e Alto Alentejo, durante a tarde. Neblina matinal.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado.
Vento geralmente fraco. Aguaçeiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas nas regiões do interior durante a tarde. Neblina matinal.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado.
Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste, durante a tarde. Neblina matinal.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado.
Vento fraco ou moderado de Norte. Aguaçeiros nas vertentes voltadas ao Norte.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã e depois
Períodos de céu muito nublado.
Vento geralmente fraco de Nordeste.

AÇORES

Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento de Sul fraco a moderado. Períodos de chuva.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Grupo Central: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste fraco a moderado.

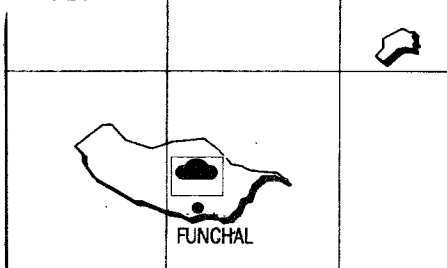
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação nordeste de 1 a 2 metros.

Amanhã
Grupos Ocidental e Central: Céu geralmente muito nublado. Vento de Sudoeste fraco ou moderado. Períodos de chuva fraca no Grupo Ocidental.
Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento de Nordeste fraco ou moderado.

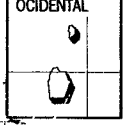
Depois de amanhã
Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste fraco ou moderado. Períodos de chuva fraca.

Grupos Central e Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

MADEIRA



GRUPO OCIDENTAL



AÇORES GRUPO CENTRAL



GRUPO ORIENTAL



Céu limpo

Céu pouco nublado

Céu muito nublado

Chuva

Trovoadas

Neve

Vento

Mar calmo

Mar encrespado

M A R É S

Hoje

PREIA-MAR BAIXA-MAR

05.39 3,7m 11.08 0,6m

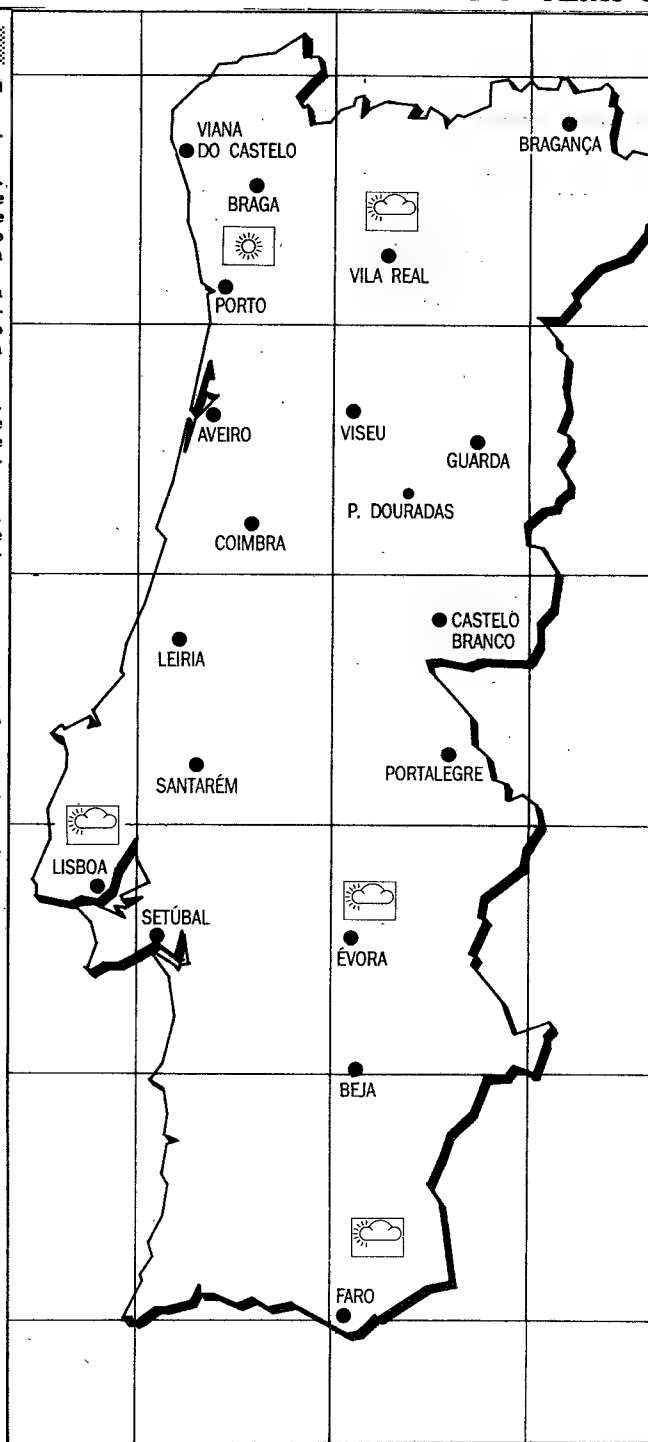
17.55 3,8m 23.33 0,7m

Amanhã

06.13 3,6m 11.42 0,7m

18.29 3,6m 00.05 0,9m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	16	17	M. nub.
V. Castelo.....	18	18	Neblina
Vila Real.....	17	17	M. nub.
Porto.....	17	18	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	16	16	M. nub.
C. Carvoeiro.....	19	19	Limpo
C. Branco.....	19	19	M. nub.
Portalegre.....	17	17	Nevoeiro
Lisboa.....	19	20	Neblina
Évora.....	17	17	Neblina
Beja.....	17	17	Neblina
Sines.....	19	19	Neblina
Faro.....	17	18	Neblina
Sagres.....	18	20	M. nub.
P. Delgada.....	19	19	Aguaçeiros
Horta.....	20	20	P. nub.
Funchal.....	22	22	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 29; Porto, 29; Faro, 26; P. Delgada, 25; Funchal, 27.

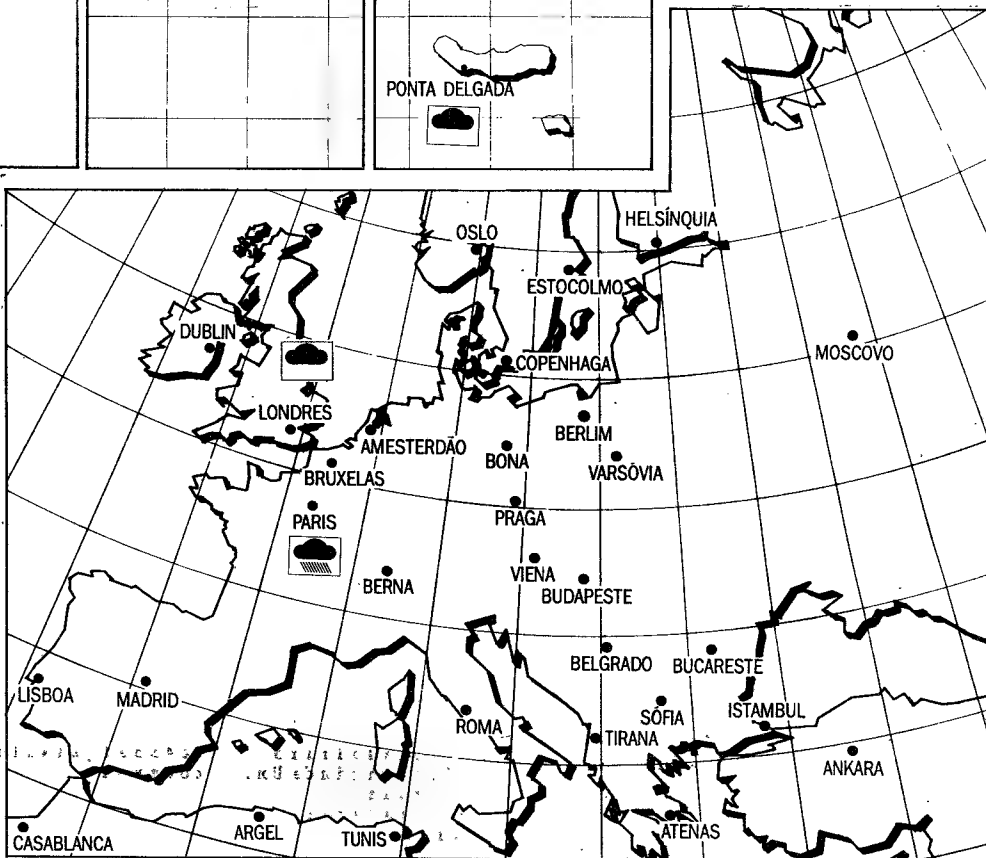
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	20	20	P. nub.
Londres.....	18	18	Bruma
Paris.....	14	16	Neblina
Bruxelas.....	14	15	P. nub.
Amesterdão.....	12	14	Neblina
Genebra.....	12	12	Limpo
Roma.....	18	21	Limpo
Oslo.....	10	13	Limpo
Copenhaga.....	14	16	P. nub.
Estocolmo.....	12	12	P. nub.
Berlim.....	14	15	Neblina
Viena.....	14	16	M. nub.
Varsóvia.....	11	13	M. nub.
Atenas.....	24	26	Limpo
Moscovo.....	12	12	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	10	20	Limpo
Caracas.....	20	29	Nublado
Hong Kong.....	29	31	Nublado
Joanesburgo.....	3	12	Limpo
Los Angeles.....	18	27	Limpo
Montreal.....	11	22	Nublado
Nova Deli.....	28	36	Nublado
Nova Iorque.....	16	20	Chuva
Rio de Janeiro.....	20	32	Chuva
São Francisco.....	15	22	Nublado
São Paulo.....	17	25	Chuva
Tóquio.....	27	34	Limpo

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Ameixoeira - Lumiar: Santos, Al. António Sérgio, 8-C - Urb. Quinta Santa Clara, Tel. 7598186; **Areiro:** Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5, A-B, Tel. 887300; **Ajuda:** Lúcia Almeida, Calc. da Ajuda, 170, Tel. 611454; **Campo de Ourique:** Lináida, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; **Campolide - Bairro Liberdade:** Salutar, Rua B, 75, A-B - Bairro Liberdade, Tel. 533411; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada de Benfica, 180, A-B, Tel. 780511; **Lumiar:** São Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C, Tel. 7590704; **Oliveiras Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Pampilha - Janelas Verdes:** Lealdade, Rua Olival, 226-228, Tel. 663441; **Praça Alegria:** Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; **Quinta da Luz - Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E, Tel. 7145271; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque de Aveia, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, lote 110, Tel. 9324242; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; **Rua Cego-Estefânia:** Délio, Arco Acores, 32-34, Tel. 572388; **Av. Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; **Benfica - Bairro Santa Cruz:** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 708242; **Cais do Sodré:** Africana, Rua Bernardino Costa, 43-45, Tel. 3469120; **Calvário:** Monge, Rua Lusitadas, 30-32, Tel. 3636704; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Lapa:** Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105-107, Tel. 664414; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, loja E-36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Acores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duar-

tes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavilos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Parede:** Macau, R.J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Campos, R. Elias Garcia, 185, Telef. 4930072. Permanente; **Amadora, P. 25 de Abril:** 3-A, Telef. 4935518. Até às 22h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abrão, Tel. 4375566. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José

Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lotye 1-B, Telef. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Telef. 921403. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Telef. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31, Tel. 2766498. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19h; **Barreiro:** Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 299, Tel. 2070602. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19h; **Amora:** Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A, Loja A, Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Trv.º Paz, Casal do Xarco, Tel. 2210369. Até às 22h; **Montijo:** Higiene, R. José Joaq. Marques, 142, Tel. 2310370. Até às 22h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS



Cólera: a OMS não está muito preocupada

A origem de epidemia de Cólera, que se declarou na União Soviética, na região de Astracã, no princípio deste mês, permanece misteriosa. Os peritos da Organização Mundial da Saúde consideram fantasistas os boatos de que a Cólera teria sido «importada» por técnicos soviéticos que estiveram no Egito.

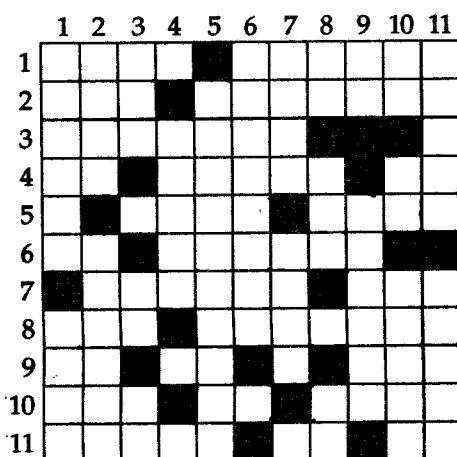
Alfaiates portugueses num congresso em Madrid

Seguiu esta manhã para Madrid, num voo da TAP, a representação portuguesa ao XIV Congresso Mundial dos Mestres Alfaiates, que terá lugar este ano na capital espanhola.

Touca de banho...

Os comerciantes do ramo queixam-se de que diminuiu, nos últimos tempos, a venda de toucas de banho. Parece que são cada vez menos as pessoas que as querem enfiar...

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17 987

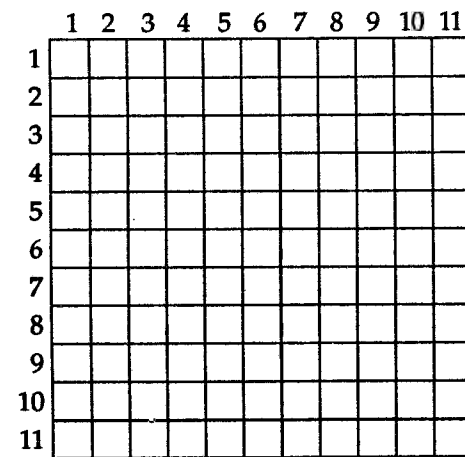
HORIZONTAIS:

- 1 - Divindade. Tabelas.
- 2 - Gosta muito de. Pune.
- 3 - Glutinoso.
- 4 - Nota musical (inv.), desta sorte. Preposição e artigo (inv.).
- 5 - Rasgada. Peixe escumbrido do Algarve.
- 6 - Apelido. Deslocara.
- 7 - Cimalhas. Sufixo que designa pequenez.
- 8 - Planta apocínica, cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas. Marcar.
- 9 - Erbio (s.q.). Idem. Medida de superfície.
- 10 - Rio de Portugal. Rio da Rússia. Círculo.
- 11 - Avalias. Preposição. Artigo definido (ant.).

VERTICAIS:

- 1 - Oferecerias. de madrugada.
- 2 - Nome de letra (pl.).
- 3 - Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Rádio (s.q.). Ondas curtas.
- 4 - Fundador do Islamismo.
- 5 - Usados.
- 6 - Diligências.
- 7 - Guarnecel de asas. Tosta.
- 8 - Nome antigo da nota musical dó. Oceano.
- 9 - Pronome pessoal. Cidade da ilha Formosa, na costa sudoeste da ilha.
- 10 - Prata (s.q.). Alternativa. Ulteriormente.
- 11 - Arrancam. Praia.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 797

HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Alfândega da Fé. O vencimento diário de um soldado.
- 2 - Pronome pessoal. Fatal.
- 3 - Nome de mulher. Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Nota musical.
- 4 - Habitantes do Lácio. Capa sem mangas.
- 5 - Cidade do Japão. Arsénio (s.q.).
- 6 - Ilha do mar Jónio. Brisa.
- 7 - Nome da letra g. quando tem valor palatal. Pesarosos.
- 8 - Resvaladas. Pronome pessoal.
- 9 - Estava. Cento e um em romano. Transpiração.
- 10 - Tritura. Rei lendário de Tróia, fundador de Ilion. Sua Senhoria.
- 11 - Cidade de Itália. Alúmen.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade da Austrália. Ave peralta.
- 2 - Cidade de Portugal. Enganos.
- 3 - Mulheres hipócritas. Rio dos Estados Unidos.
- 4 - Pertences. Ergue.
- 5 - Mártir do reinado de Nero.
- 6 - Solução. Astúcia.
- 7 - Trituras. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Alternativa.
- 8 - Batráquio. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
- 9 - Platina (s.q.). Átomo. Empregue.
- 10 - Apagaremos.
- 11 - Profeta judeu no tempo de Acab e de Jezabel. Tempo do verbo ser.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 986

- HORIZONTAIS:** 1 - Império. A. 2 - Gão. ER. Soam. 3 - Impar. Nua. 4 - Sais. SS. 5 - Rias. Piela. 6 - Ardiam. Al. 7 - Nio. Doa. Há. 8 - Cá. Corroera. 9 - Ira. Romeiro. 10 - AAA. Asa. Rá. 11 - Usos. Asa.
- VERTICAIS:** 1 - IG. NORÂNCIA. 2 - Ma. Iriaras. 3 - Poisado. Aa. 4 - É. MÁ. 5 - Repisadoras. 6 - Irás. Moroso. 7 - Armas. 8 - Sia. Oe. 9 - CONSELHEIRA. 10 - Au. Arras. 11 - Amaram. Ao.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 796

- HORIZONTAIS:** 1 - Colossas. Sa. 2 - Io. Olaias. 3 - Lar. Aviltas. 4 - Olimpo. Ari. 5 - Mão. Pá. 6 - Serralho. 7 - Os. Réstia. 8 - Oral. Anina. 9 - Alô. Chã. 10 - Na. Salão. Ba. 11 - Or. Era. Urai.
- VERTICAIS:** 1 - Colombo. Ano. 2 - Ala. Solar. 3 - Lúrios. Ro. 4 - Oó. Era. Sé. 5 - Aparelhar. 6 - Sovo. Rs. La. 7 - Ali. Pataca. 8 - Sal. Alinhou. 9 - Ita. Haia. 10 - Saar. Ba. 11 - Assis. Sanai.

PROVÉRBIO: A IGNORÂNCIA É MÁ CONSELHEIRA

EFEMÉRIDES

1926

- Morre, em Nova Iorque, o actor de cinema Rodolfo Valentino.

1940

- A Alemanha inicia o «blitz» sobre a Inglaterra, com um raide que dura toda a noite.

1962

- De Gaulle escapa ileso a um atentado a tiro, quando se dirigia de automóvel, para o aeródromo militar de Villacoublay.

1969

- O general De Gaulle renuncia à presidência da França.

1978

- O Parlamento da Nicarágua é ocupado por um grupo de guerrilheiros da frente sandinista.

1984

- A revista britânica «The News Stateman» afirma que a Grã-Bretanha preparou planos para um «ataque nuclear de ameaça ou demonstração» contra a cidade argentina de Córdoba (800 mil habitantes), durante a guerra das Malvinas, em 1982. O ataque seria lançado de um submarino equipado com mísseis nucleares - refere a revista que cita documentos secretos a que teve acesso.

1989

- Morre o escritor português João Palma-Ferreira, 57 anos, antigo presidente da administração da RTP e do Instituto Português do Património Cultural e ex-director da Biblioteca Nacional.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
NA CORDA BAMBÁ
Filme de John Badham
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 753319
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
Encerrado

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
OS 5 CAMPEÕES
Filme de Kuan Tung
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Prata da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
ALVO ÁGUIA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
Encerrado para férias

ESTÚDIO SHEZA

Encerrado para férias

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
BURLONAS SEXUAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA
PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
(Encerrado para férias até dia 3 de Setembro)

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE
CRUZADA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 508 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otavio Lissellani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

FÚRIA SILÊNCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

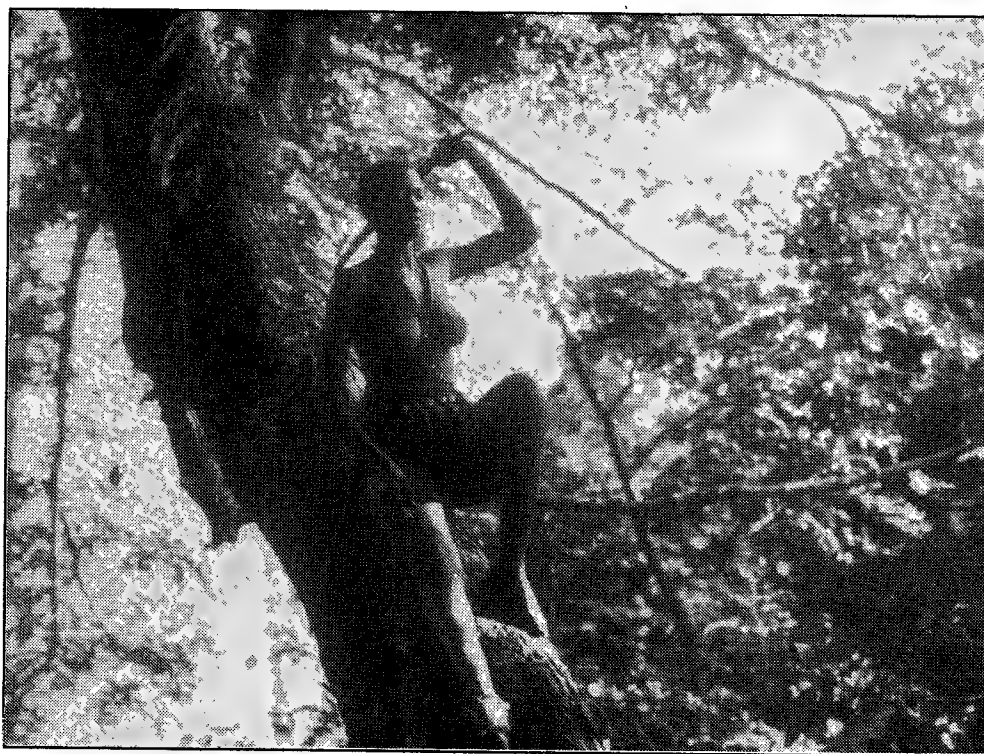
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

DURO DE ROER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45



«E Fez-se Luz», de Otavio Lissellani

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
UMA CASA ALUCINANTE II
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
CURANDEIRAS SEXUAIS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alameda
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
MANÍACO ASSASSINO
Filme de Kari Shea Ruben
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOTAS SÃO MAIS BELAS
QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

FILIPINAS REVOLUÇÃO SANGRENTA
Filme de Lino de Broja
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

NA CORDA BAMBÁ
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
LOUCA ACADEMIA DE SKI
Filme de Richard Correll
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
(Encerrado para férias)

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSE

Telef. 2752127
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465553
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OZEIRAS
CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
ATA-ME
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OZEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
CAÇA FANTASMAS II
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
DUROS DE ROER
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO

LISBOA

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45,
Domingos e Feriados, também às
16.00

VITÓRIA VITÓRIA
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

ALGÉS

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Augusto Pedrosa, 16-A -
T. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA,
OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes

OUTRAS

LOCALIDADES

MONTE ESTORIL

TEC

Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação
de Carlos Avilez

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça
dos Sonos; 17.00: Antena 1 - Regiões;
17.15: Porto d'Abriço.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; 17.00: Sete
Mares; 19.20: Musical; 20.00: No
Estúdio e no Estádio; 20.18: Musical;
21.30: Imaginário. Notícias de hora a
hora.

ANTENA 2

FM 2 - Estéreo

15.00: Música na Tarde. Suíte
orquestral extraída de «Les Indes
Galantes» de Jean-Philippe Rameau;
17.00: Música Vocal de Schubert,
Schumann e Weber; 17.30: «Fleas de
viol do cinquentame livro» de Martin
Moraes; 18.15: Música para violino de
Brahms e Stravinsky; 19.00: Integrals - A
Integral dos Três para Piano, violino e
violoncelo de Beethoven; 19.30: Album
Musical. Obras de Domenico Scarlatti,
Moussorgsky, Darius Milhaud, Gabriel
Faure, Vivaldi, Edward Elgar e Berlioz;<

SNOOPY POR SCHULZ

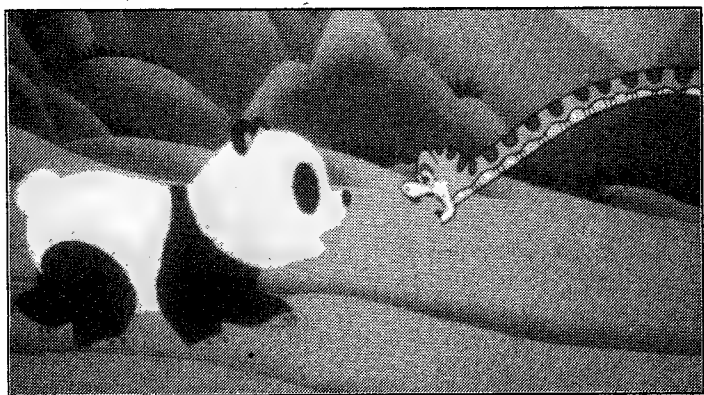


CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 16.25 - O CACILHEIRO DO AMOR
2º Episódio
- 17.10 - O MUNDO ANIMAL
Este documentário é dedicado às baleias, mamíferos cetáceos, cujo óleo e carne são utilizados na alimentação humana.
- 17.30 - BRINCA BRINCANDO
Com «A Baleia Décima», «Ferdie» e Tao-Tao
- 18.40 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
44º Episódio
- 21.10 - GUERRA DE ESPÍOES
Uma série baseada no romance de Corrado Augias. Roma, 1911. Giovanni Sperelli, antigo inspector da Polícia, vê-se envolvido num caso de assassinio duma prostituta quando é chamado para persuadir o seu velho amigo e colega, sargento Marchisio, para cessar a investigação. Intérpretes: Leo Gullota, Andrea Camilleri, Renzo Stacchi, Carla Calò.
Realização: Duccio Tessari
- 22.45 - LUTA PELA DEMOCRACIA
- 23.40 - MURPHY BROWN
20º Episódio



«Tao - Tao»,
em Brinca Brincando,
no 1º canal às 17.30



No 2º canal às 22.40, o 5º episódio da série «O Processo Franchise»

00.05 - 24 HORAS
00.35 - REMATE

RTP-2

- 15.20 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «Colte em Acção»
Bloco B: «Justiceiro»
- 17.00 - OS CENTURIÕES
20º Episódio
- 17.25 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
2º Episódio
- 17.50 - OS DESAFIOS DA LEI
18º Episódio: Skidmore resolve aceitar um caso que Dermott

rejeitou: um artista aborígene processa uma companhia de pronto-a-vestir pelo uso, não autorizado, de um desenho tradicional de roupa. Entretanto, Dermott começa a investigar um dos casos de Skidmore, mas vê-se a braços com a oposição dos colegas, que se apercebem de que ele é somente movido pela ambição.

- 18.45 - TI - TI - TI
4º Episódio
- 19.15 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus - O Duende» e «Uma Pequena Maravilha»
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»: Um recluso vive durante mais de 30 anos numa velha e estranha mansão. Torna-se suspeito quando um jovem que vive ali perto desaparece sem deixar rasto, depois de sair da escola. Mike Stone vai averiguar o que se passou.
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - EMOÇÕES
30º Episódio

- 21.50 - SINAIS DO TEMPO
- 22.40 - O PROCESSO FRANCHISE
5º Episódio

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24
- Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

AMANHÃ

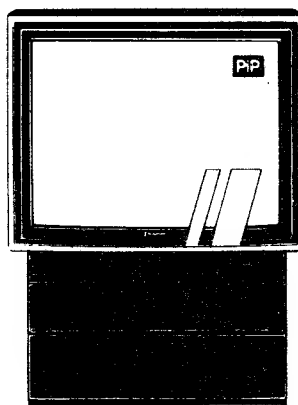
RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.30 - GUERRA E PAZ
- 14.25 - O MAR E A TERRA
- 14.50 - JAPAN - OIL IN CANVAS
- 15.50 - DESENHOS ANIMADOS
- 16.10 - A ILHA
- 17.00 - O MUNDO ANIMAL
- 17.20 - BRINCA BRINCANDO
- 18.45 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
- 19.10 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
- 21.10 - WOLF
- 22.10 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
- 22.55 - CHEFE MAS POUCO...
- 23.25 - 24 HORAS
- 23.55 - REMATE
- 00.10 - PELA NOITE DENTRO
«O Expresso da Meia-Noite»

RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.20 - OS SUPERGATOS
- 14.45 - ESPAÇO INFANTIL
- 14.55 - FILHOS E FILHAS
- 15.20 - AGORA, ESCOLHA!
- 17.00 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
- 17.25 - SEGREDOS DO MAR
- 18.20 - PRIMEIRO ANDAMENTO
- 18.50 - TI - TI - TI
- 19.20 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - PAGADOR DE PROMESSAS
- 23.10 - ROTAÇÕES
- 00.10 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

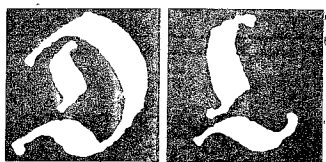
GIBEL
O SEU CABELEIREIRO

MAIS RÁPIDO
ECONÓMICO

EXTRAÇÃO DE PELOS

ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA

Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38



«João de Deus Pinheiro não cessa de agravar o seu caso, comprovando que apenas por equívoco na distribuição de papéis ocupa o lugar de chefe da diplomacia portuguesa»

Vicente Jorge Silva, «Público», 22.08.90

C R Ó N I C A

A PERGUNTA DO DIA



António Calejo Pinto
Gabinete do Serviço
Cívico dos Objectores
de Consciência

O que acontece aos objectores de consciência que se recusam a cumprir o serviço cívico?

«Desde o início do serviço cívico, em Março de 1989, que se tem verificado uma atitude de recusa por parte da esmagadora maioria das Testemunhas de Jeová a quem foi atribuído o estatuto de objector de consciência. Isto acontece, de maneira geral, em todos os países da Europa só que, enquanto pertencentes e esta seita religiosa constituem uma minoria, em Portugal eles representam cerca de 90 por cento dos 943 rapazes a quem já foi atribuído o estatuto. Na opinião das Testemunhas de Jeová, o serviço cívico não passa de um serviço militar disfarçado, o que me parece um disparate, dado que se trata de um serviço inteiramente civil e as pessoas que o estão a cumprir puderam, inclusivamente, escolher a instituição onde foram colocados. Segundo a lei, quem se recusa a cumprir o serviço cívico fica sujeito a uma pena até dois anos de cadeia e, portanto, o Gabinete vê-se obrigado a acionar os mecanismos nesse sentido. Até agora, as penas estão a variar entre 6 a 10 meses de cadeia e é dado ainda um prazo para que o condenado reconsidere a sua posição o que, até ao momento, ainda só aconteceu uma vez. Findo esse prazo, os réus são chamados a cumprir a pena.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Chiado: o fogo há 2 anos

Um artigo de F. Piteira Santos

Siga a Marinha que faz um vistão...

ENTREVISTA

Rogério Moreira, antigo dirigente da Juventude Comunista Portuguesa, foi uma das vozes jovens que se ergueram contra o imobilismo do PCP. Hoje, está um pouco afastado da vida política, mas continua esperançado nas possibilidades de mudança

«Ainda acredito na renovação do PCP»

D.L. - Abandonou a vida política?

R.M. - Não. Actualmente tenho, de facto, uma actividade política muito reduzida, por causas que, em alguns casos, me são alheias, mas não abandonei.

D.L. - Qual é a sua situação dentro da JCP?

R.M. - Não tenho funções. Estou numa situação pouco agradável que é a de não estar, quer na JCP quer no partido, inserido em qualquer organismo. Estou apenas a colaborar num grupo de trabalho que funciona ocasionalmente na JCP e nada mais.

D.L. - Continua, portanto, a ser comunista...

R.M. - Sim, continuo, com certezas mas também com algumas interrogações sobre o que significa ser comunista nos dias que correm. No entanto, continuo a perfilhar os objectivos que de algum modo tenho defendido ao longo da minha actividade política.

D.L. - Com mais certezas ou com mais dúvidas?

R.M. - Naturalmente com mais dúvidas. Quem não tem hoje? Mas também com grandes certezas quanto à necessidade de encontrar soluções que consigam resolver todo o conjunto de injustiças e de desigualdades enormes que persistem na sociedade em que vivemos.

D.L. - Ainda acredita na possibilidade de renovar o PCP?

R.M. - Sim, claro que acredito. De outro modo não manteria a minha militância no partido. No último congresso houve algumas transformações de sinal positivo, embora insuficientes, do meu ponto de vista. De qualquer forma, ainda que a um ritmo muito inferior ao que são os meus desejos e de os desejos de outros camaradas meus, têm havido algumas transformações no partido e penso que, desse ponto de vista, a renovação é possível. Mas, por outro lado, atitudes como a do encerramento e processo de despedimento em «o diário» constitui um mau sinal. A esse respeito, faço minhas as palavras de Luís Sá quando afirmou ao «DL» que o encerramento de «o diário» por causas não financeiras seria extremamente errado. Quanto às suas razões reais, são os próprios comunistas de «o diário» que as expõem e é lamentável que não lhes tenha sido permitido o direito de resposta na Imprensa partidária, como pretendiam.

D.L. - No entanto, os chamados «críticos» têm andado um pouco ausentes e já se terão apercebido de que o estatuto de crítico não se pode prolongar indefinidamente...

R.M. - Para alguns, esse estatuto levará

ao abandono do partido, como tem levado. Para outros poderá significar apenas que em momentos como os que antecederam os congressos exprimem as suas opiniões, tentam que elas vingam e que o colectivo partidário saia reforçado. Se elas não vingam, as pessoas não deixam de ter as opiniões que manifestaram, mas é natural que deixem de as expressar publicamente, regularmente. Isso não faria sentido e seria um exagero.

D.L. - O que pensa da forma como funciona, hoje em dia, a JCP?

R.M. - Acho que à Juventude Comunista falta sobretudo alguma imaginação e muita garra, que só seria possível no quadro de uma organização a funcionar, eventualmente, em moldes orgânicos mais abertos e, por outro lado, com uma participação

muito ampla, o que não sucede hoje.

D.L. - E acha que isso acontece nas outras juventudes partidárias?

R.M. - Não. Se algo vai mal na JCP, penso que nas outras vai muito pior. Nas outras organizações há defeitos e erros de monta. Na generalidade subordinam-se mais à luta pelo poder e pelo lugar futuro do que à capacidade de intervenção na resolução dos problemas dos jovens.

Creio que a JCP, nesse ponto de vista, é mais saudável.

D.L. - Que faz actualmente?

R.M. - Além de estar a concluir o curso de Economia constituí, com outros amigos e profissionais da área de informação, uma empresa cooperativa de comunicação e é a ela que dedico todo o meu tempo.

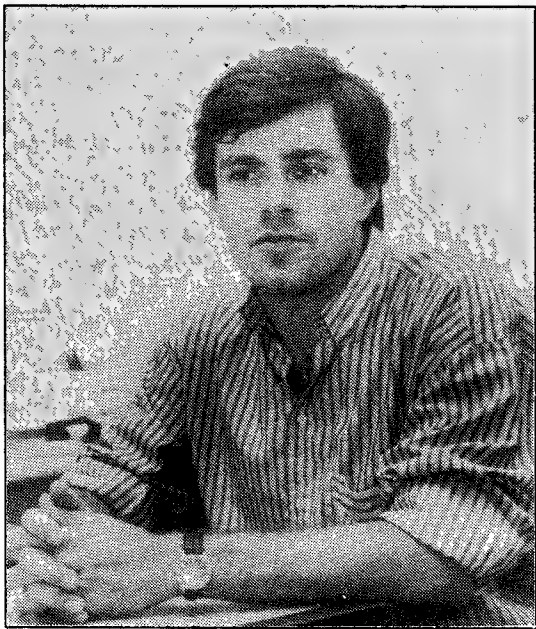
D.L. - Mas vai reassumir o seu mandato como deputado...

R.M. - Já reassumi o mandato, por razões estritamente pessoais, por me interessar não o perder mas, de qualquer modo, em pleno acordo com a direcção do Grupo Parlamentar e durante um curto período de tempo.

D.L. - Acha que perdeu tempo com a política, quando poderia ter feito outras coisas?

R.M. - É sempre difícil falar dessas coisas à posteriori, em particular para pessoas novas como eu. É difícil pensar se muitas das coisas que fizemos até hoje não poderiam ter sido substituídas por outras. É claro que haveria muitas coisas que gostaria de ter feito e que não fiz, mas acho que não seja tempo perdido porque aprendi muita coisa, continuo a aprender e tenho muito tempo pela frente para dedicar a outras actividades.

D.S.



Rui Pacheco

O Verão em Odivelas

Longos estes dias de Verão, e sossegados, para os moradores de Odivelas e suas cercanias. Tirando o mau cheiro da fábrica de sebo, que volta e meia -felizmente, já mais meia que volta- nos enche o juízo, a vida em Odivelas, por ora, é um sossego.

E nem digo isto porque um secretário de Estado nos prometeu ontem, neste mesmo jornal, um futuro radioso, repleto de CRIL's, CREL's, AE's e outras tecnocráticas siglas que nos fazem sonhar com o dia em que, mesmo de bengalinha, pela avançada idade, deslizaremos num ai dos arredores à Baixa. Digo-o porque estes dias em Odivelas são, efectivamente, um descanso e mais longos, por que acrescidos de algumas horas diárias de vida.

Sabem, vocês, os cidadãos, a maravilha que é chegar a casa a tempo de regar o jardim, à luz do dia, como aperitivo ao jantar? E não nos invejem, a nós, obrigados a acordar de madrugada, para ir à cidade ganhar a bucha, poderemos, agora, silenciar o despertador e gozar, regaladamente, mais uma hora de sono? Nestes longos dias de Verão, com os popós ao largo -foram a banhos, ao Algarve, ou andam por essas aldeias, a correr a foguetes nas romarias da Beira- a vida em Odivelas é um descanso.

O pior é que vem aí Outubro e lá vão ao ar essas duas horas diárias actualmente acrescentadas às nossas vidas: uma chama-se desespeiro e voltará a ser vivida, ao amanhecer, dentro das centenas de autocarros que, coladinhos uns aos outros, fazem bicha desde o fundo da Carriche até ao Campo Grande; a outra é para queimar na cidade, à noite, enquanto o rio de lata lança nos arredores o ímpeto mais forte do seu chifrim.

Até lá, só nos resta gozar o sossego e ir avisando os responsáveis pela despoluição do mar de lata, no Lumiar, quando o Outono chegar: se o eng. Abecasis não tinha de preocupar-se com a bola vermelha nas Carriches e nas Linhas de Torres -os desperperados cidadãos do autocarro de Odivelas não votam em Lisboa, nas eleições autárquicas- o mesmo não pode pensar o dr. Sampaio. Nas legislativas, esses votos contam todos.

E somos umas largas e desperperadas centenas de milhar, doutor!

Daniel Reis



A.M.A.

Auto Monumental do Arco

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894 185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa**

23 DE AGOSTO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Centrais: Água Tatuada, Jorge Fallorca; René Char, tradução de Vergílio Alberto Vieira; Ecos da Obra Nova, Helena Nunes Ribeiro; e Letras Francesas, Poetas de Fora, Luís de Miranda Rocha; e (pág. 8) Acabados de Chegar e «Nacos Subtis», Pedro Alvim

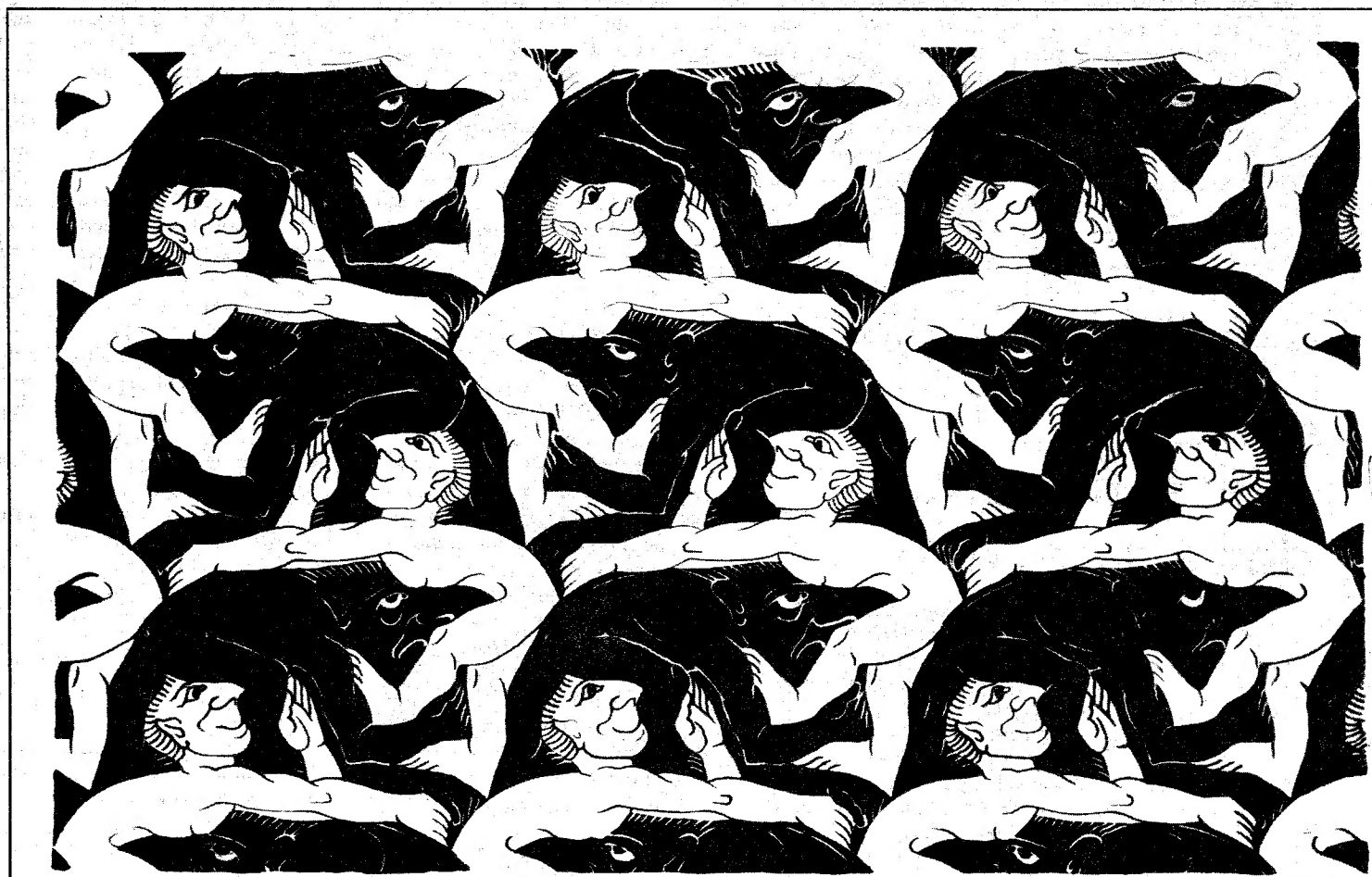
HORROR SHOW O ACROBATA

Um homem íntegro é uma benção da natureza, sobretudo quando consegue controlar os seus desejos ao ponto de não permitir que o corpo se movimente no encalço

do objecto, no todo ou em parte. Uma das faculdades do ser humano é a de estar presente, pelo pensamento, nos mais diversos locais, o que não constitui novidade. Já parecerá estranho, apavorante, não conseguir controlar os impulsos até ao inimaginável; tal constituirá a preocupação maior do homem escolhido para personagem central no nosso show. Impossibilitado de permanecer imóvel e enviar, meramente, o pensamento, sentia, com desespero compreensível, os membros destacarem-se-lhe do tronco e procurarem o que observava desejoso ou recordava com nostalgia. Tal particularidade acarretar-lhe-ia os maiores problemas, como será fácil supor: para além do factor estético e do terror espalhado à sua volta, sem pretendê-lo, imaginem sem uma perna sem corpo a acertar o passo pelo vosso, a mão que gentilmente vos prende pelo cotovelo, olharem e verificarem a ausência do dono, em street horror show!

Apresto-me a esclarecer que a personagem experimentava pânico compreensível, como no momento em que a encontramos, encostada a uma parede, olhando espavorida os que passavam por ela. Neste preciso instante, ostenta cabeça, tronco e a perna destacada; os restantes membros tinham-se deslocado; vislumbrou a perna esquerda do outro lado da avenida, os braços nem sequer os adivinhava. Um casal deteve-se na beira do passeio, muito próximo dele. Em determinada altura, o gritinho da mulher, o olhar esgazado do homem que a acompanhava e a agressão do inocente transeunte. O braço agarrava a mulher pela cintura! Que o sacudisse, que o sacudisse, pedia o homem que pretendia ser íntegro, descontrolado. Correspondeu o pedido, experimentou a sensação grata de pousar a mão direita no joelho da perna do mesmo lado; respirou com alívio e logo a seguir perguntou-se por onde andaria a outra perna, o outro braço.

Desalentado, voltou a encolher-se junto da parede, dissimulando, o melhor possível, a ausência dos membros, sem conseguir evitar que um passante lhe introduzisse uma moeda na mão disponível. Tentou balbuciar, nada disse, e arrepetou os cabelos. Por onde andaria a outra perna? E lembrou-se, com angústia suprema, de certa vez em que tivera de procurá-la, exaustivamente, até encontrá-la numa esplanada em companhia de muitas outras pernas. Um pormenor de muitas desagradáveis seria o de



não poder convocá-los, aos membros, regressariam quando lhes fosse inviabilizada a permanência junto do objecto que os levava a partir. Várias pessoas haviam contactado os jornais dando conta de acontecimentos estranhos, contactos que não eram desejados, nem considerados: um braço, uma perna à solta? Surrealismo puro! É fantástico! Há gente para tudo...

Ei-lo que olha em volta com um tique alucinante, piscava os olhos continuamente, se o não fizesse arriscava-se a que se destacassem, fossem como berlindes pela rua; e como haveria de tentar encontrar os próprios olhos? Com os dedos da mão direita sobre as pálpebras, relaxou-se por momentos, mas logo se recordou que era fim de tarde, se os não encontrasse, se não regressassem antes do anoitecer... E tentou recordar-se do que teria desejado nesse dia, sabendo nós quão difícil será uma memória retrospectiva de desejos sentidos à toa. Esforçou-se, rememorou todas as andanças e, de repente, uma tontura, a vertigem: lembrara-se da Luísa, contra vontade, mas quanto menos queria recordar mais lembrava. Apoiou a fronte na palma da mão, comprimiu as têmporas preocupado, exasperado.

Luísa sabia da "particularidade"; quantas vezes encenara para ela horror shows, em que o seu entusiasmo seria a exortação a acrobacias impensáveis? Fazia o pino sem o tronco, as mãos apoiadas no solo, as pernas verticalíssimas a um metro de distância, enquanto ria a um canto da sala; outras vezes, para que a exibição durasse mais, fazia piruetas na própria testa, em exercícios extenuantes de grande virtuosismo. Pedia a Luísa se dirigisse para o outro compartimento, jogassem às escondidas. E era o delírio. Em dias mais calmos, acontecia dedicar-se a espectáculos de sombras chinesas absolutamente indescritíveis, pelo que não poderei descrevê-los. E mais uma vez comprimiu as pálpebras, trêmulo, decidido a esperar pela noite para dirigir-se ao seu (deles, membro e Luísa) encontro: suprema ironia, ter de esconder-se por não poder mostrar-se, anulava toda a excitação; se fosse Inverno, ainda haveria o recurso da gabardina... E soltou um suspiro longo, relexou-se, sabia onde estariam. E vamos reencontrar, de novo, o maníaco da integridade, noutro ponto do burgo: muito a perna andara, o braço agarrado a ela, porventura. A integridade não tolera a mínima distração, concluiu, à mais

pequena tentação, quantas vezes risível, divide-se (felizmente não era filósofo, caso contrário, imaginam onde tudo isto poderia levá-lo?)

E transportou-se a casa de Luísa, como seria de prever. Tocou. Ninguém respondeu. Insistiu com um toque mais longo. Voltou a tocar. Ouviu então um gemido e logo deduziu o que se passava: o braço e a perna impediam-na, manietavam-na, sentindo-o próximo exageravam os malabarismos atrevidos, tentavam prolongar o momento. Ele esperou uns minutos e começou a pensar em grande velocidade: enumerando todos os pormenores, concentrou-se na Fernandinha, falara com ela havia horas, recordou até um sinalinho junto da orelha. A porta abria-se; sobressaltado, esquecera a Luísa por completo, lançou-se num gesto reflexo aos membros que tentavam ultrapassá-lo e, com firmeza e muita raiva, recolocou-os no devido lugar. Abraçou-se então em prazer inexplicável, em posse comovedora. Íntegro, o homem enlaçou os joelhos, e, apaziguado, apoiou neles a cabeça.

The show goes on...

Filomena Cabral

O NOME E A OBRA

Ao perfilar-se como um dos mais significativos vultos literários do pós-guerra, em França, e da cultura do século, René Char, desaparecido em 1988 com 81 anos, personifica um espírito de luta, exemplo de integridade, e de ascensão artística, actualmente, por factores conjunturais e históricos, difícil de encontrar, numa sociedade estigmatizada por razões de subserviência, dirigida militância, desproporcionada interferência da tecnologia e da subvenção capitalista impostas pelo liberalismo e pelo espectro consumista.

Com dezassete anos de idade realiza uma viagem à Tunísia, tendo frequentado irregularmente «les cours de lécole de commerce», em Marselha, e ingressado no Serviço Militar em Nîmes, em 1927, um ano antes da publicação de: «Les Cloches sur le Coeur», de que tentará destruir parte da edição, três anos depois do aparecimento do Primeiro Manifesto Surrealista, de André Breton, e do lançamento de «La Révolution Surréaliste».

Quando, em 1930, subscreve o Segundo Manifesto Surrealista, já o poeta se sente familiarizado com o grupo de quem partirá a onda de contestação à célebre Exposição Colonial de Paris, sintonizada com os primeiros movimentos revolucionários em Espanha, que visitará um ano depois na companhia de Paul Eluard e outros.

Paralelamente às actividades de intervenção cívica e política, dentro e fora do país, René Char desenvolve intensa vida literária, quer em revistas, quer em livro: «Marteau sans maître», saído em 1934 na Editora José Corti, depois de recusado pela Gallimard, ano em que adere às contramanifestações fascistas da Gare de l'Est e que são, por assim dizer, o fermento da decisão que, em 1942, o fará aderir à Resistência, e a quem será confiada a chefia do sector de segurança Durance-Sud.

Durante os últimos meses da ocupação, perde alguns dos mais próximos amigos, choque afectivo que culminará com a morte da mãe, em 1954.

Cinco anos mais tarde, inicia-se a publicação na Alemanha de uma recolha poética sua, prefaciada por Albert Camus, e em tradução de importantes nomes da cultura germânica, Paul Celan, por exemplo, sendo ainda o ano de 1959 a data do aparecimento de um dos títulos mais marcantes da sua produção literária: «La parole en archipel».

Pela redução das tiragens e pelas ilustrações a cargo de nomes tão importantes como Tanguy, Dali, Kandinsky, Picasso, Braque ou Vieira da Silva, as primeiras edições dos livros de René Char tornaram-se valiosíssimas, o que contribui, a par do elevado poder de sedução da sua escrita, para o colocar à cabeça dos grandes nomes da cultura francesa, embora considerado autor difícil devido ao hermetismo, de carácter esotérico, por vezes, de que se serve para ascender ao conhecimento poético.

Em 1983, toda a sua produção é reunida na colecção «La Pléiade», circulando à parte edições como «Voisinages» de Van Gogh (1985) e «Eloge d'une Souppçonée» (1988), saídos também na Gallimard, embora o último apareça nos escaparates três meses depois da sua morte.

A obra de Char abarca cerca de 24 títulos e uma antologia (1960), iniciando-se com a publicação de «Le tombeau des secrets», saído em Nîmes em 1930.

A partir do excelente volume de ensaio de Éric Marty, recentemente editado pela Seuil, na sua colecção *Les Contemporains*, pode inferir-se que, até 1987, nove títulos foram dedicados à obra do poeta, a par de cerca de 17 artigos, assinados por nomes como Bataille, Breton, Blanchot e Starobinsky, entre outros, em importantes revistas francesas.

Em colaboração com Tina Jolas, René Char reuniu em volume - *La Planche de Vivre*, traduções de Petrarca, Shakespeare, Blake, Shelley, Keats, de alguns poetas russos, como Maïakovsky, e de Lope de Vega e Miguel Hernandez.

Como há meio século escreveu: «Cativo, a vagariedade da hera desposei para o assalto à eternidade da pedra.»

Arthur Rimbaud

Fizeste bem cavar daqui, Arthur Rimbaud! Teus dezoito anos refractários à amizade, à malevolência e ao paternalismo dos poetas de Paris, bem assim ao zumbido da abelha estéril da família nas Ardenas, um pouco tola, fizeste bem exorcizá-los ao vento do alto mar, e afociná-los sob a lâmina da sua precoce guilhotina. Não te faltou razão para abandonar o boulevard dos párias, os botequins dos poetastros, e trocá-la pelo inferno dos carregadores, pela gíria dos contrabandistas e pela consideração dos mais simples.

Este cego impulso do corpo e da alma, esse tiro de morteiro que atinge o alvo abrindo-lhe um rasgão, é que são a vida de um homem! Não se pode esgarar interminavelmente o outro à saída da infância. Ainda que os vulcões a bem dizer não troquem de lugar, sua lava preenche o grande vazio do mundo e descobre virtudes que perfumam as chagas.

Fizeste bem zarpar, Arthur Rimbaud! Somos poucos, afinal, os que sem nenhuma certeza acreditamos que a sorte ainda é possível a teu lado.

O tubarão e a gaivota

Veio por fim o mar com seu triplo concerto, o mar que com a sua grandeza corta a hegemonia das dores absurdas, o grande cárcere selvagem, o mar mais sério que a marafona.

Assim, quando digo: anulei a lei, suspendi a moral, entreguei o coração, não é propriamente para dar-

me razão ante essa divindade cujo rumor estende seu aplauso para além da minha persuasão. Nada porém do que até agora me viu viver e convencer permanece à minha volta. Para nada já serve a vigilância das minhas sentinelas, minha juventude triunfará. Só ela me garante um poder actualizado e eficaz. Por isso, cada ano um dia puro eleger, um dia em que um tesouro esplende sob a espuma do mar, um dia em cujo olhar cintila a estrela solar. Ontem a nobreza era desdenhada, o ramo ignorava seus gomos. O tubarão e a gaivota não se falavam.

Ó tu, arco-íris dessa margem tranquila!, aonde aporta o batel da minha esperança. Faz com que o porto por achar seja outra aurora, um horizonte imediato para os que tropeçam na fadiga matinal.

René Char

Apresentação e tradução de Vergílio Alberto Vieira

Nota:

Os dois textos pertencem aos conjuntos: «O poema pulverizado» (1945-1947) e «A fonte narrativa» (1947) insertos em «Fureur et mystère», Edição Gallimard, 1962.

ÁGUA

Amão sobrevoa o livro em construção, como o olhar consome a demora sobre o espaço. Vigilância apertada entre tábuas impressoras, desaguando no silêncio da luz.

Ainda que acendam sombras, tudo quanto vejo é falso.

Água tatuada, ferida em pé sobre o olhar das aves que movem os dedos. Tudo o que atravessa a argila transpira no corpo da sombra, canta na curva do sal.

O que me esquece jamais sossega a pele da água.

Eu via - juntamente com a cal - a respiração tactear o horizonte. Nada manchava o espelho do teu olhar. Nada cicatriza o país de cócoras para o mar retroactivo.

É na levedura do rosto que a paixão ecoa e a água se encosta à luz.

Mais depressa que o labirinto orfão, a água desce a parede da tarde enquanto as canas sopram na paisagem. Só a travessia das cores transpira junto à mão ou o vidro despe a sombra.

Mesmo que a salamandra remende o fogo a tatuagem nunca apaga a pele.

Possessão arqueológica soterrada sob a pele do musgo. Os cardos encostam a cabeça à luz, os barcos descem o pó da areia, o ferro dorme debaixo da raiz do medo.

Só a água vela a penúria de um horizonte de lama ardente, como a cicatriz alastra ao vento.

A cor dorme na água nua. Só escreve quando o vidro cega a luz e o olhar devolve a náusea. É um horizonte riscado na pálpebra de uma pedra. Orfã. Apátrida no alvoroço dos cristais, sonâmbula nos túneis do vento.

Quanto mais se desce a parede da cor, mais

se respira o

Os dedos inaugura a no fim das entregue a cega.

Eu gostas Mas já não mastigar -

Redes de árvore. De ardósia da Faúlhas

Lua, cruza

Só o gu atómico. M iluminada atrás da so

ECOS DA

Os ensaios deste livro surgiram de uma comunicação apresentada por Umberto Eco no XII Congresso Internacional de Filosofia em 1958. Mais tarde, em 1962 apareceram com o título *Obra Aberta*.

Como assinala o próprio autor no prefácio da segunda edição de 1967, *se tivéssemos que sintetizar o objecto das presentes investigações, poderíamos apoiar-nos numa noção já adquirida por muitas estéticas contemporâneas: a obra de arte é uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significativo*. (p.48)

No ensaio «Análise da linguagem poética» do que se trata é de mostrar que esta é uma condição inerente a toda a obra de arte. Nos seguintes ensaios, «Abertura, informação, comunicação», «A obra aberta nas artes visuais» e «O acaso e o enredo» Eco considera que tal ambiguidade se torna - nas poéticas contemporâneas - uma das finalidades explícitas da obra, um valor a realizar de preferência a

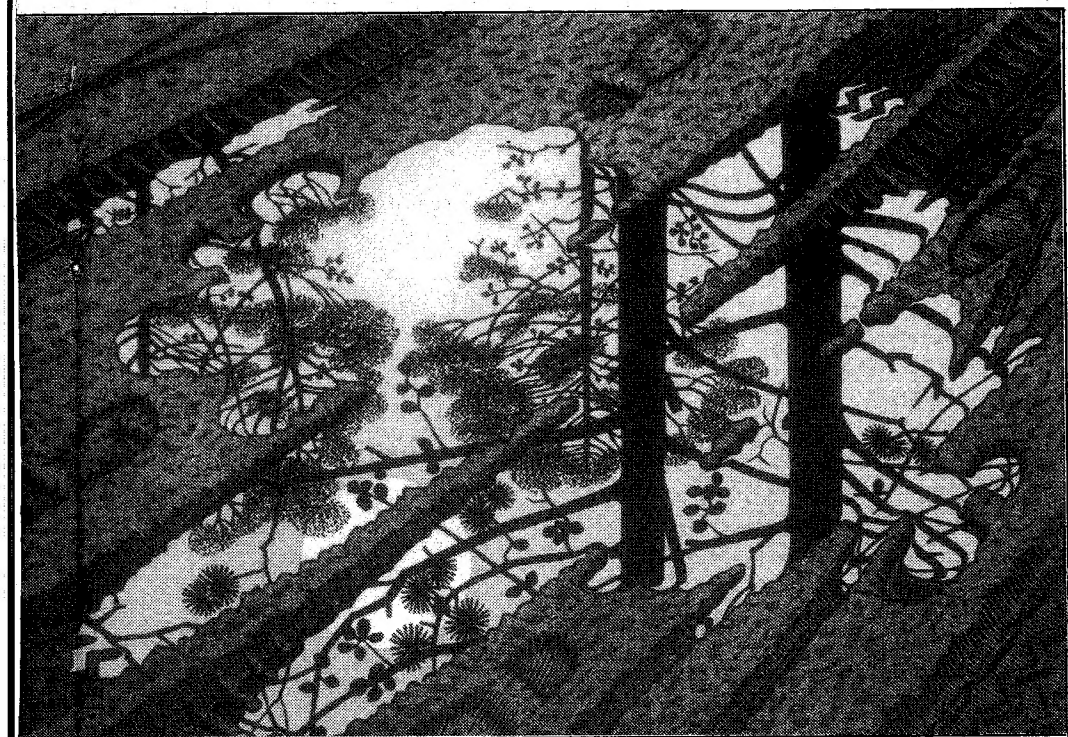
outros. A discussão teórica dos problemas é feita à luz do conhecimento pormenorizado da teoria da informação, da semiótica e da semiótica.

O projecto deste livro é da concepção da «obra» objecto dotado de propriedades estruturais definidas que permitem mas não coordenam, a alteração das interpretações, a múltiplas perspectivas. Segundo Eco, muitas vezes, para valor, os artistas contemporâneos apoiam em ideias de infusão, desordem, aleatoriedade, minação dos fins, tentam estabelecer o problema da relação entre a «forma» e o conteúdo, isto é, definir os limites de uma obra que pode realizar a sua actividade e depender da actividade do consumidor, sem de ser «obra». (p. 48).

É nesta perspectiva dos mais profícuos ensaios do livro Eco questiona a Teoria da Informação e as relações relativas à nomeadamente o que se torna a problemática que se faz entre informação e O problema que se co

literário

A TATUADA



espira com as mãos para dentro.

s dedos partem a água, como a tatuagem
figura a insónia. Só o vento ainda sobrevive
fim das águas. Por mais que a pele se
regue ao corpo, nada acorda a parede

u gostava de poder dormir junto do ar.
s já não sei como atravessar o sono -
stigar - ou arrepender-me de estar vivo.

edes de seivam calcorreiam as octanas da
ore. Depois repousam nas lagunas, perto:
lósia dando à margem.

aúilhas que trepassem, embaladas pela
a, cruzariam luzes cheias de ramos.

ó o gume da água segura este delírio
mico. Mesmo que a janela cante na ardósia
minada, pressente-se uma tribo de pêlos
ás da sombra.

Nem sempre o mar consegue adiar o rosto.

Sob o enxofre do olhar movimenta-se uma
paisagem adolescente. O vento é oblíquo. A
tarde amadurece numa ladaíinha de nódoas.
Mesmo as tábuas não sabem que fazer da
água.

É por isso - deve ser por isso - que tudo
levita à passagem desta tatuagem perplexa.

Ultimamente apoio-me muito na parede.
As vezes põem-me uma capa de sombras
pelos ombros, de onde assisto ao meu futuro.
É a sorrir no teu olhar que te estendo um
discurso de tábuas.

Já outros me disseram que não devemos
sair à rua com rostos alugados.

o Jorge Fallorca

A OBRA ABERTA

ssão teórica destes
eita à luz de um
pormenorizado da
rmação, da cibe-
miótica de Morris.
este livro parte pois,
a «obra» como um
de propriedades
definidas, que
mas também
a alternância de
a mudança de
Segundo Eco dado
es, para realizar tal
s contemporâneos se
as de informalidade,
toriedade, indeter-
s, tentou-se também
oblenma de uma dia-
orma» e a «abertura»:
s limites dentro dos
ode realizar a máxima
pendêr da intervenção
nidor, sem aliás deixar
(p. 48).

spectiva que num
cuos ensaios deste
stiona a partir da
rmação as questões
à recepção,
e o que diz respeito
a que se gera em
essária distinção a
rmação e significação.
ue se coloca é o da

inadmissibilidade de equivalência
entre a significação de uma
mensagem e a informação que ela
transmite. É que a quantificação
proposta pela Teoria Matemática
da Informação exige uma série de
abstracções que subestimam dois
dos elementos fundamentais de
qualquer processo comunica-
cional: o receptor e o ruído.

Um dos problemas que Eco se
coloca é o de que uma mensagem
rica em informação porque
ambígua, é por isso mesmo de
difícil decodificação. Daí a
necessidade de repensar o
problema da recepção das
mensagens jogando com as noções
de ruído e redundância devidamente
articuladas com os conceitos de
informação e significação.

Da polémica que se gerou na
época em torno deste livro, se dá
conta nesta edição num breve texto
introdutório - *Obra Aberta*: o
tempo, a sociedade. É talvez aqui
que o leitor hoje pode encontrar
resposta sobre a actualidade das
ideias de Eco da *Obra Aberta*, ele
próprio afirma: *Considero-a um
trabalho pré-semiótico (...) Naturalmente que agora qualquer
pessoa me poderia perguntar se eu já
estaria em condições de reescrever a
Obra Aberta à luz das minhas*

*experiências semióticas (...). Acerca
disto serei muito imprudente e
decidido. Já o fiz. Trata-se do ensaio
«Geração de mensagens estéticas
numa língua edénica». (p. 11) E é
exactamente este fabuloso texto
de dezasseis páginas que conclui
a presente edição da Difel.*

Obviamente a problemática da
Obra Aberta sofreu
desenvolvimentos posteriores que
hoje a colocam no inevitável lugar
de uma obra datada. No que diz
respeito a um dos seus eixos
fundamentais - o que se gera em
torno do lugar do leitor - é esse
exactamente o sentido do trabalho
de Eco nomeadamente em *Leitura
do Texto Literário*.

Apesar de tudo, ainda hoje a
Obra Aberta constitui uma leitura
de referência fundamental e como
adverte o próprio Umberto Eco:
*Antes de mais, estes não são somente
ensaios de estética contemporânea
(não elaboram, mas antes pressupõem
uma série de definições de artes e
valores estéticos): são antes ensaios
de história da cultura - e mais
precisamente de história das poéticas*
(p.49)

Helena Nunes Ribeiro

(Umberto Eco, *Obra Aberta*, Difel,
1989, 322 págs. Revisão de Pedro
Dourado e Fernando Oliveira.)

LETRAS FRANCESAS,
POETAS DE FORA

Para valorizar docu-
mentalmente e
ajudar à difusão da
iniciativa «Letras
Francesas» em
Portugal, o Instituto
Português do Livro
e da Leitura fez sair um catálogo
titulado justamente «Letras
Francesas», edição de dez mil
exemplares que foram gratuita e
profusamente distribuídos na
altura própria (mas de que só há
poucos dias tivemos conhecimento
- atraso que tem a ver com o facto
de não vivermos em Lisboa).

A iniciativa «Letras Francesas»,
recorde-se, retribuía outra, esta
«Letras Portuguesas», levada a
efeito em Paris há cerca de dois
anos - e então muito festejada. Do
catálogo, de 36 páginas, constam
mais de duas centenas de autores
- muitos deles com apenas
indicações dos principais títulos,
principalmente os traduzidos e
disponíveis no mercado português,
mas outros, os mais conhecidos,
com essa indicação e ainda uma
súmula ou um apontamento muito
breve sobre este ou aquele aspecto
mais saliente da respectiva obra.

Apresentado por José Afonso
Furtado, a título de comissário
português para as «Letras
Francesas», é (a parte textual,
informativa) um trabalho de Nuno
Júdice. E é um trabalho bem feito,
decerto, e sobretudo se confrontado
com as limitações que não
poderiam deixar de ser impostas a
uma iniciativa assim.

Todavia, e decerto explicável
tanto pelas limitações como pela
realidade a que se prende e em
que se enquadra - é também um
trabalho com falhas. A maior parte
destas falhas diz respeito a autores
e obras traduzidas em português e
editadas em Portugal. E as mais
importantes são de poetas e obras
poéticas - que não tiveram tradução
e edição em português e em
Portugal, mas de que, por isso
mesmo, são mais visíveis e
suscitadoras de reflexão, para além
da estranheza que logo às primeiras
impressões se sente.

Reconhecendo, embora, as
validade das razões utilitárias que
explicam a ausência de autores e
títulos há mais tempo editados - e,
por isso mesmo, indisponíveis nas
editoras (algumas, aliás, já
encerradas) e inencontráveis no
mercado -, não se pode deixar de
assinalar a falta que fazem sentir
nomes como Emanuel Roblés, Jules
Roy, Elsa Triolet, Roman Gary, Loys
Masson, Jean Reverzy, Josef Kessel,
Benjamin Peret, André Maurois,
Henry Troyat, José Cabanis, Yves
Gibeau, Jean Cayrol, e muitos
outros -, mas citamos apenas os
mais (nossos) conhecidos, de obras
editadas há dez, vinte, trinta anos,
e que estão longe de ser referências
secundárias das letras francesas
deste século XX.

De outros autores notar-se-á a
ausência de alguns títulos já
traduzidos e editados: Simone de
Beauvoir, Pierre Benoit, Albert
Camus, Gerard Genette, André

Breton, Valery Larbaud, Robert
Sabatier, Michel Butor, entre outros,
têm, em português e em Portugal,
traduzidos e editados, muito mais
títulos do que aqueles que constam
do catálogo (e em muitos casos de
textos que foram avidamente lidos
por duas ou três gerações, por vezes
casos muito recentes, Genette, por
exemplo).

Num curto apontamento como
este não cabem exemplos
ilustrativos. Mas cabe dizer que
não parece justa a redução aos
dados fornecidos pelas editoras
sobre os títulos disponíveis no
mercado. O alargamento a títulos
esgotados (às vezes, que nem
sempre, de editoras extintas ou
desactivadas) mostraria bem
melhor a importância não só das
letras francesas deste século, mas
também, e principalmente, do
interesse e da capacidade da
recepção portuguesa - além da
capacidade editorial.

De qualquer forma, a ausência
que mais se sente nem terá tanto a
ver com isto (a supressão de
referências - entretanto
desactualizadas pela evolução do
mercado, da oferta, da procura);
terá a ver mais com a poesia, com
os poetas.

Certamente, os critérios usados
explicam tais ausências. Mas nem
por isso se pode deixar de assinalar
que neste catálogo de escritores
franceses do século XX quase não
há poetas - para além de Éluard.
Faltam, entre outros, René Char,
Jean Tortel, Norge, André Frenaud,
Guillevic, André du Bouchet, Yves
Bonney, etc., etc., etc.

Por outras palavras, falta pode-
se dizer que praticamente toda a
poesia francesa contemporânea.

E alguns autores até já tiveram
livros traduzidos em português e
editados em Portugal: Guillevic,
por exemplo.

Outros, não: apenas alguns
poemas, avulsos, em revistas, em
jornais.

Não quer dizer grande coisa a
respeito da qualidade da poesia
francesa deste século: quererá dizer
algo mais sobre a incapacidade
portuguesa para a traduzir, editar,
ler (em português - e não haja
ilusões crentes de que os
interessados lêem em francês, não
precisam de traduções).

Nada de surpreendente: o que
se passa em português e em
Portugal com a poesia francesa
passa-se também (em português e
em Portugal) com outras poesias -
a espanhola, a inglesa, a alemã,
etc.

Os portugueses nunca foram
grandes leitores de poesia
estrangeira - nem em língua
estrangeira, nem em traduções
portuguesa.

Os portugueses, entre eles os
próprios poetas obviamente. Foi
sempre fácil - e teve sempre acepção
pejorativa, decerto, embora certa
por vezes se proponha como elogio
- dizer que Portugal é um país de
poetas. De leitores de poesia, talvez
menos.

Luís de Miranda Rocha

ACABADOS DE CHEGAR

Perturbação

Thomas Bernhard
Relógio d'Água

Eis aqui um romance não aconselhável (como habitualmente se diz...) a pessoas demasiadas sensíveis. O romance expõe os sentimentos de um jovem que em companhia do pai médico visita alguns doentes. Ora existem seres em quem a obsessão da morte intensifica a vida, outros a quem paralisa todos os gestos... Afirme-se, como referência, que em Thomas Bernhard (escritor austríaco falecido em Fevereiro de 1989), havia uma estranha conjunção desses estados de alma. Daí, pois, o interesse de que se reveste este título. - Tradução de Leopoldina Almeida e capa de Fernando Mateus.

Primeiro Amor e Outras Mágoas

Harold Brodkey
Editorial Teorema

Nove histórias que traçam com sentido de humor (impiedoso e fino) o retrato das classes médias-altas americanas e (lê-se na contracapa) «dos seus amores e

lazers.» Levados pela curiosidade iremos ler o livro. Segundo aquela editora, o estilo de Harold Brodkey e o seu domínio da linguagem, neste volume de contos que é já um clássico, «prenunciam o que de melhor e mais moderno se vem escrevendo na América.» - Tradução de Carlota Pracana e capa de Luís Gravato.

Histriões

António Sá

Átrio

Uma série de sete contos, que merecem referência oportuna, tendo como fundo a planície. O tom não é meramente realista, havendo pormenores insólitos que captam a atenção do leitor. Escrita escorreita, ou melhor, escrita que narra, contornando os eventos com pertinência. Coleção Terra do Fogo. Um livro a não menosprezar. - Capa exibindo pormenores do quadro «Les Roulottes» de Van Gogh.

Juliano

Gore Vidal

Pub. Dom Quixote

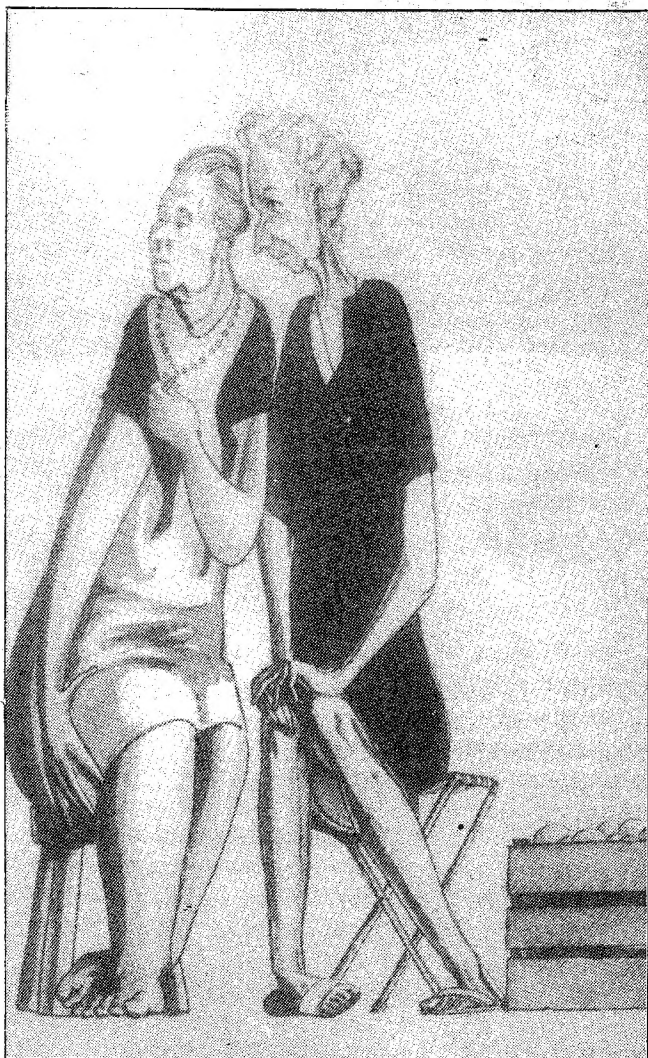
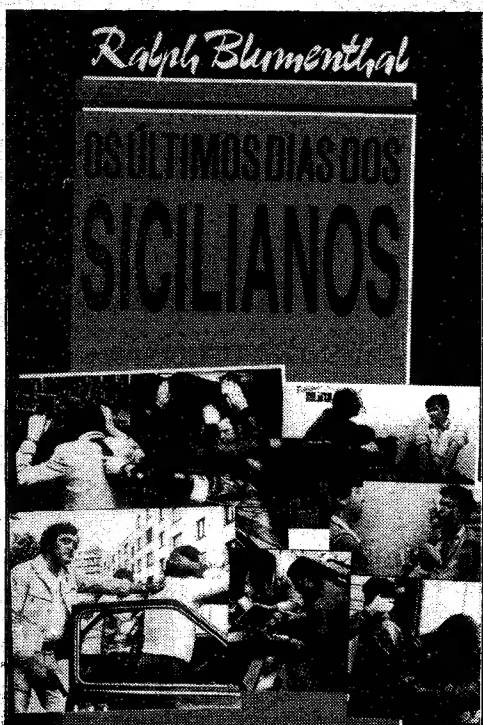
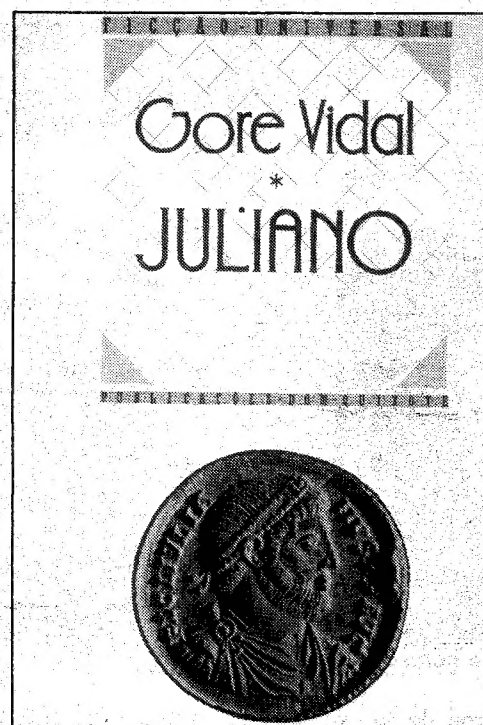
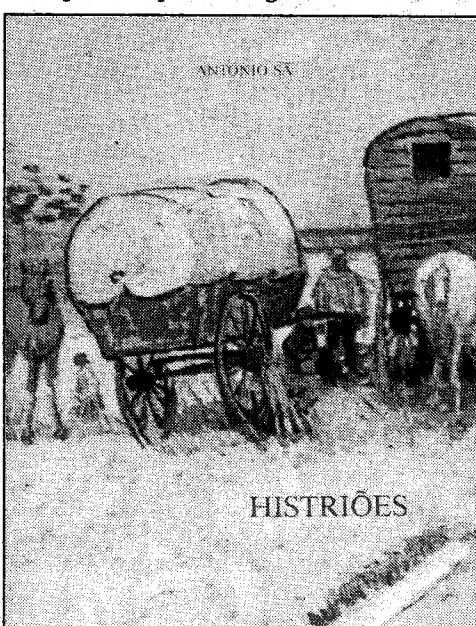
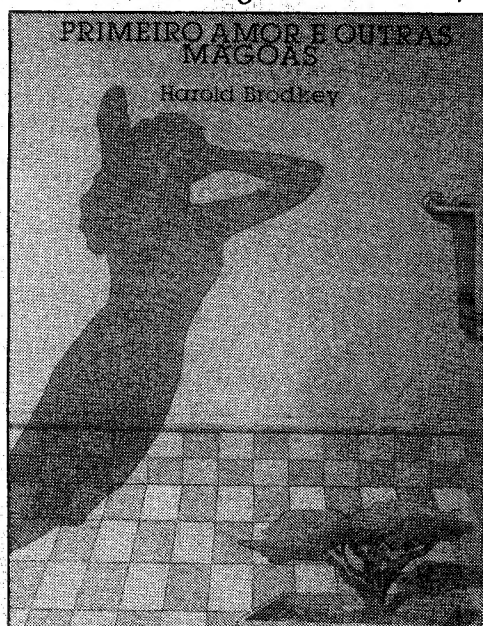
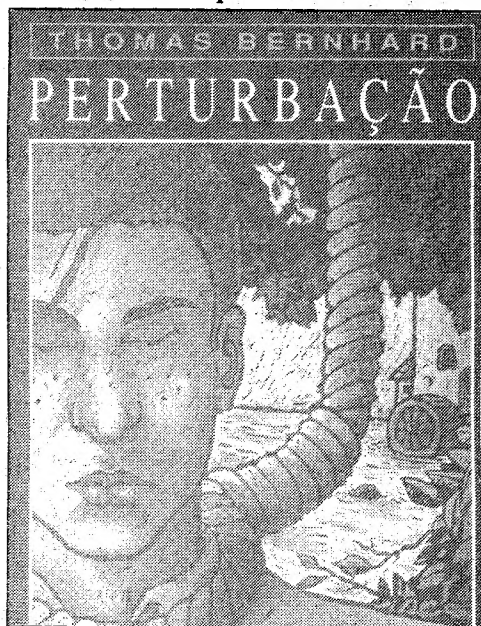
No seguimento de «Memórias de Adriano», de Marguerite Yourcenar, e

de «Eu, Cláudio», de Robert Graves, tem agora o leitor a biografia imaginária do Imperador Juliano, o Apóstata. Nascido em 1925, Gore Vidal publicou com apenas 19 anos o seu primeiro livro, desde logo considerado um dos melhores romances de guerra dos Estados Unidos. Entre as suas obras mais conhecidas, destacam-se, para além do presente volume, os romances «Washington D. C.» e «Criação», já editados por Publicações Dom Quixote. - Tradução de Carlos Leite.

Os Últimos Dias dos Sicilianos

Ralph Blumenthal
Bertrand Editora

Para os interessados: um livro que relata aquilo que se pode considerar o assalto do FBI à «Pizza Connection», organização que começou quando terminou a «French Connection». Relato sobre um dos mais impressionantes golpes desferidos nos grandes traficantes do crime. Livro documental, pleno de acontecimentos, de suspense feita de realidade. - Tradução de Luís de Almeida Campos e capa de Jorge Machado Dias.

«NACOS SUBTIS»
DE TERRAS AFASTADAS

Nem pela capital, Lisboa, ou por outras cidades de nome sonante, a cultura se ergue e se implanta. Um exemplo nos vem agora de Tondela, poemas e desenhos numa brochura de agradável aspecto gráfico, intitulada «Nacos Subtis». Trata-se da primeira edição da Acert (Associação Cultural e Recreativa de Tondela), oferecendo-nos os nomes de Paulo Cid (poeta) e José Tavares (ilustrador).

Atente o leitor (e logo nos sentimos tocados de maneira profunda) no poema de abertura: «À minha liberdade / Nem aos deuses consinto / Limitações. // Tenho a liberdade / De saber que não sou livre.» Sem dúvida alguma que estamos perante um conceito, de feição filosófica, a qual, em certa medida, constitui a assinatura do poeta.

Não se pense, porém, que Paulo Cid faz questão de sempre se manter nas alturas do pensamento puro. Que

seleia, muito decá da terra, o poema «Astros e Mãos e Pêlos Misturados», que é, integralmente, como segue:

«Astros e mãos e pêlos misturados / Perspectivas e traços e momentos / E duas mulheres enormes deformadas / No mercado sentadas e laranjas // Anjos e casas velhas e telhados / Templos e flores mortas e pecados / E duas mulheres enormes deformadas / No mercado sentadas e laranjas // Velas e mar ausente e praia longe / Medos e céu pesado e noites frias / E duas mulheres enormes deformadas / No mercado sentadas e laranjas // Escamas e jornais e pés descalços / Ruas e gente humilde e nevoeiro / E duas mulheres enormes deformadas / No mercado sentadas e laranjas.»

Mesmo que detectemos neste poema uma certa influência de Cesário Verde, a verdade é que, mesmo admitindo tal, não podemos menosprezar que semelhantes versos foram concebidos «in loco», isto é, em Tondela, com o ar que a rodeia,

as pedras das suas ruas, a fachada dos seus prédios. Aí reside, quanto a nós, o seu valor.

E já com um outro sentido, tocando numa certa portugalidade muito nossa:

«Coma com pão / O silêncio / E a miséria / Diária // Conte / Os dias contados / E morra / De tédio // Vendido / O que resta / Beba / Gasolina // Compre / Lotaria / A sorte / É dos outros // Atravesse o rio / Sem qualquer motivo / E veja da margem / Se ficou na outra // Tome o seu café / Sossegadamente / A pátria ficou / No fundo da chávina.»

Um poeta, na verdade - e os desenhos, ora realistas, ora não realistas, de José Tavares, em tom de sépia, conferem a «Nacos Subtis» um tom docemente antigo no tempo veloz e moderno em que nos vamos vivendo... Uma grata surpresa: um demorado passado no presente breve.

Pedro Alvim